



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

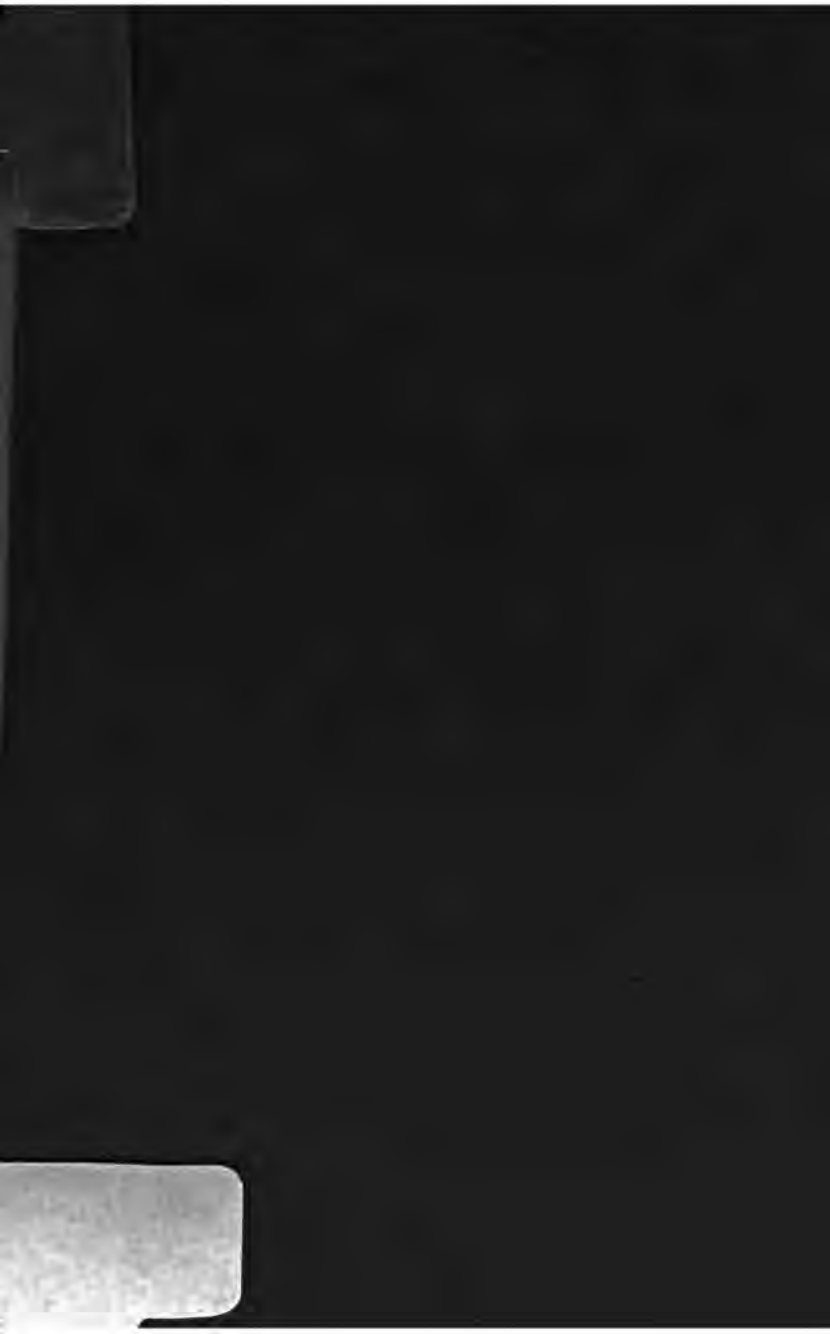
Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

NYPL RESEARCH LIBRARIES



3 3433 07139372 6





C-10

8683

Revised

No F.º Class.
BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

(VOLUME XXXIII)

CHRONICA
DE
EL-REI D. JOÃO II

POR

Garcia de Resende

CONTENDO A INTERESSANTISSIMA MISCELLANIA

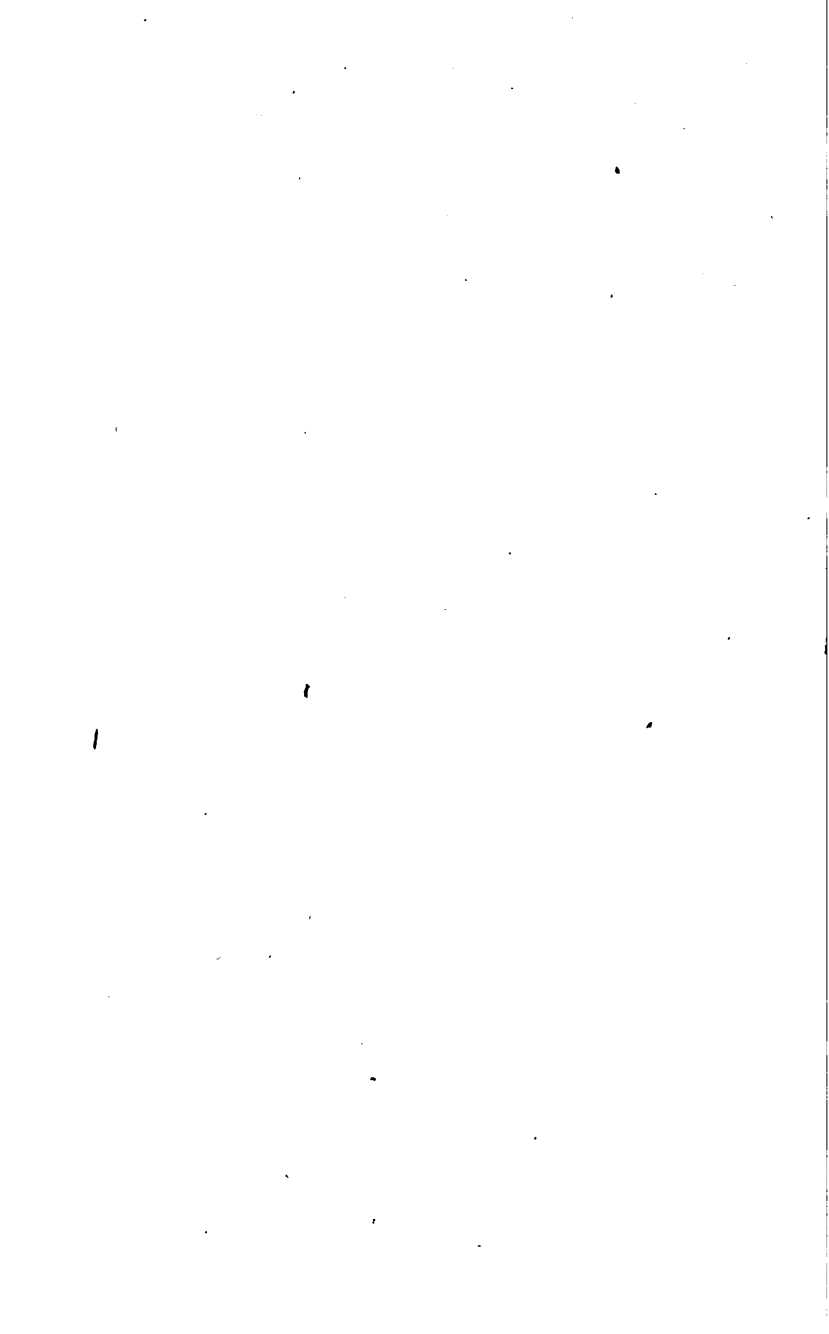
CONFORME A EDIÇÃO DE 1622

VOLUME II

ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

1902



4009 - J. de Barcellos

BIBLIOTHECA
DE
CLASSICOS PORTUGUEZES

PROPRIETARIO E FUNDADOR

MELLO D'AZEVEDO



271/B
BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

Proprietario e fundador — MELLO D'AZEVEDO

. (VOLUME XXXIII)

CHRONICA DE EL-REI D. JOÃO II

POR

Garcia de Resende

CONTENDO A INTERESSANTISSIMA MISCELLANIA

CONFORME A EDIÇÃO DE 1622

VOLUME II

ESCRITORIO

147=RUA DOS RETROZEIROS=147
LISBOA

—
1902





CAPITULO LXXIII

Do conselho que teve El-Rei sobre o casamento do Principe

ESTANDO El-Rei em Almada, no mez de Agosto d'este anno de mil e quatrocentos e oitenta e oito, teve conselho com todos do seu conselho que presentes eram, sobre o casamento do Principe seu filho. Porque como atraz se disse ao tempo que as terçarias se desfizeram em Moura, foi desatado o casamento do Principe com a Infanta D. Izabel, e ficou concertado com a Infanta D. Joanna mais moça. Ficando logo declarado, que se ao tempo que o Principe houvesse idade perfeita para contratar matrimonio por palavras de presente, a Infanta D. Izabel que era maior estivesse por casar, que o Principe casasse todavia com ella, assim como de primeiro fôra concordado.

E porque o Principe então entrava em idade de quatorze annos e a dita Infanta D. Izabel não era casada, quiz El-Rei saber o que neste caso faria: sobre o qual accordou de o fazer assim saber a El-Rei e á Rainha de Castella por Ruy de Sande, que então

era moço da camara, e a El-Rei mui' aceito, que depois foi D. Rodrigo de Sande, do conselho, e homem de muita valia e de muita renda. E com cartas d'El-Rei foi aos ditos Reis que por elle logo responderam sua final determinação ser darem ao Principe a Infanta D. Izabel por mulher.

E não na quizeram dar ao filho maior do Rei dos romãos, que no mesmo tempo lh'a mandava requerer: e de Valhadolid despediram os seus embaixadores sem lha quererem dar; e assim El-Rei de França e de Napoles que sobre o casamento da dita Infanta D. Izabel houve grandes requerimentos e muitas pendencias.

E com este recado que Ruy de Sande trouxe houve El-Rei muito grande prazer e contentamento; e logo foi certificado que no anno que vinha se havia de fazer o dito casamento. Para o qual El-Rei logo começou de dar ordem e aviamento para as grandes festas que ordenou de fazer; e para todas as outras cousas necessarias. E de Almada no Setembro logo seguinte, com toda sua côrte se partiu para Setubal.

CAPITULO LXXIV

De como em Inglaterra foi preso o conde de Penamacôr

FOI El-Rei neste anno certificado que o conde de Penamacôr, não cansando de proseguir com suas forças e pouco poder a deslealdade que contra elle e seu estado e serviço já começara, era passado a Flandres e a Inglaterra, e só com seu nome mudado em Pero Nunes, comprava mercadorias e cousas para os tratos e resgates de Guiné; e andava

requerendo e convidando pessoas e armadores d'aquellas terras para isso, que já em alguma maneira se aparelhavam. E El-Rei por atalhar cousas de tanto seu desserviço, ordenou de mandar a Inglaterra em uma caravella muito bem armada a Alvaro de Caminha, cavalleiro de sua casa, que depois foi capitão da ilha de S. Thomé, para que com algum engano ou dissimulação prendesse o dito conde e o trazer a estes reinos, ou mata-lo quando mais não podesse. E nenhuma cousa d'estas o dito Alvaro de Caminha pôde fazer nem teve logar para isso, e se veio.

E El-Rei sobre o caso tornou a mandar lá João Alvarez Rangel, cavalleiro de sua casa, com instruções e cartas para El-Rei de Inglaterra em que lhe dava conta da deslealdade do dito conde, pedindo-lhe que por exemplo de Reis e mais d'elle, que para bem de suas leanças e amizades era a isso mui obrigado, o quizesse mandar prender e entregar-lho, para nestes reinos segundo suas culpas se fazer justiça d'elle, ou ao menos fosse lá preso, e para sempre mettido em carcere perpetuo.

E El-Rei de Inglaterra por em alguma maneira satisfazer a seus requerimentos mandou prender o dito conde no castello de Londres. Do que El-Rei foi logo avisado e com muito prazer despachou logo com muita brevidade por embaixadores a El-Rei de Inglaterra o licenceado Ayres d'Almada, corregedor em sua côrte dos feitos civeis, que mui em breve por mar foi lá onde ainda o dito conde era preso, e com muitos fundamentos de direito e de suas ligas, requereu que do dito conde se fizesse entrega ou justiça, qual mais parecesse razão.

E finalmente El-Rei de Inglaterra depois de sobre o caso haver conselho, se escusou e não consentiu em nenhum d'aquelles dois requerimentos. E

houve por bem que por socego e segurança do que a El-Rei cumpria o dito conde estivesse em prisão, na qual esteve algum tempo, e depois com mudanças que o tempo traz, foi solto da dita prisão, e se veio a Barcelona onde El-Rei e a Rainha de Castella estavam, ao tempo da entrega de Perpinhão, e d'ahi se foi a Sevilha onde tinha sua mulher e filhos, e d'ahi a poucos dias falleceu.

CAPITULO LXXV

De como captivaram D. Antonio, filho do conde de Villa Real, que era capitão em Ceuta

NESTE anno de oitenta e oito, estando El-Rei em Benavente, lhe veio recado como D. Antonio, filho segundo de D. Pedro de Menezes conde de Villa Real, que depois foi marquez o primeiro de Villa Real, estando por capitão na cidade de Ceuta fizera uma entrada em terra de mouros, e trazendo uma boa cavalgada acudiu sobre elle tanta gente dos mouros, que lhe pareceu que se não poderiam salvar senão pelejando com elles, o que fez com muito ardil e esforçado cavalleiro, e pelejou com elles valentemente, e por os mouros serem muitos, D. Antonio foi muito ferido e captivo, e foram mortos muitos christãos, em que morreram algumas pessoas principaes, nos quaes entrou Christovão de Mello, alcaide mór d'Evora, muito valente cavalleiro e pessoa de preço, e Simão de Sousa, filho do commendador mór de Christo, e Martim Vaz da Cunha, senhor de Tavora, e Fernão Coutinho e outros, os quaes todos morreram como esforçados cavalleiros, matando primeiro muitos dos mouros.

A qual nova El-Rei muito sentio, porque tinha muito boa vontade ao dito D. Antonio, e o tinha em muito boa conta, e assi a Fernão de Mello, e aos outros, e com muita diligencia mandou logo á dita cidade socorro, e outro capitão. E Barraixe como sabedor teve maneira como houve D. Antonio ás suas mãos e o deu, e resgatou pelos arrefens que por elle e seu resgate estavam em Tangere em poder de D. João de Menezes que o captivou, e assi foi o dito D. Antonio livre e tirado de captiveiro por troca de Barraixe.

CAPITULO LXXVI

Da armada que El-Rei mandou fazer para Africa, de que foi por capitão Fernão Martins Mascarenhas, e o que fez

COMO os desejos d'El-Rei eram fazer sempre guerra aos Infeis, e porque se fazia prestes para em pessoa passar em Africa, neste anno de oitenta e oito determinou de mandar uma armada sobre um ardil que lhe tinha dado, e nella por capitães Fernão Martins Mascarenhas, seu capitão dos ginetes, e Ayres da Silva seu camareiro mór, e com elles quinhentos de cavallo, gente escolhida dos livros d'El-Rei, e mil homens de pé, besteiros e espingardeiros.

E estando já prestes para embarcarem e partirem, veio a El-Rei recado dos capitães d'além, estando em Almada, como a terra d'Africa era avisada da dita armada, e com medo seu se guardavam muito e velavam, e punham suas pessoas e fazendas em salvo. Pelo qual a mais da dita armada se desarmou, e man-

dou El-Rei então o dito Fernão Martins Mascarenhas com trinta caravellas e taforeas, e com elle cento e cincoenta de cavallo, homens fidalgos e cavalleiros de sua guarda. Os quaes tanto que desembarcaram em Arzila se ajuntaram por concerto que d'antes tinham assentado com D. João de Menezes, capitão de Tangere, e com o conde de Borba que estava em Arzila, os quaes todos fizeram quinhentas lanças, e quatrocentos homens de pé.

E assi juntos foram correr ao campo d'Alcacer Quibir, além da ponte, onde os mouros estavam sem receio dos christãos, onde até então gente de guerra dos christãos não chegara. E entraram em uma aldeia grande, d'onde trouxeram captivas duzentas e cincoenta almas, e mataram muitos mouros, e tomaram muita prata e ouro, e muitos despojos, e do campo trouxeram muito gado e grande cavalgada de bestas, e sem damno algum dos christãos saíram a elles mil e setecentos mouros de cavallo, e muita gente de pé, e não ousaram de pelejar com elles. E os christãos muito a seu salvo trouxeram tudo a Arzila, onde por seu costume tudo foi repartido.

E estando El-Rei ainda em Almada lhe escreveram os capitães este feito, com que El-Rei folgou muito.

CAPITULO LXXVII

Do que El-Rei fez indo com a Rainha a vêr correr touros em Alcochete

ESTANDO El-Rei em Alcochete, indo um dia de casa a pé com a Rainha, e damas e senhores e muitos fidalgos a vêr correr touros no terreiro junto da igreja, acertou que metendo um

touro na cancella fugio do corro e veio por a rua principal por onde El-Rei ia, e diante do touro vinha muita gente fugindo com grande grita.

Foi o receio tamanho nos que iam diante d'El-Rei que todos fugiram'e se metteram por casas e travesas. E El-Rei só, tomou a Rainha pela mão, e poz-se diante d'ella com a capa no braço, e a espada apunhada com muito grande segurança, esperou assim o touro, que quiz Deus que passou sem entender n'elle. De que muitos fidalgos, e outros homens ficaram mui envergonhados e elle com muita honra, e foi sorte que se a El-Rei vira fazer a outrem lhe fizera por isso muita mercê, segundo estimava as cousas bem feitas.

E porque D. Jorge de Menezes seu pagem da lança, que lhe trazia a espada não vinha pegado com elle e ficava um pouco atraz com as damas, quando pediu a espada e não o vio, posto que lh'a deu muito prestes, o arrepelou primeiro que a tomasse.

CAPITULO LXXVIII

De como Bemohi veio a estes reinos e foi feito christão, e de sua morte

N^o anno passado de mil e quatrocentos e oitenta e sete, estando Gonçalo Coelho, cavalleiro da casa d'El-Rei, na boca do Rio de Cenaga no reino de Jelofo em Guiné resgatando, Bemohi Principe negro, que então com muita prosperidade e grande poder governava o dito reino de Jelofo, sendo por suas linguas informado das muitas virtudes, perfeições e grandezas d'El-Rei, desejou de o servir, e para começo lhe mandou por o dito Gonçalo Coelho um rico presente d'ouro, e cem escravos todos man-

cebos e bem despostos, e assi algumas outras cousas de sua terra. E mandou com elle a El-Rei um seu sobrinho por embaixador, com uma grossa manilha d'ouro por carta de creença, que é o costume de sua terra, por entre elles não haver letras, e lhe mandou por elle pedir armas e navios.

E El-Rei com razão e justa causa se escusou, dizendo-lhe a defesa e escomunhões que o Papa tinha postas a quem desse armas a Infieis, e por elle não ser christão lho não podia mandar.

E neste anno de quatrocentos e oitenta e oito, porque o dito Bemohi por traição dos seus foi lançado fóra do reino, determinou meter-se em uma caravela das do tracto que corriam a costa, e em pessoa vir pedir a El-Rei soccorro, ajuda e justiça.

E estando El-Rei em Setubal, o dito Bemohi chegou a Lisboa, e com elle alguns negros seus parentes e filhos de pessoas entre elles de muita valia e grande estima. E como El-Rei soube de sua vinda mandou que se viesse aposentar em Palmella, onde logo mandou prover os seus muito abastadamente, e a elle servir com officiaes e muita prata, e todos os outros cumprimentos de estado, e a todos mandou logo vestir de ricos panos segundo suas calidades, e como foi em disposição para poder vir á côrte El-Rei lhe mandou a todos cavallos e mulas muito bem concertados.

E o dia de sua entrada o mandou receber pelo conde de Marialva D. Francisco Coutinho, e com elle todos os fidalgos e nobre gente da côrte, e mandou El-Rei que fossem vestidos e concetados o melhor que podessem, e as casas d'El-Rei e da Rainha foram todas armadas de ricos panos de seda e de Rás, com estrados reaes e dorceis de brocado.

E com El-Rei estava o duque D. Manoel, irmão da Rainha, e muitos prelados, e senhores de titulo, e

muitos fidalgos, todos mui ricamente ataviados, e mui galantes. E com a Rainha estava o Principe seu filho com outros senhores e damas vestidas em grande perfeição, porque acabado de Bemohi estar com El-Rei havia logo de ir á Rainha e ao Principe.

E Bemohi parecia de idade de quarenta annos, era grande de corpo, muito bem feito, e mui proporcionado, e mui negro, e a barba comprida e muito bem posta, e homem de muito bom parecer e graciosa presença, e de muita auctoridade. E os que com elle vinham todos muito bem dispostos e gentis homens, que logo pareciam honradas pessoas, e os mais desenvoltos homens á gineta que nunca foram vistos, que corriam á carreira em pé, e em pé correndo o cavallo, se viravam e abaixavam, e tornavam a levantar. E correndo o cavallo, com as mãos no arção saltavam da sella no chão e tornavam a saltar em cima; e correndo a cavallo lhe punham ovos e pedras pequenas na carreira, e de cima dos cavallos iam tomando, cousas espantosas e até então nunca vistas: e assi outras muito grandes desenvolturas a cavallo e a pé que lhe El-Rei muitas vezes fez fazer perante si,

Veio Bemohi muito bem vestido e entrou na sala onde El-Rei o estava esperando, e o veio receber dois ou tres passos fóra do estrado com o barrete um pouco fóra. E assim o levou ao estrado em que estava uma cadeira real em que se El-Rei não assentou, e em pé encostado a ella o ouviu.

E Bemohi com todos os seus se lançaram ante seus pés para lh'os beijarem, e fizeram mostrança de tomar a terra debaixo d'elles, e em sinal de sujeição e senhorio, e muito grande acatamento faziam que a lançavam por cima de suas cabeças, e El-Rei com muita honra e cortesia o alevantou, e por negros linguas que ahi estavam lhe mandou que falasse. O qual

com grão repouso, descrição e muita gravidade fez uma fala publica, que durou grande espaço, em que para seu caso meteu palavras e sentenças tão notaveis, que pareciam de muito prudente Principe, nas quaes contou a El-Rei com muitos suspiros e lagrimas sua desventura causada por traição que em seu reino contra elle se fizera. Em que declarou que só El-Rei lhe lembrara para lhe dar socorro, ajuda e vingança, e sobre tudo justiça. E que esta esperança tinha nelle, porque no mundo elle só o podia fazer por ser Rei tão poderoso, tão nobre, tão justo, e tão piedoso, e tambem por senhor de Guiné, cujo vassallo elle era, pedindo-lhe por tudo socorro, ajuda, piedade, e justiça. Dizendo que ainda que seu escudo era real, por sua gloria e louvor fosse de victorias de Reis ricamente bordado, não seria agora menos acompanhado com memorias de Reis que fizesse. Que as primeiras por ventura seriam beneficios de fortuna, e esta seria a propria bondade e grandeza de seu coração. Dizendo mais: Oh! muito poderoso Deus, sabe que ouvindo eu as tuas virtudes e grandezas reaes, quão acesos foram sempre meus espiritos e meus olhos para te verem, e não sei porque não foi, porque tanto mais me prouvera que fôra em toda minha livre prosperidade, quanto este meu destroço e desterro por sua triste condição, menos autoriza minha fé e palavras. Mas se assi era de cima ordenado que por outros meios a mim mais favoraveis eu não podesse vir e alcançar tanto bem como para mim é ver-te, louvo muito a Deus com minha distruição; e já este contentamento assi me satisfaz, que d'esta jornada não irei descontente. Dizendo mais que se a justiça e socorro que lhe pedia, por ventura contradizia não ser elle christão, como outras vezes por escusa d'outro semelhante requerimento lhe mandara dizer, que

isso não fizesse duvida, nem agora o contradissem, porque elle e todolos seus que presentes eram, a que não faleciam nobres e reaes nacimentos, aconselhados em outros tempos de suas santas amoestações vinham para em seus reinos, e de suas mãos o serem logo. E que sómente a pena e maior torvação que por isso recebiam, era porque parecia que forças de sua necessidade mais que de fé lh'o faziam fazer. E com estas, e outras muitas boas razões sobre sua tenção acabou sua fala.

El-Rei lhe respondeo em poucas palavras a tudo com muito grande prudencia, alegrando-se muito com sua vinda e muito mais com seu proposito de querer ser christão, pela qual lhe dava neste mundo e em seu caso, esperança de socorro e restituição de seu reino, e no outro salvação de sua alma, e com isto o despedio.

Foi Bemohi logo falar á Rainha e ao Principe, ante quem fez uma fala breve com grande tento e muita descrição, pedindo-lhe muito por mercê que com El-Rei o favorecessem por suas grandes virtudes e não pelo elle merecer, e a Rainha e o Principe o receberam com muita honra e gasalhado, e assi o despediram.

E foi levado honradamente assi acompanhado como veio a suas pousadas, que tinha mui concertadas, e com tudo o que cumpria para elle e para os seus em muita avondança, e elle mui bem servido com officiaes e ceremonias, e muita prata, e logo ao outro dia Bemohi veio falar a El-Rei, e sós apartados com a lingua falaram ambos grande espaço, onde com grande aviso tornou a dizer a El-Rei suas cousas. E assi respondeu ás que lhe preguntava mui apontadamente como homem mui sabido, de que El-Rei ficou mui contente.

E por amor d'elle ordenou festas de touros, e ca-

nas, e momos: e para as vêr teve cadeira no topo da sala defronte d'El-Rei, em que estava assentado. E por que elle requeria a El-Rei que o fizesse logo christão, houve por bem que antes que o fosse, por ser da seita da Mafamede fosse primeiramente informado nas cousas da Fé: e porque tinha conhecimento d'algumas cousas da Biblia falaram com elle theologos e letrados, que o informaram e aconselharam na verdade. E ordenaram que visse e ouvisse primeiro missa; e ouvio uma d'El-Rei em Pontifical com grandes ceremonias e acatamento; a qual se disse em grande perfeição na egreja de Santa Maria de Todos os Santos. E Bemohi com todos os seus, e com letrados christãos, estava assentado no côro, e em levantando a Deus quando vio todos de joelhos e os barretes fóra e com as mãos levantadas, e batendo nos peitos o adorar, tirou a touca que tinha na cabeça e assi como todos com os joelhos no chão e a cabeça descoberta o adorou, dizendo logo com sinaes, mui verdadeiros, que o que naquella hora sentira em seu coração tomava por clara prova que aquelle só era o Deus verdadeiro para o salvar.

E assim foi dois dias vêr comer El-Rei, que para isso se vestio ricamente, e a sala armada de rica tapeçaria, e com docel de brocado e muita e mui rica prata, e seus officiaes môres com reis d'armas e porteiros de maça, e muitos ministris e danças, trombetas, e atabales, tudo feito em grande perfeição, porque El-Rei nas cousas que tocavam a seu estado era sobre todos mui cerimonial e perfeito.

E aos tres dias do mez de Novembro Bemohi foi feito christão, e com elle seis dos principaes que com elle vieram, ás duas horas da noite em casa da Rainha, que para isso estava concertada em muita perfeição, e foram seus padrinhos El-Rei e a Rainha, o

Principe e o duque, e um comissario do Papa que na côrte andava, e o Bispo de Tangere. E o officio fez o Bispo de Ceuta que o baptizou, e Bemohi houve nome D. João, por amor d'El-Rei.

Aos sete dias de Novembro El-Rei o fez cavalleiro, e deu-lhe por armas uma cruz dourada em campo vermelho, e as quinas de Portugal na bordadura. E no mesmo dia em auto solemne e com palavras de mui grande senhor deu a obediencia, e fez menagem a El-Rei. E assim enviou outra ao Papa escripta em latim, em que contou todo seu caso e conversão á fé, com palavras de muita devoção e grandes louvores d'El-Rei. E dos outros seus foram feitos christãos vinte e quatro na casa dos contos da dita villa, muito honradamente.

E El-Rei deu ao dito Bemohi de socorro e ajuda vinte caravellas armadas, e por capitão mór d'ellas Pero Vaz da Cunha, que levava por regimento de fazer uma fortaleza na entrada do rio de Cenaga, a qual havia de estar sempre por El-Rei. Para a qual fortaleza foram logo muitos officiaes, e muita pedra e madeira lavrada, e todalas outras cousas necessarias. E assi para uma egreja com muitos clerigos, e todo o que cumpria em muita abundança, para lá fazerem christãos muitos da terra, e ia por pessoa principal Mestre Alvaro, prégador d'El-Rei, da ordem de S. Domingos. A qual fortaleza El-Rei folgou tambem de mandar fazer porque tinha por certo que o dito rio bem metido pelo sertão vinha pela cidade de Tambucutum e por Mombarce, em que são os mais ricos tratos e feiras d'ouro que dizem que ha no mundo, de que toda a berberia de Levante e Poente até Jerusalem se prove e bastece. Parecendo a El-Rei que a dita fortaleza para escapula e segurança do trato seria neste rio em tal lugar grande segurança para

os seus e para todas as mercadarias. E este rio e pouco mais adiante foi descoberto em tempo e por mandado do Infante D. Anrique, primeiro inventor e descobridor d'esta empresa e conquistas de Guiné.

Partio a dita armada com muita e boa gente, e muita artilheria, e o dito Bemohi e todos os seus em grande maneira contentes d'El-Rei, porque além do socorro que lhe deu e muitas honras que lhe fez, tambem lhe fez á partida muitas mercês e dadas a elle e aos seus. E emfim todas estas obras e despesas e fundamentos de Bemohi acabaram mal. Porque depois que o dito Pero Vaz com toda sua armada e com o dito Bemohi chegou e entrou no dito rio, onde a dita fortaleza se havia de fazer, tomou suspeitas de traição contra o dito Bemohi, as quaes muitos diziam que não foram verdadeiras por a muita bondade e muito saber de Bemohi, e assim por ir com tanta razão muito contente d'El-Rei e com esperança de ser cedo com sua ajuda restituído a seu reinado: antes diziam que com o muito desejo que o dito Pero Vaz tinha de se tornar para o reino, e receio de morrer lá, pela terra ser doentia, sem causa alguma matou o dito Bemohi ás punhaladas dentro em seu navio, e tanto que o matou com toda a armada, sem fazer detença nem fortaleza se veio logo a estes reinos e chegou a Tavilla onde El-Rei estava, que com a morte de Bemohi foi mui anojado, e lhe pesou muito, e soffreu esta culpa a Pero Vaz porque havendo de o castigar como era razão, chegava o castigo a muitos que nisso foram culpados que mereciam grande pena. E El-Rei estranhou muito a Pero Vaz mata lo assim, porque quando elle no dito Bemohi achara alguma culpa ou erros, o devera de trazer a Portugal assi como o levou, pois o tinha em seu livre poder sem perigo algum. E porém a singular condição e muita piedade d'El-Rei

fez soffrer isto, porque havendo de dar castigo, cumpria que matasse muitos que d'isso foram culpados, o que por sua virtude dissimulou.

CAPITULO LXXIX

Da cerimonia com que El-Rei fez o marquez de Villa Real

No anno de quatrocentos e oitenta e nove, estando El-Rei em Beja, no primeiro dia de Março com muita honra e grande solemnidade fez marquez de Villa Real e conde d'Ourem a D. Pedro de Menezes, que era conde de Villa Real, nesta maneira:

El-Rei estava ricamente vestido em uma sala armada de rica tapeçaria e dorcel de brocado, e sua cadeira real em alto estrado, e El-Rei em pé com a mão posta na cadeira encostada ao dorcel, e com elle o Principe e o duque, e muitos senhores e nobre gente, todos vestidos de festa, e o marquez veio de si a pousada a pé acompanhado de muitos honrados e nobres fidalgos, e com trombetas e atambores, charamellas, sacabuxas e muita gente, e diante d'elle homens do conselho d'El-Rei, fidalgos de muita autoridade. Um trazia nas mãos o estandarte de suas armas com pontas, e outro uma sua espada mui rica metida na bainha com a ponta para cima, alta, na mão direita, e outro uma carapuça de seda forrada d'arminhos posta em um bacio de prata lavrado de bastiães.

E nesta ordem entrou na sala, e foi assi até chegar ao estrado onde estava El-Rei, e depois de feitas suas mesuras os officiaes fizeram calar a casa, e calada, o chançarel mór João Teixeira, fez uma arenga

em linguagem dos louvores d'El-Rei e dos grandes merecimentos do marquez e seus muito assinados e leaes serviços, e assi dos de que decendia, e declarou que El-Rei o fazia novamente marquez de Villa Real e conde d'Ourem.

E acabada a oração, que foi muito bem dita, El-Rei fez chegar o marquez ante si, e tomou a carapuça do bacio, e poz-lh'a na cabeça, e tomou a espada e cingiu-lh'a por cima dos vestidos, e da cinta lh'a tirou nua, e com ella lhe cortou as pontas do estandarte, e ficou em bandeira quadrada como de Principe: e tomou um annel de um rico diamante, e por sua mão lh'o meteu em um dedo na mão esquerda. E acabado isto o marquez com os joelhos em terra beijou a mão a El-Rei e ao Principe: e o Principe e o duque beijaram a mão a El-Rei, e assi todos os outros senhores e pessoas principaes que ahi eram.

E o marquez foi aquelle dia convidado d'El-Rei, e comeu com elle á mesa, que assi era ordenado, em a sala ricamente armada com dorcel de brocado, e grande baixela, com todos os officiaes e ministros, e muitas iguarias, tudo em muita perfeição. El-Rei estava assentado no meio do dorcel, e o Principe á mão direita; e além do Principe o marquez, e da outra parte d'El-Rei á mão esquerda estava o duque, e assim comeram todos com grande festa. E acabado de comer, e El-Rei recolhido, o marquez com muita honra e muito acompanhado de senhores e nobre gente, e muitas trombetas e atambores, charamelas e sacabuxas, se recolheu á sua pousada.

E depois houve em casa do marquez muitos dias festas de danças e mui abastados banquetes. E como nobre e grande senhor deu algumas dadivas honradas aos officiaes que fizeram seus despachos.

CAPITULO LXXX

Do que El-Rei disse por João de Sousa

De João de Sousa entre muitas boas qualidades que teve foi valente cavalleiro e muito bom capitão, e singular cavalgador da gineta. E em Castella correndo touros em Arevalo perante El-Rei e a Rainha cortou com uma espada a cavallo, a um grande e bravo touro de um só golpe o pescoço, que logo cahio morto no chão. E aqui em Beja andando aos touros a cavallo perante El-Rei e a Rainha e o Principe, e todalas damas, por duas vezes matou dois bravos touros de uma lançada só cada um, que em lh'a dando logo cahiram mortos sem mais bolir. E estando El-Rei um dia á mesa fallando nisso, e gabando muito estas sortes, disse o conde de Borba que eram acertos: e El-Rei lhe respondeu: — «Verdade é conde que são acertos, mas nunca os acerta se não D. João»; e todalas cousas boas favorecia e gabava d'esta maneira.

CAPITULO LXXXI

De como foi o principio e fim da Graciosa

NESTE anno de mil e quatrocentos e oitenta e nove, pelo muito desejo que El-Rei tinha da conquista de Africa, e assi pela Cruzada que para isso lhe fôra concedida, de que já tinha recebido muito dinheiro, cuidando muitas vezes como melhor o poderia fazer, e mais ser-

viço de Deos e acrecentamento de sua honra e estado, ordenou de fazer uma Villa com sua fortaleza em Africa pelo rio acima de Larache. Com fundamento que d'ali com seus fronteiros e gente d'armas que sempre nella teria, e com ajuda das outras cidades e villas que lá tinha e aos mouros foram tomadas, se faria muita guerra a Fez e Mequinez, Alcacer Quibir, e toda aquella terra, de que muita parte se poderia por força conquistar, ou ao menos constringer e pagarem grandes e ricos tributos, e depois de ter mandado muitas vezes vêr o dito rio e sitio da terra, determinou fazer a dita villa, e mandou logo para isso fazer prestes sua armada com muita gente, muitos officiaes, muita artelharia, muita pedra e madeira lavrada, muito tijolo e cal, e ferramentas e todalas cousas necessarias em grande abundança ; e no começo do mesmo Julho mandou logo partir a dita armada, e por capitão mór d'ella Gaspar Juzarte, a fazer e fundar a dita villa, que mandou pôr nome a Graciosa ; e não levava muitos navios nem gente sobeja por lhe parecer que por então não seria mais necessaria, crendo que em quaesquer affrontas que dos mouros sobreviessem se poderia pelo rio soccorrer e prover, cuidando que o dito rio se navegaria em todo tempo com caravelas e navios, e para melhor aviamento e soccorro de tudo, e mais em breve se poder fazer, El-Rei com a Rainha e o Principe e toda sua côrte se foi a Tavila, onde cada dia de tudo o que se passava recebia muitos avisos.

E para se a dita fortaleza logo fazer, mandou El-Rei muita e honrada gente de sua côrte, e começou-se com muita diligencia e pressa a lugares de pedra e cal, e a lugares de madeira e paliçadas fortes, para que com mais brevidade fosse cercada.

E sendo d'isso avisado Moleyxeque, Rei de Fez,

junto de cujas terras a dita fortaleza se fazia, porque do tempo da tomada de Arzilla, nas pazes que o dito Maleyxeque fez, a dia terra com outras ficou em Portugal, segundo nas ditas pazes se contem; considerando o dito Moleyxeque que se logo no principio o não impedisse, que seria causa de sua perdição, fez logo sobre isso ajuntamento geral com os alcaides e principaes de seu reino, e com os alarves e enxovios, e colotos seus comarcãos, e todos sem alguma differença acordaram de virem cercar como logo cercaram a dita villa, em que El-Rei de Fez veio em pessoa, e com elle Moleyhea seu filho maior, e com quarenta mil de cavallo e outra muita gente de pé sem conto, pozeram de todalas partes cerco á dita villa, e tambem não deixaram livre o dito rio de uma parte nem da outra contra a foz, porque da terra impedissem aos christãos qualquer soccorro que por elle lhe fosse.

E por muita gente dos mouros começar a vir sobre a dita fortaleza e assim por o dito Gaspar Juzarte adoecer, e a cousa ser de mais peso do que se cuidou, mandou El-Rei a D. João de Sousa, do seu conselho, pessoa muito principal e muito valente cavalleiro, com muita mais gente para na dita fortaleza ficar por capitão, e com a gente que levou e a que na dita fortaleza estava foram por todos mil e quinhentos fidalgos e cavalleiros, todos da casa e livros d'El-Rei, e a frol de toda a côrte, e depois crescendo mais o poder dos mouros e sendo já El-Rei informado no certo do segredo do rio, e do perigoso sitio da dita fortaleza, por lhe certificarem que em nenhuma maneira se podia sustentar, ordenou mandar Fernão Martins Mascarenhas, capitão dos ginetes e da guarda, e D. Diogo d'Almeida, que depois foi Prior do Crato, e D. Martinho de Castello Branco, veador

de sua fazenda, que depois foi conde de Villa Nova, todos tres homens de muita autoridade e valentes cavalleiros, e mui acceitos a El-Rei, para com sua tornada depois de tudo muito bem verem se informar d'elles e determinar o que houvesse de fazer-se, sustel-a ou deixal-a.

E sendo elles na dita villa da Graciosa, veio sobre elles Moleyxeque, Rei de Fez, com todo seu poder, e elles parecendo-lhe que pelo que cumpria a suas honras e a serviço d'El-Rei não deviam de deixar o dito cerco, ficaram lá e responderam a El Rei por escripto. No qual tempo D. João de Sousa, capitão da dita villa adoeceu á morte, de maneira que não podia accudir a cousa alguma que cumprisse, e por não morrer por mingoa de physicos e cousas necessarias a sua saude, ordenaram todos que se viesse logo a curar a Portugal.

E porque D. João estava de maneira que não podiam al fazer, vendô que cumpria ficar por capitão na dita villa, e como muito prudente vendo que os ditos D. Diogo, D Martinho e o capitão Fernão Martins eram taes pessoas e de tanto merecimento, que deixando o carregó a um os dois ficariam agravados, lhe fez sobre isso uma falla, e disse que entre todos deitassem sortes quem ficaria por capitão, o que assi fizeram, e a sorte cahio em D. Diogo d'Almeida, a que logo D. João entregou a villa e se veio curar ao reino, e todos os outros sem alguma differença o houveram por capitão.

E os mouros vendo a pouca gente dos christãos em comparação da sua, e vendo o pequeno reparo da villa, tinham por certo que nos primeiros combates que mui rijamente lhe dessem logo por força os tomariam com mortes e captiveiros de todos. E com esta esperanza combateram a villa mui

fortemente por muitas partes, e vendo o grande dano e estrago que os christãos nelles fizeram com suas armas e furiosos tiros de fogo, e o forte reparo que na fortaleza tinham feito para sua defensão, e conhecendo a bondade e grande valentia de seus corações que tinham não sómente para se defender, mas ainda para lhes offender, já desesperados d'este primeiro fundamento, determinaram para os poder vencer pôr-lhe o dito cerco mais afastado como logo pozeram, e em uma parte do rio que abaixo da fortaleza dava váo o atravessaram com uma muito forte estacada dobrada, e cheia toda de cestos de pedra entre uma e outra, para que o rio por navios grandes, nem por barcas para cima contra a villa senão podesse navegar, com que os christãos de todo fossem de socorro por agua desesperados.

E por defensão d'esta estacada porque a não desfizessem pozeram junto com ella de uma parte e da outra do rio muitas bombardas grossas, e outros tiros de fogo: os quaes eram sempre guardados de gente sem numero, fazendo com isto suas contas que os christãos de cansados, e vencidos de doenças e fome, e não tendo esperança de socorro se dariam e deixariam captivar, e como os da villa d'isto foram certificados houve entre elles alguma confusão, e foi ainda mais quando souberam que Ayres da Silva, cananceiro-mór d'El-Rei que era capitão-mór da frota que estava na foz do rio, com todas suas forças e deigencias que nisso pôs não podera desfazer, nem chegar á dita estacada pela grande resistencia dos muros. E porém porque os mais eram fidalgos e de esforçados corações não cahiram em desmaio nem fraquezas, mas cobraram vivo esforço com que se fortaleceram, e proveram em seus mantimentos e provisões para se defenderem e manterem o mais

tempo que fosse possível, sendo muito confiados na bondade e grandeza d'El Rei, que quando cumprisse em pessoa os socorreria.

E de todo este caso foi El-Rei logo avisado em Tavila, com que foi posto em grande pensamento, porém como Rei que nas cousas da fortuna fôra muitas vezes victorioso, e nunca vencido, dêu logo grande aviamento a mandar mais navios e mais gente com mais armas e artilharia, para com Ayres da Silva cometerem de desfazer por força a estacada e repairos do rio, para uma vez as pessoas dos cercados ao menos se salvarem, que era o que sobre tudo mais desejava. Porque pela informação que já a este tempo tinha do logar e terra ser naturalmente coentia, e o rio não se poder em todos os tempos navegar até á dita fortaleza, já tinha assentado que em caso que o dito lugar fôra feito e não cercado de o mandar despovoar e derribar.

CAPITULO LXXXII

De como El-Rei determinou de ir em pessoa, e do que disse a D. João de Branches

TANTO que os navios de soccorro partiram, teve El-Rei conselho geral com todos os que presentes eram, da maneira que socorreria aos cercados, porque com todo seu poder determinava os livrar. E todos quantos eram sem ficar algum lhe aconselharam que em nenhuma maneira passasse em pessoa, por ser já na entrada do inverno e a costa ser mui brava e perigosa, e muito má desembarcação, e outros muitos perigos, do que El-Rei ficou triste e sem dar resposta alguma do que queria fazer.

E em se levantando do conselho lhe disseram que á porta estava D. João de Branches, que então chegava de Lisboa para o servir no dito socorro. E porque era muito valente cavalleiro e sabia muito na guerra o mandou logo entrar, e fez tornar a assentar todos, e pôs D. João junto de si. E deu-lhe conta da nova que lhe viera, e como tinha determinado de com todo seu poder socorrer aos cercados, e como todos os que presentes estavam por muitas razões lhe aconselhavam que em nenhuma maneira passasse em pessoa. E que primeiro que a isso desse sua resposta queria tomar seu parecer como de homem que tão bem sabia a guerra e era muito bom cavalleiro, e D. João lhe respondeu:

«Senhor, beijo as mãos a Vossa Alteza por esta honra que me faz e as palavras que me diz, e eu senhor sou em contraio do que a todos parece, e meu parecer é que tanta e tão nobre gente como Vossa Alteza quer mandar, não fieis senhor de ninguem, senão de vossa pessoa, porque só com vos verem todos morrerão diante vós, e sem vossa vista não sei o que cada um fará, e mais a tamanha necessidade de tanta e tão nobre fidalguia, é razão que Vossa Alteza por seu singular esforço e grandissimas virtudes lhe socorra, como de tal Rei se espera».

El-Rei folgou muito de o ouvir, e muito ledo lhe disse:

«D. João, eu tinha já isso determinado, e porque todos eram contra mim não tinha dado minha resposta, e agora que vos tenho por minha parte, digo que em toda maneira hei-de passar em pessoa. E todos me perdoai por não tomar vossos pareceres, que antes que D. João viesse o tinha assi assentado, e se perigos passar, em muito maior perigo estão muitos fidalgos e cavalleiros por me servirem, os quaes eu

muito estimo, e tambem Nosso Senhor dará sua ajuda, pois que é por seu serviço e contra os inimigos de sua Santa Fé Catholica». E com isto se levantou; e como Principe mui esforçado, virtuoso, e piedoso, por salvar os seus, determinou logo o mais breve que podesse lhe socorrer em pessoa. E por dadivas que mandou dar a mouros lhe levaram recados aos cercados como elle ia logo em pessoa socorre-los; os quaes na só confiança de sua palavra que haviam já por obra mui verdadeira, cobraram um novo esforço e muita esperança de cedo serem remedeados.

El-Rei mandou logo com muita deligencia fazer por todo o reino apercebimentos geraes, e para tempo muito breve, e com palavras de muita obrigação, em especial afirmando que ia em pessoa, que não foi necessario fazerem-se constrangidas apurações; porque os mui velhos, e os muito moços, que por suas idades eram d'isso escusos, se convidavam, e esquecidos de suas forças e fazendas se faziam prestes para ir com elle, e não ficarem em Portugal, todos com mui verdadeira vontade de o servirem até á morte.

E d'esta determinação que El-Rei tomou de em toda maneira socorrer em pessoa e descercar seus fidalgos, criados e cavalleiros, foi logo El-Rei de Fez avisado. E por lhe já começar de fugir a gente de seu arraial escarmentados muitas vezes de cruas mortes e feridas: e principalmente temendo muito a passagem d'El-Rei, parecendo-lhe que vendo-se com elle em batalha seria destruido, em vez de fazer guerra cometeo paz ao capitão mór da frota Ayres da Silva, que em nome d'El-Rei estava, de que lhe enviou um assento, pelo qual lhe aprazia dar lugar aos christãos cercados na Graciosa a deixassem, e que todas as armas, artelharias, cavallos e tudo quanto tivessem sahissessem e se

fossem livres e seguros, e que El-Rei de Portugal lhe confirmasse a paz que El-Rei D. Affonso ao tempo da tomada de Arzila com elle firmara.

O qual assento Ayres da Silva logo acceitou, e sobre elle manteve aos mouros treguas até o notificar a El-Rei, que logo com muita brevidade lho fez saber: e foi d'elle mui alegre e contente, porque pelo dito assento da paz não se tolhia poder cercar e tomar quaesquer villas e lugares do dito reino de Fez que se para isso offerecessem. E por elle sem perigos nem outras despesas cobrava sua gente cercada que sobre tudo desejava. E para confirmação e aprovar o dito assento, enviou logo Ruy de Sousa, e D. Affonso de Monroy, Mestre d'Alcantara: e Diogo da Silva de Menezes, ajo do duque, que depois foi conde de Portalegre, todos do seu conselho e homens de muita auctoridade, mui esforçados, de muito bom saber e de que muito confiava. Os quaes com Ayres da Silva juntamente o confirmaram e seguraram por escriptura e contrato feito em Xames, a vinte sete dias de Agosto do anno de mil e quatrocentos e oitenta e nove, e dadas de uma parte e da outra seguros arre-fens, os mouros que no dito cerco estavam se partiam e os christãos cercados se recolheram á frota com salvamento de suas pessoas e fazendas e artelharias, cavallos e armas, e quanto na fortaleza tinham; e com toda a frota se vieram a Tavila, onde El Rei e toda a sua côrte os receberam com muito amor e prazer e muita honra.

E El-Rei mandou logo desperceber a gente do reino, e lhe agradeceo muito sua lealdade e grande brevidade e muito amor e vontade com que se apercebiam para o servir, que certo foi muito para estimar.

E de Tavila foi El-Rei com a Rainha e o Principe e o duque andar pelos logares do reino do Algarve

provido e remedeando algumas cousas, que para bem e assossego d'aquelle reino e moradores d'elle cumpriam, em que muito aproveitou. E acabado veio-se á cidade de Evora, onde entrou a sete dias de Novembro d'este anno de oitenta e nove, e na cidade houve rebates de peste, que El-Rei soffeo e remedeou por soster e conservar a saude da cidade, em que tinha ordenado ser o recebimento e festas do casamento do Principe seu filho.

CAPITULO LXXXIII

Do que El-Rei passou com Pero Pantoja em Tavila

N o tempo dos ocorro da Graciosa por se El-Rei achar em Tavila sem dinheiro, por lhe tardar de Lisboa da casa da Mina, onde por elle tinha mandado, e cumprir fazer-se logo prestes um navio para ir com um recado, mandou dizer a Pero Pantoja que lhe agardeceria mandar-lhe emprestar por sete ou oito dias mil justos, que eram seiscentos mil reis, os quaes lhe Pero Pantoja logo mandou, e lhe offereceu muito mais que tinha, pedindo-lhe muito por mercê que o não tomasse d'outrem senão d'elle, pois quanto tinha sua Alteza lh'o dera, o que El-Rei muito agardeceo.

E d'ahi a cinco dias veio o dinheiro que El-Rei esperava, e mandou logo dar a Pero Pantoja setecentos mil réis, e elle os não quiz tomar, e se veio logo agravar a El-Rei, dizendo que pois servia Sua Alteza com tão verdadeira vontade, e tinha para o servir muito, de que lhe elle fizera mercê, que como lhe dava ganho do seu dinheiro em cinco dias que o tivera, que não se faria mais a um mercador cobiçoso.

El-rei lhe respondeu: «ora pois que vos agravais, tomai oitocentos mil réis, e se mais falais palavra tomareis novecentos mil»; e mandou-lhe dar oitocentos mil réis, emprestando-lhe seiscentos mil, que d'esta maneira agradecia os serviços que lhe faziam, e também por isso quando lhe cumpria dinheiro sem interesses lho emprestavam.

CAPITULO LXXXIV

Do que El-Rei fez a dois fidalgos que vieram de Arzila

ESTANDO em Arzila por capitão D. João de Menezes, que depois foi conde de Tarouca e Prior do Crato, fazia muita honra aos homens, e D. Joana de Vilhena sua mulher fazia tanto gasalhado e tanta honra a todos que era d'isso lá e cá muito louvada, de que El-Rei lhe mandava muitos agradecimentos.

Vieram-se dois fidalgos honrados de Arzila, onde estavam por fronteiros, descontentes do capitão sem causa, e quando beijaram a mão a El-Rei os favoreceu e fez gasalhado, perguntando-lhe como vinham, e pelas cousas de lá, e pediu-lhe a carta do capitão como todos costumavam trazer, e elles lhe disseram que a não traziam, e El-Rei lhe disse:

«Segundo isso, parece qué quando vos partistes não falastes á estalajadeira, que tão bem agasalha todos. Ora tornai-vos logo, e não venhais de lá sem carta de D. João».

O que assi fizeram sem detença alguma, isto porque sem causa se vieram sem lhe falar, e queria sossegar a honra de seus capitães.

CAPITULO LXXXV

Do que El-Rei disse a Ruy d'Abreu e a Duarte do Casal

Ruy d'Abreu, alcaide-mór d'Elvas era homem que El-Rei estimava e fazia muita honra, por ser muito bom cavalleiro e homem de que El-Rei confiava, e falando-lhe um dia Ruy d'Abreu em um seu requerimento se agravou d'elle, e El-Rei lhe disse :

«Ruy d'Abreu, tomaí uma cousa de mi como d'amigo. Quando pedirdes mercê não lembreis nenhuns agravos»; que não se contentavá fazer mercê aos homens, mas ainda lhes ensinava como a haviam de pedir.

E Duarte do Casal era valente homem de sua pessoa, e mandou requerer uma cousa a El-Rei e não lhe falava nisso, e vindo El-Rei um dia para comer em Evora na sala o vio, e perante muitos o chamou, e lhe disse alto :

«Duarte do Casal, se vós tendes mãos, porque não tendes lingua para me falar, pois eu folgo de ouvir quem as tem, ora pois que tendes mãos tende lingua»; e estas honradas palavras lhe disse perante muitos, porque era bom cavalleiro.

CAPITULO LXXXVI

Do que El-Rei disse a Fernão Serrão

A PRIMEIRA vez quando El-Rei entrou na cidade de Lisboa, foi uma muito grande entrada e solemniissimo recebimento, de grandissimas fes-

tas e muitos e grandes gastos e despezas, cousa que foi nomeada por grande, e houve ahí homens que gastaram muito, e um Fernão Serrão, cavalleiro cidadão de Lisboa, homem honrado, vendeu duas quintas e gastou tudo em atavios e vestidos, entre os quaes fez um gibão borlado de pedras e pedraria que valia muito.

El-Rei porque fôra demasia pesou-lhe e teve-lho a mau recado, e por não parecer a alguém que elle favorecia e folgava dos homens lançarem o seu a longe, um dia á meza lhe disse perante todos: — *Fernão Serrão quantas quintas fazem um gibão*; que não deixava passar coisa mal feita sem reprehensão ou castigo.

CAPITULO LXXXVII

Do que El-Rei fez a Diogo d'Azambuja quando casou sua filha, e a Pero de Mello

DIOGO d'Azambuja era' homem que El-Rei tinha em muito boa conta e estima, e a que tinha muito boa vontade e fazia muita honra e mercê, e quando casou sua filha D. Cecilia com Francisco de Miranda, foram recebidos com muita honra perante El-Rei e a Rainha em sua sala com muita gente, e grande serão de danças, e muitos galantes, e em nos recebendo no estrado, Diogo d'Azambuja era muito manco de uma perna que quasi lhe fôra cortada nas guerras, e estava junto com os degraos, e com a muita gente que chegou, era muito maltratado, e tanto que senão podia ter, e El-Rei o vio, e veio á borda do estrado e tomou-o pela mão e sobio-o em cima e disse-lhe alto, que o ouviram muitos:

«Salvai-vos cá e chamem-vos como quizerem»; e as-

sim esteve com muita honra perante todos em cima no estrado, que é logar de Reis e Principes.

E Pero de Mello, fidalgo de sua casa, era muito bom cavalleiro, e muito desmanhoso, e um dia levando de beber a El-Rei á mesa ia-lhe tremendo a mão, e em querendo tomar a salva cahiu-lhe o pucaro com a agua no chão, de que ficou muito corrido, e algumas pessoas principaes começaram de rir, e El-Rei disse alto:

«De que vos rides, nunca lhe cahio a lança da mão, ainda que lhe cahisse o pucaro», de que Pero de Mello ficou muito contente, e tornou-lhe a dar de beber.

CAPITULO LXXXVIII

Do que El Rei fez ao capitão da ilha da Madeira

SIMÃO Gonçalves da Camara, capitão que foi da ilha da Madeira, em vida de seu pae João Gonçalves da Camara, sendo elle herdeiro da casa que de seu pae herdava, chamava-se Simão de Noronha, que era o apellido de sua mãe. E El-Rei tanto que o soube mandou-lhe logo dizer que naquella hora se chamasse o apellido de seu pae, pois d'elle havia de herdar tão honrada casa, senão que passaria a successão d'ella em Pero Gonçalves da Camara, seu segundo irmão. Pela qual Simão de Noronha se chamou logo Simão Gonçalves da Camara d'ahi até que falleceu, e foi logo beijar a mão a El-Rei pelo bom ensino que lhe dera, e El-Rei folgou muito com isso, e lhe fez honra e favor.

CAPITULO LXXXIX

Do que El-Rei fez a João Alvarez, o Gato

Um João Alvarez, o Gato, cavalleiro da casa d'El-Rei, era filho de um pobre almocreve, e por ser grande pensador e concertador de cavallos e mulas veio a ter e valer muito e ser honrado e estimado de todos, e d'El-Rei favorecido, e indo El-Rei um dia de Evora para Estremoz ia João Alvarez em um muito formoso ginete mui ataviado, e elle muito bem vestido e concertado, com muitos servidores, e no caminho topou com o pae que ia com suas bestas carregadas, e em vendo o filho tirou-lhe o barrete, e fez-lhe uma grande misura, e elle não quiz falar ao pae, e fez que o não via, porque se desprezava d'elle, e tendo fazenda não o ajudava para que deixasse tão baixo officio.

Foi isto dito a El-Rei, e houve d'isso tamanho desprazer que nunca mais quiz vêr o dito João Alvarez, e lhe mandou logo dizer que não parecesse mais diante d'elle, porque o homem que desprezava seu pae e lhe não fazia bem podendo-o fazer, não era para se fiarem d'elle.

E o dito João Alvarez se foi logo enojado a uma sua herdade, onde d'ahi a pouco acabou mal, que o mataram uns seus lavradores.

CAPITULO XC

Da mercê que El-Rei fez a João Gó

Foi El-Rei um dia de Evora a ouvir missa a Nossa Senhora do Espinheiro, e por fazer grande calma e muito pó, e ir muita gente com elle, se recolheu depois da missa dentro no mosteiro, e mandou dizer a todos que se fossem a comer, que elle queria ficar só.

Foram-se logo como mandou, e depois de serem idos El-Rei sahio com muito poucos senhores e pessoas principaes que com elle ficaram. E quatro cavalheiros, em que entrava um que se chamava João Gó, não se foram e vinham detraz d'elle e fizeram pó, e El-Rei virou atraz e disse-lhe:

«Oh ! Santa Maria ! se mandei a todos que se fossem a comer, porque vos não fostes, e me vindes enchendo de pó?»

Respondeu o João Gó, e disse:

«Senhor os que tinham de comer se foram, e os que aqui vêm não tem que comer.»

El-Rei lhe disse:

«Prometto-vos João Gó que eu vo-lo dê e muito cedo.»

E logo aquelle dia á tarde o mandou chamar e lhe deu a commenda da Freirea em Evora, e aos outros fez mercê.

CAPITULO XCI

Da honra que El-Rei fez a Mestre Antonio

MESTRE Antonio, surgião-mór d'estes reinos, foi judeu, e quando se tornou christão El Rei folgou muito e lhe fez muita honra, porque lhe tinha boa vontade, e era bom letrado. E quando foi baptisado El-Rei foi com elle á porta da igreja e o levou pela mão com muita honra e muito bem vestido de vestidos ricos, que lhe El-Rei deu de seu corpo, e foi seu padrinho, e depois de baptisado quando lhe quizeram pôr o capello não vinha no bacio por esquecimento, e querendo ir por uma toalha para d'ella se tirar, disse El-Rei :

« Para cousa tão sancta, não é necessario tanto vagar ». E perante todos desabotoou o gibão e tirou a manga da camisa fóra, e d'ella rompeo e tirou o capello. Que d'esta maneira honrava os que se tornavam á fé de Nosso Senhor Jesu Christo.

CAPITULO XCII

Do que El-Rei disse por dois ladrões que enforcaram em Portel

MANDOU El-Rei uma grande alçada de certos desembargadores á comarca d'Alemtejo, e em Portel andavam dois irmãos a saltar a cavallo, e roubavam pela comarca muitas pessoas, e eram tão valentes homens e armados de maneira, que as justiças não ousavam de os cometer por cousas que já tinham feitas sobre os quererem prender.

Souberam os da alçada como estavam em Portel, e com muita gente deram sobre elles, e fizeram em sua prisão tantas finezas que se fallou muito d'isso, que nunca os poderam prender senão depois de muito feridos e tão cansados, que se não podiam bolir; e elles tinham feridos e desbaratados tantos, que pareciam que não eram homens, senão fortes bestas bravas.

Foram logo ambos enforcados, e quando os da alçada escreveram o caso a El-Rei, pesou-lhe muito de serem mortos, e disse que não quizera que matassem taes homens, porque muito melhor fôra perdoar-lhes e manda-los aos lugares d'alem, pois que tão valentes eram, que lá fizeram muito serviço a Deos e a elle. E aos da alçada escreveu, que taes homens não deveram de condemnar e justicar sem primeiro lho fazer saber.

Tanto estimava os homens que em qualquer cousa faziam aos outros vantagem, que sendo estes ladrões, salteadores, por serem muito esforçados e forçosos lhe pesou porque os mataram, e lhes quizera dar a vida.

CAPITULO XCIII

Do que El-Rei escreven ao conde de Borba sobre Fernão Caldeira

UM Fernão Caldeira, contador, que depois foi de Arzila muito bom cavalleiro de sua pessoa, tinha uma sua irmã solteira em Arronches, e tendo-a casada honradamente em Lisboa, foi lá para a trazer, e dando-lhe conta ao que ia, ella lhe disse que não podia ser, porque era casada com um caval-

leiro d'ahi, homem honrado, que se chamava de Sequeira. Do que Fernão Caldeira ficou agastado, e foi logo em busca d'elle, e lhe disse o que sua irmã lhe dissera, e lhe pediu por mercê se assi era que a recebesse, e que elle lhe daria o casamento que fosse razão.

E o Sequeira lhe disse que não era casado com sua irmã, nem na conhecia, nem havia com ella de casar.

E Fernão Caldeira lhe tornou a dizer:

«Ora peço-vos muito por mercê, que pois atéqui a não conheceis, que d'aqui por diante a não conheçaes; e assi se apartaram.

Teve Fernão Caldeira tal espia sobre elle, que d'ahi a mui poucos dias soube como jazia com a irmã. E só á meia noite fez um boraco em uma parede, por onde entrou com elles, e os matou a ambos, assi ao cavalleiro como á irmã, e se acolheu logo a Castella, e de Castella se passou a Arzila.

Foi El-Rei d'isso sabedor, e quando soube que era em Arzila escreveu logo uma carta ao conde de Borba, em que lhe dizia :

«Fernão Caldeira é lá por fazer um feito de homem: agradecer-vos-hei muito honrarde-lo e favorecerde-lo, porque de toda a honra que lhe fizerdes eu receberei muito prazer e contentamento, pois pela honra fez tal feito.»

CAPITULO XCIV

*Do que El-Rei fez a Gomes de Figueiredo,
provedor d'Evora*

EL-REI indo um dia passeando a cavallo em Evora, veiu a elle um judeu e deu-lhe capitulos de Gomes de Figueiredo, provedor da comarca,

que fôra muito privado e camareiro d'El-Rei D. Afonso seu pae.

El-Rei porque viu que ouvira o que o judeu dizia, por dissimular acenou aos moços d'estribeira que o arrepelassem, e disse alto : — trazia-me capitulos de Gomes de Figueiredo. E depois só secretamente mandou chamar o judeu, e viu os capitulos, e por serem cousas de que houve desprazer, d'ahi a muitos dias mandou chamar Gomes de Figueiredo, e só o repreendeu muito, e lhe disse que senão fôra feitura de seu pae, que elle o castigara bem, além de lhe tirar o officio. Porém por não dizerem que ia contra as cousas d'El-Rei seu pae, teria nisso temperança. E lhe fazia saber que elle lhe tinha tirado seu officio pelo não servir nelle a sua vontade, e por não cuidarem que o deshonrava nem lh'o tirava por descontentamentos que d'elle tivesse, lhe fazia mercê d'outro muito melhor, e de mais honra, que era veador da casa do Principe seu filho, que lhe logo deu, sem ninguem saber que El-Rei fôra d'elle descontente, e tudo por ser feitura d'El-Rei seu pae, e depois da morte do Principe, por o dito Gomes de Figueiredo ser mui honrado e muito bom cavalleiro, e homem de muito bom saber, lhe tornou El-Rei com grandes esconjurções a dar o dito officio.

CAPITULO XCV

*Da mercê que El-Rei fez a um desembargador
por dar uma sentença contra elle*

TENDO João Roiz Paes, contador mór de Lisboa, uma demanda em que muito ia com El-Rei, se louvaram ambos em juizes; os principaes letrados que na relação havia, e pessoas virtuosas, que eram o doutor Ruy Boto, chancarel mór, e o doutor

Fernão Roiz adaião de Coimbra, os doutores João Pires, e Ruy da Grã, e o vigairo de Thomar, que depois foi Bispo da Guarda e prior de Santa Cruz, e todos deram sentença contra El-Rei.

E quando lh'o foram dizer, disse que folgava muito, e pois que todos foram contra elle que seria por lhe não acharem justiça, e perguntou qual fôra o que primeiro votara, e disseram-lhe que o vigairo de Thomar, que vivia com o duque. O qual logo mandou chamar, e elle vindo com receio, El-Rei muito contente lhe disse.

«Vigairo, eu vos tive sempre em muito boa conta, e agora vos tenho em muito melhor, por serdes o primeiro que votaste contra mi, que os bons e virtuosos assi o hão de fazer quando eu não tiver justiça, e para verdes quanto com isso folgo e vo-lo agardeço, hi falar com Antão de Faria, e elle vos dará duzentos cruzados, de que vos faço por isso mercê para ajuda de vossa despesa».

O vigairo lhe beijou a mão, e teve muito em mercê, e foi a Antão de Faria que lh'os logo deu.

CAPITULO XCVI

Do que El-Rei fez a Alvaro Mascarenhas sobre outra demanda

O procurador dos feitos d'El-Rei andando em demanda com Alvaro Mascarenhas sobre cousas da Mina, onde estivera por capitão, estes mesmos doutores foram juizes da causa, e deram sentença contra El-Rei, e o doutor Fernão Roiz se foi a elle e lhe disse:

«Senhor, dê-me Vossa Alteza alviçaras, que julgamos contra vós.»

El-Rei disse que lhas prometia, e mandou a todos que tornassem vêr o feito outra vez se por ventura era em obrigação a Alvaro Mascarenhas por haver um anno que o trazia em demanda.

Viram-no todos, e depois de bem visto lhe disseram que lhe não era obrigado em cousa alguma, por quanto tivera razão de alegar, e El-Rei lhe fez todavia por isso mercê de trinta mil reaes de tença.

CAPITULO XCVII

Do que El-Rei sobre outro feito passou com o doutor Nuno Gonçalves

ESTANDO El-Rei um dia com desembargadores sobre um feito seu, depois de lido, e a casa despejada para darem seus votos, disse o doutor Nuno Gonçalves:

« Senhor, nós não podemos aqui votar neste feito ».

Perguntou El-Rei porque, e disse o doutor:

« Porque Vossa Alteza é parte nelle, e está presente ».

El-Rei levantou se, em pé, havendo d'isso desprazer, e disse-lhe :

« Isso me haveis vós de dizer? Como em mim se entende isso, se eu sou a mesma justiça, como hei-de ser parte ! »

Respondeu o doutor:

« Senhor, que Vossa Alteza seja a mesma justiça, como o feito é comvosco, vós sois parte. »

E El-Rei com paixão passeou um pouco pela casa sem fallar nada. E tornou logo á mesa, e encostado nella em pé disse :

« Doutor, eu vos agradeço muito o que me disses-tes, e fizeste-lo como muito bom homem que sois.

E a mim me parece assi como a vós, que não devo de ser presente, e por isso me vou, e todos julgae segundo vossas consciencias», e sahio-se logo e deixou-os sós.

CAPITULO XCVIII

De um homem a que El-Rei deu a vida sendo julgado á morte

ANTES das festas do casamento do Principe D. Affonso em Evora, foi El-Rei á Relação numa sexta-feira, como sempre fazia, e na mesa grande era julgado um homem á morte por matar outro, e foi trazido diante d'El-Rei, e por saber que era dado sentença que padecesse, disse :

« Senhor, quatorze annos ha que sou preso, e em quanto tive fazenda para peitar sempre me alongaram meu feito, e agora que já não tenho cousa alguma me julgaram á morte, e se então me mataram eu só padecera, e a minha mulher e filhos ficara-lhe fazenda para se manterem, e agora Senhor matam todos, pois tudo gastei por alongar a vida; olhe Vossa Alteza isto com olhos de piedade, e de tão virtuoso Rei como é ».

El-Rei ouvindo as palavras ficou mui triste, e vio o começo do feito, e quando achou que dizia verdade, e que havia quatorze annos que era preso, disse aos desembargadores:

« Melhor merecieis vós outros todos a morte que este pobre homem, mas quem ha-de matar tantos! »

E chamou então o homem e disse que lhe perdoava livremente, e que elle mandaria a sua custa por perdão das partes, e assim o fez e o mandou logo soltar, e disse-lhe que enquanto não viesse o perdão que se

fosse ás obras dos paços, que ahi lhe dariam cada dia dois vintens, e o homem lhe beijou a mão e o fez assi:

E El-Rei d'ahi a tres dias foi vêr as obras e vio lá o homem com uma muito grande barba, que havia quatorze annos que não fizera, e disse-lhe:

«Não sois vós o a que eu dei a vida?»

«Respondeu: Senhor, si.»

Disse El-Rei:

«Pois porque não fazeis essa barba?»

E o homem disse:

«Senhor por não ter dinheiro que dar a quem me faça.»

El-Rei lhe mandou dar ahi logo dois mil réis, e disse-lhe:

«Ora ide logo fazer a barba, e não vos veja eu mais com ella.»

E o homem se lançou a seus pés para lh'os beijar, chorando com prazer e rogando a Deos por sua vida e seu estado.

CAPITULO XCIX

De um moço a que El-Rei deu a vida, sendo tambem julgado á morte

NESTE mesmo tempo em Evora julgaram á morte um moço de dezasete annos por matar sua irmã, e um homem que com ella achou, e El-Rei estando na Kelação quando lhe leram a sentença, mandou vir o moço diante si, e perguntou-lhe porque os matara; disse o moço: «Senhor, aquelle homem por eu ser muito seu amigo o levava a casa de meu pae, e elle começou de atentar em minha irmã, e vendo eu que andava após

ella, lh'o disse muitas vezes a ambos, e pedi-lhe que não curassem d'isso, e ambos me desprezavam e davam pouco por mim, e um dia por acerto, e minha má ventura, os topei ambos metidos em uma mouta, e foi tamanha a dôr e paixão que d'isso houve, que com uma azagaia que levava na mão os matei ahi ambos».

Disse-lhe El-Rei :

«Não sabias tu que se te prendessem que te haviam de enforcar por isso?» Respondeu : «Senhor si, mas antes me quiz aventurar a isso, que soffrer tamanha deshonra, e a paixão me fez esquecer de tudo».

El-Rei movido de piedade, e contente das palavras do moço, disse-lhe:

«Pois o tão bem fizeste e assi o sabes dizer, bom homem deves de ser, e eu te perdoo livremente»; e o mandou logo por ante si soltar, e lhe houve ainda por dinheiro perdão das partes, e o moço com prazer se lançou aos seus pés e lh'os beijou, e todos folgaram de El-Rei lhe dar assi a vida, e lho louvaram muito.

CAPITULO C

Do que El-Rei fez no feito do carcereiro João Baço

EM Lisboa no Limoeiro, estava preso um homem estrangeiro muito rico, e estava julgado á morte. Concertou-se com o carcereiro, que se chamava João Baço, e por seu consentimento se fez muito doente, e confessado e feito seus autos fez que morria.

Vieram homens por elle em uma tumba e o levaram a enterrar, indo vivo e são, e da egreja fugio e se salvou, e o carcereiro se pôz em salvo.

Quando o El-Rei soube houve d'isso desprazer, e

mandou pôr tanta diligencia, que houve o carcereiro á mão, e desejando muito de o castigar quiz estar ao julgar de seu feito com certos desembargadores, os quaes foram differentes nos votos, tantos de uma parte como da outra. Que uns o julgaram a morte, e outros o remetiam ás ordens, e disseram a El-Rei:

«Senhor, agora fica o feito em Vossa Alteza sómente para o castigar como quizer».

Elle ficou um pouco cuidadoso sem falar, como homem a que pesara muito com isso, e disse:

«Eu certo desejava muito castigar este homem por o caso que fez ser feio, porém pois sois tantos a uma parte como a outra, a Rei não pertence senão ir á parte da clemencia, e dar a vida, e eu sou em lha dar e dou a isso meu voto, desejando muito o contrario».

CAPITULO CI

D'outro homem que El-Rei perdoou sendo julgado que morresse

Na Relação julgaram um homem á morte por dormir com uma sua cunhada, irmã de sua mulher, e ter d'ella filhos.

Vio El-Rei o feito, e achou que sendo a mulher viva, elle tinha a cunhada em casa, e que era moça formosa, e que por morte da mulher e descuido dos parentes ficara assi com elle das portas a dentro, e que neste tempo a houvera, e El-Rei vendo isto disse:

«O diabo pôde muito, e nossa fraca humanidade muito pouco, e neste peccado da carne ainda menos, e mais havendo d'ahi tantos azos de pecar, como é

estarem sós em uma casa tanto tempo. E havendo respeito a tudo me parece, que pois isto é feito d'esta maneira, que por esta moça se não perder seria mais serviço de Deus casa-los ambos, e mandar-lhe por dispensação.

E assi o fez, e lhe perdoou a morte, e mandou á sua custa pela dispensação, e fez ainda mercê á moça para se vestir, que era pobre.

CAPITULO CII

De como El-Rei deu a vida a outro homem que estava para justicarem

EM uma quinta-feira d'Endoenças andando El-Rei correndo as egrejas se poz uma mulher em joelhos diante d'elle, e chorando muito lhe disse:

«Senhor, pelo dia que hoje é, e a honra das cinco chagas de Jesus Christo, peço a Vossa Alteza que haja misericordia commigo.

El-Rei lhe perguntou que era o que queria, disse:

«Senhor, meu marido é julgado a morte, pela morte e paixão de Nosso Senhor lhe perdoae»; e El-Rei lhe disse:

«Mulher, maior cousa quizera que me pediras; por Esse por quem mo pedes, eu lhe perdoo livremente.

E logo d'alli lh'o mandou soltar. De que todos foram mui satisfeitos e houveram inveja de tão bem feita cousa, por ser em tal dia e por amor de Nosso Senhor Jesu Christo, que tantas cousas nos perdoa cada hora.

CAPITULO CIII

Do que El-Rei disse a um homem que lhe dizia mal d'outro

UM homem honrado disse um dia a El-Rei mal d'outro, dizendo que sendo casado com uma muito honrada e muito boa mulher, era tão máo que tinha vinte mancebas, perguntou-lhe El-Rei :

«Quantas dizeis que tem?» Respondeu :

«Senhor vinte». Disse El-Rei.

«E isso provar-lho-heis vós?» E elle se affirmou que si. E El-Rei lhe disse :

«Ora ivos muito embora, porque tem mancebas, não tem manceba.»

E isto lhe respondeu por não dar orelhas a mexeriqueiros, e tambem porque não se pôde manter mais de uma manceba, e o al é ser um homem amigo de mulheres.

CAPITULO CIV

Do que El-Rei disse ao Corregedor da Côrte

DISSERAM a El-Rei que João Fernandes Godinho, Corregedor da Côrte dos feitos civeis tomava peitas, e fechava suas portas, e despachava mal as partes. E El-Rei por João Fernandes ser homem honrado o quiz primeiro amoestar, para que não se emmendando lhe dar um grande castigo, e o mandou logo chamar, e não curou de muitas palavras, sómente lhe disse :

«Corregedor, olhae por vós, e da maneira que viveis, que me dizem que tendes as portas cerradas e as mãos abertas».

E não lhe disse mais, porque confiava de si que isto só abastava.

CAPITULO CV

Da maneira que El-Rei deu nm officio a um homem que lho pedio

VIO um homem a pedir um officio que vagara a El-Rei, a que disse que o tinha dado, e o homem lhe beijou a mão. El-Rei ficou enleado, e disse-lhe:

«Vós entendeste-me?»

Respondeu. «Senhor, si».

Disse-lhe El-Rei :

«Que é o que vos disse?»

E o homem tornou. «Disse-me Vossa Alteza que já o tinha dado».

Disse El-Rei: «Pois porque me beijastes a mão?»

E elle lhe disse: «Porque me podera Vossa Alteza remeter a um official que me trouxera aqui um mez após si, em que gastara vinte cruzados que aqui trago, e por estes beije a mão a Vossa Alteza, porque d'elles me fez mercê em me logo despachar.»

E El-Rei lhe tornou: «Ora por isso vos faço mercê do officio, e eu darei outra cousa a quem o tinha dado», e lhe fez d'elle mercê.

E outro homem veio pedir a El-Rei outro officio, e trazia a petrina muito alta, e El-Rei lhe disse que o tinha dado, e elle perguntou:

«Senhor, a quem?»

E El-Rei lhe disse:

«A um homem que trazia a petrina em seu logar».

CAPITULO CVI

Do que El-Rei fez a um homem que esperou um touro

ESTANDO um dia El-Rei vendo correr touros em Evora no terreiro dos paços, estava uma tranqueira mal concertada, e com muita gente nella, e um touro muito bravo quiz sahir por ella, e a gente toda fugio. Ficou sómente um homem que estava detrás dos outros embuçado com uma capa, e um sombreiro, o qual levou da capa e da espada, e só ás cutiladas muito valentemente defendeo a passagem ao touro e o fez tornar atrás. Pôs El-Rei os olhos nelle pelo tão bem fazer, e o mandou logo chamar, e perguntou-lhe que homem era, e com quem vivia, e o que fazia na côrte, e tanto apertou com elle, que o homem lhe disse que tinha morto um homem em Lamego, e que por não ser conhecido na côrte nem em Evora, andava hi escondido.

Mandou logo El-Rei chamar o Corregedor, e cuidando o homem que era para o mandar prender e justicar, lhe disse:

«Corregedor, encommendo-vos muito que me livreis este homem de qualquer maneira que poderdes, que receberei nisso muito prazer».

E o Corregedor o fez assi, e tanto que foi livre El-Rei o tomou por seu criado, e lhe fez mercê; e d'esta maneira estimava e favorecia os valentes homens.

CAPITULO CVII

*Do que El-Rei fez por não passar um Alvará em
contrairo d'outro*

ACABANDO-SE El-Rei um dia de confessar, disse ao confessor :

«Padre, eu tenho dito tudo quanto me lembrou, agora vos requiero da parte de Deos que se mais sabeis de mim que mo digaes.

E o confessor lhe disse :

«Senhor, elle é tão justo, tão santo requerimento, que por elle vos acrecentará Deos a vida e estado neste mundo, e no outro vos dará salvação, e sem mo Vossa Alteza mandar trazia em lembrança para vos dizer que me disseram, que a um homem do Algarve passareis um alvará, pelo qual deram contra outro uma sentença em que perdeu duzentos mil réis».

El-Rei lhe disse :

«E' verdade que eu passei esse alvará com falsa informação, e quando o soube, por não passar outro em contrairo mandei chamar o homem, e secretamente lhe mandei por Antão de Faria dar dozentos mil réis em ouro, e elle é bem contente e satisfeito, e lhe mandei que não falasse nisso».

CAPITULO CVIII

Do que El-Rei disse por Manuel de Mello

MANUEL de Mello, resposteiro-mór d'El-Rei e irmão do conde de Olivença, foi muito valente cavalleiro, e homem que El-Rei por isso estimava muito. E estando por capitão em Tangere

pelejou com Barraxe e o desbaratou e matou muita gente; sendo os mouros, muitos mais sem conto que os christãos, que foi um honrado e valente feito, e sem damno algum dos christãos. E sendo Manuel de Mello já vindo, estando em Portugal, Barraxe fez a meude algumas corridas e entradas na terra de Tangere, e disseram-no a El-Rei, e um dia falando nisso á mesa, disse alto perante todos:

«Guarda-se Barraxe não tire eu o caparação a Manuel de Mello».

E com estas taes cousas augmentava tanto os espiritos e a honra aos homens, que não trabalhavam por outra cousa, se não por honra e virtudes.

CAPITULO CIX

Das côrtes que El-Rei fez em Evora sobre o casamento do Principe

No mez de Janeiro de mil e quatrocentos e noventa, foram as cidades e villas principaes do reino apercebidas para côrtes geraes sobre o casamento do Principe. Sobre que El-Rei ordenou de mandar logo embaixada a Castella, e queria dos povos ajuda de dinheiro para as festas do dito casamento; as quaes côrtes se fizeram na cidade de Evora, a vinte e quatro dias do mez de Março logo seguinte, dentro nos paços na sala da Rainha, que se armou muito ricamente, e se fez um alto estrado ricamente alcatifado com grande dorcel de brocado, e cadeira real para El-Rei, e outra abaixo d'elle á mão direita para o Principe, e na sala feitos assentos para os senhores e pessoas principaes do conselho,

para as cidades e villas, todos segundo suas precedencias.

E El-Rei depois de todos os procuradores estarem assentados, veio com grande estado, diante muitas trombetas, charamelas e sacabuxas, porteiros de maça, reis d'armas, arautos e passavantes, o porteiro mór e mestre sala, veador, e veadores da fazenda, camareiro-mór, e guarda-mór, e mordomo-mór, e assi o regedor, chanceller-mór, e todos os officiaes e desembargadores; e El-Rei vestido em opa roçagante de brocado com rico forro e o ceptro na mão, e com elle o Principe ricamente vestido, e o duque, e todos os outros senhores entrou na sala, e se assentou em sua cadeira real, e o Principe junto com elle, e o duque, e todos os outros senhores e officiaes em seus assentos ordenados, e como a casa foi ordenada e todos calados, o licenciado Ayres d'Almada, corregedor da côrte, muito bem vestido de vestidos ricos que lhe El-Rei deu, fez em linguagem uma pratica de muitos louvores d'El-Rei e das muitas obrigações em que lhe seus povos e todos os do reino eram, alegando os grandes perigos e risco de sua pessoa que passara nas guerras, e o vencimento da batalha de Touro, e como pozera o Principe seu filho em terçarias e o apartara tanto tempo de sua vista, tudo por dar a elles paz e socego, e os livrar de guerras, e manter em muita paz e justiça, e assi dos grandes proveitos que a todos em geral vinha de o casamento se acabar, e das grandes festas que por isso queria fazer, e que por estar sem tanto dinheiro quanto havia mister lhe rogava quizessem com elle ajudar, e que não lhe pedia cousa certa, senão o que elles por suas vontades quizessem e podessem boamente fazer.

E os procuradores todos pelo muito amor que os povos a El-Rei tinham, e por lhe parecer razão, de-

pois de nisso praticarem e haverem seu conselho, logo sem lhe mais ser falado fizeram com muito boa vontade a El-Rei serviço de cem mil cruzados, que lhe elle muito agradeceo o serviço e boas vontades. De que logo fizeram pelos povos suas repartições, e El-Rei pôs os recebedores e officiaes, e todos ficaram contentes.

CAPITULO CXX

Da nova justiça que El-Rei mandou fazer

NESTE anno de mil e quatrocentos e noventa, estando El-Rei em Evora, antes da vinda da Princesa, lhe foi dito que em Lisboa em casa de um cavalleiro que se chamava Diogo Pires do Pe, e vivia junto da praça da Palha, se jugavam dados e cartas, e outros jogos com que Deos era desservido, e seu sancto nome renegado, e o de Nossa Senhora, e dos santos blasfemados. E como El-Rei era muito catholito devoto, e amigo de Deos, por atalhar e evitar tamanho mal, e por castigo do que nas ditas casas se fazia, pelo mesmo caso na metade do dia, com pregão de justiça as mandou queimar no primeiro dia de Junho do dito anno. De que na cidade foi grande espanto, e alguns homens que em suas casas tinham jogos e tavolagens com muito grande receio se tiraram logo d'isso.

CAPITULO CXI

Da tomada de Targua e Camice

NESTE anno de mil quatracentos e noventa, Barraxe, mouro principal e grande senhor (que atrás se disse) tratava de tomar a cidade de Ceuta por manha e ardil de um Lopo Sanches, cavalleiro que nella estava e fingio de lha dar. De que logo mandou aviso a El-Rei estando em Evora, e o concerto entre ambos chegou a tanto que parecia que por Barraxe fiar tanto no dito Lopo Sanches o poderiam com um trato dobrez tomar dentro na cidade. Para o qual El-Rei mandou D. Fernando de Menezes, filho maior e herdeiro do marquez de Villa Real, pessoa de muito merecimento, que depois foi marquez.

E depois d'El-Rei com elle estar, e tomar conclusão do que havia de fazer, partio para Ceuta com cincoenta velas, que no Algarve com muita brevidade foram armadas e aparelhadas de todo o necessario, e nellas muita e boa gente, e assi chegou a Gibaltar.

E Fernão de Pina, escrivão da camara era diante sobre o dito trato, para de lá avisar do que nisso se passasse. O qual por não achar o tratamento certo, avisou D. Fernando que em Gibaltar entrasse de noite por não ser visto dos mouros, porque com sua vista se perderia a esperança do dito trato, e de qualquer outra cousa que quizesse fazer.

E o dito D. Fernando e D. Antonio seu irmão que em Ceuta estava por capitão, acordaram com conselho de fidalgos e cavalleiros que lá estavam, que em tanto fossem dar na villa de Targua, que é na costa,

a qual depois de bem vista e espiada partiram para lá com a dita frota e com alguns navios de Ceuta e de Castella que se a ella ajuntaram, bescora de Ramos. Na qual frota iam dois mil homens, e não mais que cento e cincoenta de cavallo.

E D. Fernando mandou sahir a gente em terra em tão boa ordem e regimento que a villa foi logo entrada, e sem nenhuma resistencia tomada, porque os mouros tanto que viram que a dita frota ia sobre elles, os mais se acolheram logo ás serras onde se salvaram, e porém alguns foram mortos e captivos, e a villa toda roubada e queimada, e derribada pelo chão, e talhada das arvores e cousas principaes de fruto.

E acabado o feito D. Fernando fez cavalleiros D. Anrique e D. Diogo seus irmãos, que com elle eram, e muitos fidalgos e pessoas honradas.

E acharam no porto de Targua vinte e cinco navios entre grandes e pequenos, e na casa da tereçana bombardas, polvora, e salitre, e ancoras, e muitas lanças, couraças e capacetes, e muitas ferramentas d'al-mazem que todo recolheram.

E acharam trinta christãos captivos que salvaram e trouxeram a Ceuta, além d'outros que logo passaram a Castella. E com isto outro muito despojo da villa, com que entraram em Ceuta sexta-feira d'Endoenças com muito prazer, sem algum dos christãos ser morto nem ferido, de que o dito D. Fernando como bom capitão foi muito louvado.

E não satisfeito d'isto, desejando de fazer mais serviço a Deos e a El-Rei, e acrecentar mais em sua honra, porque o trato principal de Barraxe a que fôra ia já perdendo esperança de concerto, por conselho e acordo que fez com D. Martinho de Tavora, capitão d'Alcacer Ceguer, e com Manuel Paçanhá, que es-

tava em Tangere por capitão, e com outras pessoas que o bem entendiam, determinou ir a Camice, e destruí-lo, que era lugar sem cerca, posto nas mais asperas e altas serras de toda Africa, a que os mouros por sua grande fortaleza e muita povoação, e por até então nunca de christãos ser cometido nem visto, chamavam o encantado, para a qual ida se ajuntaram em Alcacer d'onde partiram, quatrocentos de cavalo e mil e dozentos homens de pé.

E depois de serem junto do lugar, vendo os que nisso mais entendiam sua grande fortaleza e mui perigosas entradas, houve muita duvida se o cometariam, e porém repartiram a gente para cometer e segurar o perigo, e com muito esforço e ardileza comeram o lugar, em que acharam muitas povoações, e entraram o mais forte d'elle, pelejando tão valentemente, que os mouros desampararam o lugar, e se meteram por brenhas e serras, onde não escaparam de mortos e captivos, porque a serra era já tomada dos christãos.

E o logar foi tomado, roubado e queimado, e ao recolher, por a terra ser muito aspera e tão má que uns aos outros não podiam soccorrer, morreram dos christãos setenta, e dos mouros quatrocentos, e captivaram cento. E tomaram grande cavalgada de cavallos, bestas e gado, e muito despojo da villa, o que tudo foi em Alcacer repartido segundo suas ordenanças a contentamento de todos. E logo D. Fernando se veiu á côrte, e foi d'El-Rei com muita honra recebido, dando-lhe muitos agradecimentos por seus honrados serviços.

CAPITULO CXII

De como foi mudado o mosteiro de Santos

Aos cinco dias de Setembro d'este anno de quatrocentos e noventa mandou El-Rei mudar, ou trasladar o mosteiro de Santos, que estava em Santos-o-Velho, onde ora são os paços de Boa Vista, para o lugar onde ora está, que é Santa Maria do Paraíso, entre o mosteiro de Santa Clara, e o mosteiro da Madre de Deus. O qual mosteiro é da ordem de Sanctiago, e El-Rei o mandou alli fazer de novo, e as reliquias dos martyres que no mosteiro velho estavam, foram lá levadas em uma tumba dourada, e a comendeira que se chamava Violante Nogueira, mulher de muita virtude e honestidade, e assi todas as donas do convento foram no dito dia levadas a pé com solemne procissão do cabido, e todas as ordens e cruces ao dito mosteiro, no qual sempre viveram honestamente.

CAPITULO CXIII

De como o senhor D. Jorge veio a primeira vez á corte

QUANDO El-Rei D. Affonso o quinto falleceu, que foi no mez d'Agosto de mil e quatrocentos e oitenta e um, nasceu o Senhor D. Jorge, filho d'El-Rei, que sendo Principe e casado houve de D. Anna de Mendça, mulher muito fidalga e moça formosa, de mui nobre geração. O qual El-Rei mandou criar em poder da Infanta D. Joanna sua irmã, que estava

em Aveiro, a qual o creava muito honradamente como pertencia a filho d'El-Rei seu irmão.

E porque neste anno de mil e quatrocentos e noventa a Infanta D. Joanna falleceu, El-Rei quiz mandar trazer seu filho á côrte, para que junto de si fosse criado, e primeiro que o fizesse pediu á Rainha sua mulher que o houvesse assi por bem e lhe não lembrassem paixões que sobre isso já tivera, pois ante elle eram tão esquecidas. E a Rainha por suas grandes virtudes e muita bondade, e pelo grande amor que a El-Rei tinha, não abastou consentir nisso mas ainda pediu por mercê a El-Rei que lho deixasse criar em sua casa, e que como a proprio filho o criaria, de que El-Rei foi muito alegre, e mandou logo por elle.

E entrou o Senhor D. Jorge em Evora a quinze dias de Junho, e vinha com elle o Bispo do Porto D. João d'Azevedo, e outras pessoas honradas.

Sahiram ao receber fóra da cidade o Principe seu irmão e o duque, e todos os senhores e fidalgos e nobre gente da côrte, e não lhe foi feita festa alguma por caso da morte da Infanta sua tia, que havia pouco que fallecera. O Senhor D. Jorge quizera beijar a mão ao Principe a pé, e elle o não consentiu, e a cavallo lha deu, e abraçou com honra de proprio irmão, e assi o abraçou o duque e marquez, e senhores de titulo que hi eram, e entre o Principe e duque veio com muita honra beijar as mãos a El-Rei seu senhor e pai, que com muito prazer e honra o recebeu nas casas de João Mendes d'Oliveira, onde então pousava, pelas muitas e grandes obras que nos paços então se faziam para a vinda da Princesa. E d'ahi foi logo o Senhor D. Jorge beijar as mãos á Rainha, que com mostranças de muito amor e muita honra o recebeu, e recolheu logo para si, com cuidado e carrego de todas as cousas que a sua vida, criação e bom ensino cum-

priam, o que sempre se assi fez emquanto andou em sua casa mui inteiramente, que foi até o tempo da morte do Principe, como adiante se dirá.

CAPITULO CXIV

Do principio do casamento do Principe D. Affonso com a Princesa D. Isabel, e das grandes festas que se fizeram na cidade d'Evora

PORQUE as guerras passadas entre os Reis e reinos de Portugal e Castella se acabassem, por serviço de Deus e bem d'ambos os reinos, foi feita e assentada paz perpetua por meio da senhora D. Beatriz, entre os ditos Reis e reinos, e successores d'elles, por ser pessoa que tanta liança tinha em ambos, que era mãe da Rainha D. Lianor nossa senhora, e tia da Rainha D. Isabel de Castella, irmã da Rainha sua mãe, a qual paz se fez no anno de mil e quatrocentos e setenta e nove.

E para maior firmeza e segurança foi concertado e jurado casamentó entre o Principe D. Affonso e a Princeza D. Isabel, que ao tal tempo eram Infantes, por ser em vida d'El-Rei D. Affonso. E por não serem então de idade para logo poderem casar, se assentou e concertou que fossem ambos postos em terçaria na villa de Moura, que é jnto do estremo, em poder da dita Infanta D. Beatriz, que os ahi havia de ter a grande recado, como teve.

E depois da morte d'El-Rei D. Affonso, por consentimento dos Reis seus padres, por causas justas que para isso tiveram, sahiram o Principe e Infanta da dita terçaria com algumas condições que confirmavam a dita paz e amizade, entre as quaes (como atrás fica

dito) foi uma que chegando o Principe a idade de quatorze annos, estando então a dita Infanta D. Isabel por casar que casassem ambos.

E porque a esse tempo o Principe estava em quinze annos, e a Infanta não era casada, desejando El-Rei acabar o dito casamento, mandou sobre isso a Castella por embaixadores Fernão da Silveira, Condel mór e regedor da casa da Suplicação, e o doutor João Teixeira, Chançarel mór d'estes reinos, e por secretario da embaixada Ruy de Sande, que depois foi D. Rodrigo de Sande, que já sobre o dito casamento fôra aos ditos Reis, e o deixara bem concertado. A qual embaixada foi muito honradamente com muitos fidalgos mui galantes, e ricamente ataviados, e partiu da cidade d'Evora no começo do mez de Março. E a requerimento da Rainha de Castella levavam o Principe tirado, pelo natural, que era o mais formoso e gentil homem que no mundo se sabia.

El-Rei e a Rainha de Castella, e o Principe seu filho, a Princeza e Infantes, e toda a côrte estavam na cidade de Sevilha.

E tanto que a dita embaixada partiu, e El-Rei como virtuoso e catholico Principe, porque o principal de seus fundamentos era no serviço e amor de Deus, mandou logo com grande devoção muitas esmolas a todos os mosteiros e casas virtuosas do reino encomendando muito a todos que em suas orações, jejuns e obras meritorias pedissem a Deus que no dito casamento fizesse o que mais fosse seu serviço e bem d'estes reinos, e que não deixassem de fazer as ditas devoções até se o dito casamento aceitar, o que se fez mui inteiramente com muito amor e devoção.

E os ditos embaixadores chegaram á cidade de Sevilha, e foram por todos os grandes da côrte do reino,

e da cidade, recebidos com tanta honra e cerimonia, quanto até então nunca foram recebidos embaixadores de nenhum Rei. E assi lhe foram feitas outras muitas honras e favores de honrados aposentamentos, presentes e visitas, em que claro se via o muito prazer e contentamento que todos em geral e especial com sua ida tinham. O que muito mais viram nas proprias pessoas d'El-Rei e da Rainha, quando os embaixadores lhe deram sua embaixada, cuja substancia era requererem e concordarem o dito casamento, que logo sem duvida nem dilação alguma se concordou, e logo o dito Fernão da Silveira que para isso levava sufficiente e abastante procuração, em nome do Principe por palavras de presente como manda a Sancta Madre Igreja de Roma, recebeu a dita Princeza D. Isabel por sua mulher, por mão do Cardeal D. Pero Gonçalvez de Mendoça, perante El-Rei e a Rainha, o Principe e Infantas e suas irmãs, e muitos grandes senhores com muito grande solemnidade, o domingo da Paschoela á noite, d'este anno de mil e quatrocentos e noventa, na qual noite e outros dias seguintes houve em Sevilha muito grandes e sumptuosas festas de momos e justas reaes, em que El-Rei justou e foi mantedor, e assi justaram muitos grandes e pessoas principaes, e houve outras e muitas e grandes festas.

CAPITULO CXV

*De quando veio nova a El-Rei do Principe
ser recebido em Sevilha*

PORQUE El-Rei era avisado pelos ditos embaixadores do dia em que o dito recebimento havia de ser, para em poucas horas saber quando se fizera, ordenou paradas de cavalleiros de sua

guarda, homens diligentes e em cavallos muito ligeiros, d'Evora até Sevilha de tres em tres legoas, para que tanto que o recebimento fosse acabado a todo o correr de um em outro viesse a nova. A qual deu a El-Rei Felipe do Casal, irmão de Ruy de Sande, que era o derradeiro, e estava na torre dos Ccelheiros. E chegou com ella a El-Rei logo ao outro dia, segunda feira ainda de dia, andando passeando na praça, e saíra áquella hora de casa do secretario Affonso Garcês de receber uma sua filha com um Luiz da Costa, que vivia em Alhos Vedros, que El-Rei então foi casar em pessoa, e com elle o Principe e o duque e outros muitos senhores. A qual nova foi d'El-Rei e do Principe, e de todos os grandes e nobres, e todo o povo ouvida com tanto prazer e alegria, que mais não podia ser, dando todos principalmente muitas graças a Deus.

E El-Rei tinha prestes sem se saber por toda a cidade, para que tanto que a nova viesse, muitas e muito grandes fogueiras por todas as praças, ruas principaes e todas as torres do muro e da cidade, e pelos muros, torres e lugares altos da cidade muitas infindas bandeiras, muitas bombardas e outros tiros de fogo, e foguetes, muitas trombetas e atambores, charamelas e sacabuxas, e que todos os sinos repicassem, e as ruas, praças, muros e torres muito enramados de ramos verdes, e isto era repartido por muitos homens sem se saber. E tanto que a nova foi dada a El-Rei todas estas coisas se fizeram juntamente com tanta brevidade e presteza, que foi coisa espantosa. E era tamanho o estrondo, que com isso e com a grita da gente parecia que a terra tremia, tudo muito para vêr por ser tão supitamente, e feito em muita perfeição.

El-Rei e o Principe da praça onde andavam se foram logo á Sé a darem muitas graças a Deus, e aca-

bado d'ahi a casa da Rainha, onde já acharam tanto alvoroço, tanto prazer e alegria, assi nella como em todas as damas, que não se póde estimar. E logo houve muito grande e rico serão de muitas danças e bailos, alegrias e muitas festas.

E toda a gente da cidade foi posta com muita brevidade em danças e folias, com infindas tochas na praça e no Terreiro dos Paços, e por todas as ruas principaes, e tanta gente honrada e nobre, e assi a do povo, que não cabia, nem se viu nunca tanto alvoroço e alegria, e muitos velhos e velhas honradas com sobejo prazer foram juntos cantar e bailar diante de El-Rei e a Rainha, cousa de que suas edades os bem escusavam. Nos quaes entrou Ruy de Sousa, e Diogo da Silva, que depois foi conde de Portalegre, homens já de dias e de muita autoridade.

E em vindo El-Rei da Sé com o Principe e o duque, e com muito grande estado, lhe sahiu á rua cantando com um pandeiro na mão D. Briolanja Anriques, dona muito honrada, mulher d'Ayres de Miranda, e El-Rei com prazer a tomou nas ancas da mula e levou assi com muita honra onde a Rainha estava.

E não sómente foi isto nos paços d'Evora, mas em todo o reino, tanto que a nova foi sabida, sem mandado d'El-Rei, senão de suas proprias vontades faziam todas as festas que podiam.

E os cavalleiros dos logares dos estremos de Castella com a muita alegria d'esta nova se juntaram todos, e com as bandeiras dos logares partiam e se vinham todos a cavallo ao estremo d'ambos os reinos, e á vista d'ambos por sinal da paz que entre elles já havia, e do muito contentamento e prazer do dito casamento, abaixavam e alçavam muitas vezes as bandeiras com grandes gritas e prazeres, rogando todos a Deus por as vidas do Principe e Princeza, lem

brando-lhe quão poucos annos havia que com as ditas bandeiras sahiam dos ditos lugares com muito odio, guerras, pelejas e mortes d'ambalas partes, e agora com tanta paz e socego.

E logo ao outro dia, a terça feira pela manhã cedo, El-Rei, o Principe e o duque com todolos grandes e fidalgos da côrte, e a Rainha com suas damas e as senhoras donas honradas da côrte e da cidade, cavalgaram muito ricamente vestidos, e diante d'elles os mouros e judeus com suas toucas, guinolas e festas, e assi todo o povo com muitas folias e invenções de prazeres, foram ao mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro a ouvir missa, e a dar a Deos e a Ella muitas graças, e lá no mosteiro comeram, e á tarde com grande estrondo de prazer se tornaram á cidade, em que pelas praças e ruas houve comerres mui abastados, e nos paços muitas danças e festas até acerca da manhã.

E logo á quarta-feira o pateo dos paços onde ora estão as bestas foi toldado por cima e todo ricamente armado com estrado real, e dorceis de brocado, e houve nelle momos reaes, muito ricos, em que entrou El-Rei com os senhores casados. E o Principe e o duque cada um per si, com muitos fidalgos de suas casas, e assi outros muitos fidalgos, todos com grande riqueza e singulares entremeses, e muita galantaria em perfeição, e foram tantos e tantas danças, que a noite não abastava. E á quinta feira houve na praça da cidade touros e canas a que El-Rei e a Rainha vieram com muito grande estado e riqueza, e todas as damas, com muita nobre gente.

CAPITULO CXVI

Da morte da Infanta D. Joana irmã d'El-Rei

ESTAS e outras muito maiores festas se ordenavam cada vez em maior perfeição e maiores despesas, senão fôra a morte da Infanta D. Joanna irmã d'El-Rei, que então se finou no mosteiro de Jesu d'Aveiro, onde estava solteira sem casar, e falleceu em idade de trinta e seis annos. De que El-Rei foi bem anojado, porque não tinha, nem teve outro irmão nem irmã, e queria-lhe muito grande bem, e estimava-a muito por ser singular Princesa, de muitas virtudes, bondades e perfeições, muito catholica, devota e amiga de Deos, e muito obediente a El-Rei seu irmão, porque elle e a Rainha e o Principe tomaram grande dó, e os paças foram todos desarmados de panos ricos, e armados de panos azues, e assi toda a côrte tomou dó.

E El-Rei lhe fez logo muito solemne saimento com muita despesa em muita perfeição, no mosteiro de S. Francisco da dita cidade.

E sentio El-Rei muito sua morte por ser em tão poucos dias, que não houve tempo para elle a poder ir vêr e estar com ella em tal hora. Porque parecendo aos que com ella estavam que a doença não era de tanto perigo, o não fizeram saber a El-Rei, que por isso foi muito triste, e lhe pareceo que fallecer em tal tempo fôra em pendenza do sobejo prazer e alegria que por este casamento tomara, que por El-Rei ser muito catholico todalas cousas que lhe succediam, se eram boas attribuia a Deos, e as más a seus pecados, dando com tudo louvores a Nosso Senhor.

CAPITULO CXVII

De como El-Rei e a Rainha de Castella notificaram o dito casamento a El Rei e á Rainha

TANTO que o embaixador Fernão da Silveira recebeu a Princesa em Sevilha, como fica dito, logo El-Rei e a Rainha de Castella o notificaram a El-Rei e á Rainha por suas cartas com palavras de muito amor e grande contentamento. E assi escreveo a Princesa ao Principe com muita prudencia e honestidade, as quaes cartas trouxeram moços fidalgos filhos de grandes senhores de Castella, a que foi feito muito agasalho e dado ricas mercês á partida.

E El-Rei, e a Rainha e o Principe, lhe responderam a El-Rei em muita conformidade com grande amor e alegria, e as respostas levaram outros nobres moços fidalgos, a que lá tambem muito favoreceram e fizeram muitas mercês, e estas visitasões d'ambas partes se fizeram muitas vezes até á vinda da Princesa.

E porque cumpria muito com cedo dar-se grande aviamento ás muitas e grandes cousas que El-Rei ordenava de fazer, com todo o sentimento da morte da Infanta não deixou de prover com muito cuidado e diligencia todo o que para a vinda da Princesa cumpria, que se esperava logo no Outubro seguinte, porque ordenou El Rei e quiz que seu recebimento fosse feito com as maiores honras, festas e cerimoniaes que nunca a outra Princesa nem Rainha foram feitas.

E logo para isso ordenou de ter em seus paços casa apartada, que se chamava das festas, em que se

não entendia em outro despacho. De que deu carregó a D. Martinho de Castel Branco, veador de sua fazenda, homem de muita confiança, e a elle muito aceito, e galante para o tal carregó, pois era para gentileza e galantaria, e com elle Anrique de Figueiredo, escrivão da fazenda, muito grande official e homem de muito bom saber, e assi outros officiaes para isso escolhidos, que entendiam em cuidar, praticar e ordenar todalas cousas que lhe pareciam serem mais convenientes e necessarias para mais cumprimento e maior perfeição das festas, por que El-Rei ordenou e mandou que fossem as maiores e mais reaes, e perfeitas que se podessem fazer, assi nas cousas que tocavam ás cerimoniaes reaes que nas visitações e recebimentos se esperavam, como em aposentamentos e abastança de mantimentos e outras muitas policias, e sala da madeira para banquetes e consoadas, e justas, momos, touros e canas e entremeses. E principalmente de ouro e prata, brocados e seda para El-Rei fazer mercês, e tapeçarias e ricos panos, cavalos, arneses, lanças e armeiros, borladores e officiaes de chaparias e canotilhos, ourives, esmaltadores, jaezes e douradores, ginetes e mulas e sirgueiros. E assi frutas, conservas, espeçarias, assucares, meles e manteiga, carnes, caças e pescados e todo o mais que cumpria. O que tudo logo se proveo com tempo antes d'haver necessidade de nada; e escolheo logo para cada carregó homens que lhe pareceu que o melhor saberiam fazer, e os mais autos que no reino para isso achou, e tudo se fez com tanta diligencia, abastança e perfeição, e as festas foram em tudo tão reaes e tão ricas, que já em Hespanha para sempre serão lembradas, sós, e sem comparação.

E entre as cousas que El-Rei com os deputados ordenou, foram algumas as seguintes:

Primeiramente El-Rei por suas cartas, e com palavras de grande confiança, amor e prazer, notificou o dito casamento a todos os prelados, senhores e fidalgos principaes de seus reinos, e os convidou para as festas d'elle, encomendando a todos que trouxessem consigo sómente os continos de suas casas, e que de suas pessoas, casas, camas e mesas viessem apercebidos quanto melhor podessem, para que com honra e abastança podessem agasalhar e festejar os senhores estrangeiros que ás festas viessem. E a muitos escreveu e encommendou que trouxessem suas mulheres, como trouxeram, mui ricamente ataviadas.

E enviou com muita diligencia e muita abastança de dinheiro muitas pessoas por mar e por terra a Levante e ao Poente a comprar todas as cousas que para arreio e cumprimento de tão ricas festas eram necessarias. E ainda para maior perfeição d'ellas mandou notificar a todas as gentes e nações do mundo, que poderiam ás ditas festas trazer, ou enviar suas joias, brocados, tellas, sedas e ricos panos, e todas as outras cousas que para ellas fossem necessarias, e os franqueou geralmente de todos os direitos que d'ellas houvessem de pagar, e que o preço d'ellas podessem tirar em ouro ou em prata, e assi se cumpriu mui inteiramente.

E mandou logo uma caravella mui armada a Italia com feitores, pessoas de que confiava, com grande soma d'ouro que compraram e trouxeram grande soma de ricos brocados, tellas d'ouro e de prata, e muitas e mui ricas sedas, e assi muita pedraria e outras muitas cousas para as ditas festas, assi para arreios e vestidos das pessoas reaes e suas salas, camaras, camas, e guarda roupas, como para toda a côrte. E tanta foi a quantidade que dos ditos brocados e sedas se comprou, e para o dito casamento foram necessarias, que

para as receitas que levavam não abastaram quantas acharam em Genoa, Florença e Veneza, especialmente brocados e sedas, que ainda deixaram muitas fazendo-se nos teares, que depois foram trazidas.

E porque na cidade de Lisboa, principal do reino, ao tal tempo morriam de peste, e por isso se não podiam fazer nella as ditas festas como El-Rei por maior perfeição desejou, determinou que fossem na cidade de Evora, que é a segunda do reino, e posto que nella houvesse nos paços aposentamentos em que El-Rei e a Rainha, o Principe e a Princesa se podessem bem agasalhar, porém por que todas cousas do dito casamento fossem em grande perfeição, mandou El Rei sem embargo de grande brevidade do tempo acrescentar e fazer nos paços muitos aposentamentos de novo com grandes salas e camaras para si e para o Principe e Princesa. E quiz que a brevidade do tempo se cumprisse com grande soma de dinheiro, e infinitos officiaes, que nas ditas obras andavam, que era coisa espantosa, o que logo assi se fez e cumprio com tanta diligencia e perfeição, que parecia coisa impossivel, mas os officiaes eram tantos de todos os officios que juntamente lavraram, que era coisa muito para vêr, e em seis mezes fizeram obras que houveram mister bem de annos.

Mandou mais vir de Allemanha, Flandres, Inglaterra e Irlanda em navios, muitas e mui ricas tapeçarias, e pannos de lã muito finos, e outros forros e facaneas formosas, e muita prata em pasta. Muitos e bons cosinheiros, muitos menistrís altos e baixos, cuja vinda e aviamento d'estas cousas custou muito dinheiro. E assi mandou de Castella e outras partes, vir muitos ourives para fazerem arreios, e outras cousas esmaltadas, e muitos douradores, e todos os bons officiaes de todos os officios, e assi os mercadores pe-

los favores e liberdades que recebiam acudiam de muitas partes onde El-Rei estava.

E todolos brocados, telas d'ouro e sedas que vieram de Italia, e assi outros infinitos que mandou comprar e trazer das feiras das cidades e villas de Castella, mandou El-Rei recolher ao thesouro de sua casa. Das quaes cousas a seus cortezãos e a outros muitos do reino e fóra d'elle fez muito grandes e liberaes mercês. E a outros que assi o queriam por lhes fazer mercê mandava dar emprestado todo o que do thesouro haviam mister, e o thesoureiro recebia depois os pagamentos pelas tenças e desembargos que do dito senhor tinham, até tempo de dois annos. E os preços das cousas que assi recebiam eram por juramento apreciados em sua justa avaliação, que foi grande aviaamento e mercê aos homêns acharem o que queriam fiado por seu justo preço, e não no mandarem comprar fóra onde em tal tempo lhe custava o dobro.

E ordenou que, a todo fidalgo que quizesse justar lhe fosse dado cavallo e armas, que houvesse de muitas partes, e para ajuda da despesa da justa duzentos cruzados de mercê em brocados e sedas, quaes quizessem, que lhe logo eram dados no thesouro. E aos fidalgos que não justavam, e fossem para dançar e fazer momos, que aos que em momos quizessem entrar dessem a cada um de mercê nos ditos brocados e sedas cem cruzados, e a alguns duzentos, segundo as calidades de suas pessoas, e isto assi da justa como dos momos por ordenança, sem por isso beijarem a mão a El-Rei, nem tirarem despacho algum.

E a todos seus Officiaes môres, Mordomo môr, Veador da fazenda, Guarda môr, Camareiro môr, Porteiro môr, Veador e Mestre salas, fez muito grandes mercês e a todolos outros vestidos de ricas sedas e brocados, e outras mercês. E a todolos moços da ca-

mara e da capela, porteiros da maça, reis d'armas, arautos e passavantes, moços da estribeira e reposteiros deu vestidos de finas sedas, e muitos moços da estribeira foram vestidos de ricos brocados. E aos pajes que eram quatro, afóra o paje da lança, deu muitos e muito ricos vestidos, e assi a muitos moços fidalgos.

E assi foi ordenado e feito forçamento, como despesa necessaria e principal, quanto se poderia dar de mercê e dadivas por El-Rei e Rainha e o Principe ás pessoas de toda calidade que ás festas viessem, assi em ouro amoeado como em coraes, joias, baixellas de prata lavrada e brocados, sedas, cavalos e escravos; o que tudo se cumprio em muito grande abastança, porém as festas e cumprimento d'ellas socederam de maneira que a despesa d'estas cousas passou muito pela ordenança, o que tudo se cumprio com muita grandeza e louvor d'El Rei.

E mais seguro El-Rei por dois annos as rendas de todos aquelles que para despesa das festas as arrendassem anticipadas, quer fossem ecclesiasticas quer seculares, e deu a todas as pessoas que ás festas por seu mandado viessem, espaço de um anno para a paga de suas dividas, de qualquer calidade que fossem, e outro anno ás demandas; e isto não se entendia quando as taes dividas e demandas tambem tocavam a pessoas que viessem ás festas, porque em tal caso este privilegio não havia lugar.

E proveu-se mais de muita infinita cera, que para festas é adição mui principal, a qual cera se houve de Berberia e de Guiné. E assi de muitas frutas verdes, e de tamaras, assucares e conservas, especearias, meles, manteiga, arroz, e todas as outras cousas d'esta calidade em muito grande abundança para banquetes e consoadas.

E proveu-se nos portos de mar com dinheiro, que lá foi enviado por pessoas para isso ordenadas que fizessem sempre pescar todos os pescados d'estima e enviassem á côrte com muita pressa, uns frescos e outros em conservas. E mandou que de todas as comarcas de redor fosse trazido por contribuição geral muito trigo dos lavradores, farinhas e cevadas, vaccas, carneiros, porcos, e outras calidades de mantimentos, porque nunca faltasse, e sempre sobejasse. E estas cousas se repartiam ordenadamente, e com proveito e prazer de seus donos.

E ordenou mais que os caçadores de toda sorte, e os pescadores de rios d'aquellas comarcas, depois da Princesa ser entrada em Portugal e as festas durassem, continuadamente caçassem e pescassem por giros, e as caças e pescados enviassem logo á côrte por troteiros que para isso eram ordenados.

E ordenou mais que de todo o reino por mar e por terra seus a'moxarifes e officiaes mandassem á côrte galinhas, capões, patos e adens, pavões e outras muitas aves; e mandaram tão grande numero d'ellas, que foi certo que as ditas aves durando as festas comeram mais de cem moios de trigo, porque tanto se levou em conta e despesa aos officiaes que d'ellas tinham carrego em casas e quintaes que lhe para isso deram, e lhe davam de comer muito e beber para que estivessem gordas.

Ordenou que das partes ao redor d'Evora mais chegadas constrangessem os lavradores criadores para trazerem junto da cidade muitas vacas e cabras paridas para manjares de leite, e assi porcas com leitões e vacas com vitelas, as quaes cousas seus donos vendiam ás suas vontades, mas honestamente.

E mandou que de todas as comarcas ao redor fossem trazidas a Evora muitas camas, porque as da ci-

dade para a muita gente que chegava não podiam abastar, e estas foram entregues a pessoas deputadas que as davam e depois recolhiam por boa e segura arrecadação, todas com sinaes para saberem cujas eram e se darem a seus donos.

E assi mandou que de totalas mourarias do reino viessem ás festas todos os mouros e mouras que soubessem bailar, tanger e cantar, e a todos foi dado mantimento em abundância, e vestidos finos, e em fim lhe foi feita mercê de dinheiro para os caminhos. E mandou que dos lugares mais perto viessem mancebos, gentis homens, e moças formosas que soubessem bem cantar e bailar, para bailos e folias, e a todos foi dado de vestir de pannos finos, e comer em abundância, e acabado, dinheiro para os caminhos; e eram todos vestidos de librés. E foram ordenadas na cidade cinco praças que de toda calidade de mantimentos foram sempre muito abastadas e muito providas a toda hora, e na principal praça da cidade em durando as festas não se vendeo cousa alguma porque foi sómente para as justas e festas ordenada.

CAPITULO CXVIII

Da grande sala de madeira que El-Rei mandou fazer

PORQUE nos paços todos não havia casa tão grande, e em que tanta gente se podesse agasalhar, havendo ahi grandes salas, mandou El-rei fazer uma sala nova de madeira por grande engenho e artificio, e cousa grande, que se fez onde era a horta de S. Francisco, pegada com a porta do mosteiro e os paços, que jazia ao longo norte e sul; ta-

manha que era de longo de trezentos palmos, e de largo de setenta e cinco palmos, e de alto de setenta e dois palmos. Foi armada das paredes sobre grandes e fortes mastros, que com grande custo de Lisboa foram trazidos, e entre os mastros de paredes e taipas, e por cima armada de mastros delgados, e outras madeiras, e cuberta de taboado trincado e calafetado e breado como não de madeira, que não podia chover nella gotta d'agoa. E de dentro era toda das paredes e de cima armada e toldada de ricos e formosos lambeis, cousa nova, que parecia muito bem pela differença que tinha dos brocados e tapeçaria.

Tinha a porta principal muito grande com as portas muito bem pintadas, no topo contra o norte, e no outro topo era feito um muito grande estrado real, que chegava de parede a parede, a que subiam por muitos degraos, tudo alcatifado de ricas alcatifas. E contra o poente tinha uma porta junto do estrado, de que se serviam para os paços, por onde as pessoas reaes vinham e iam; tinha quatro casas de fóra pegadas nella com muito grandes arcos altos nas paredes da sala, dois de cada banda, que a faziam ainda parecer maior, para muitos ministris que nellas estavam muito altos e bem agasalhados, d'onde tangiam á sua vontade. E um muito grande cadafalso á entrada da porta á mão esquerda para trombetas bastardas e atambores, de muitos degraos, em que estavam assentados á sua vontade, sem tolherem vista uns aos outros.

E á mão direita era feita uma muito grande e muito alta copeira de muitos degrãos, a maior que nunca vi, que tomava da porta até á parede da sala, e tinha tanta e tão rica prata, e tantas e tamanhas e ricas peças, que era cousa espantosa e de grande maravilha. E ao longo da sala de cada parte foram feitos uns

estave tão seguro, que se não achou menos cousa alguma de quanto na cidade ficou, nem sómente fechadura de porta com que se bolisse.

E acabado os quinze dias o gado todo se levou, e a cidade foi toda muito limpa, e todas as ruas e casas defumadas e caiadas antes d'El-Rei entrar n'ella. E assi no entrelunho de Outubro depois da gente estar dentro, El-Rei mandou que todos os escravos e negros que na cidade havia se sahisses fóra por dez dias, sob pena de se perderem, e assi se fez.

E por estas grandes diligencias, e principalmente pela piedade de Deus, a quem se fizeram juntamente com isso muitas devoções e esmolas, a cidade ficou de todo sã, de que El-Rei e todos foram muito alegres por se poder fazer nella o que estava ordenado.

CAPITULO CXX

De quando a Princesa partiu para estes reinos

E sendo assi prestes todas as cousas para a vinda da Princesa, El-Rei o mandou logo notificar a El-Rei e á Rainha de Castella, que estavam na cidade de Borba, para que podessem logo mandar a Princesa sua filha.

E tanto que o recado lhe foi dado partiram com ella, e em pequenas jornadas vieram até o lugar de Costantina acompanhados do Principe seu filho, e de muitos grandes, e d'ali com muitas lagrimas e grande saudade a Princesa lhe beijou as mãos, e se despediu d'elles, e elles lhe deitaram suas benções, e d'ahi se tornaram a Borba, e a Princesa começou seu caminho a dez dias do mez de Novêmbro, e vinha com ella o

Cardeal D. Pero Gonçalves de Mendoça, Arcebispo de Toledo, e o Mestre d'Alcantara, e o conde de Benavente, e o conde de Faria, o Bispo de Jaem, e D. Pedro Portocarreiro, e Rodrigo de Ilhoa, Contador mór, que vinha por embaixador, e assi outros muitos ricamente aparelhados.

E trazia a Princesa consigo nove damas, filhas de grandes e nobres homens de Castella e Aragão, e vinha por sua aia e camareira mór D. Isabel de Sousa, portugueza, mulher muito fidalga e prudente, e de mui honesta vida, e outras mulheres e officiaes de sua casa.

Chegou a Princesa com todos os que com ella vinham á cidade de Badajoz, sexta feira dezanove dias do dito mez de Novembro. E todas as jornadas que fazia era El-Rei sabedor d'ellas por paradas.

CAPITULO CXXI

De como a Princesa foi entregue em Portugal

DEPOIS d'El-Rei saber o dia que a Princesa havia de ser entregue em Portugal, ordenou que em seu recebimento e entrega que no extremo dos reinos se havia de fazer, fosse em nome do Principe o duque D. Manoel, primo com irmão d'El-Rei, e irmão da Rainha, filho do Infante D. Fernando, e primo com-irmão da Rainha D. Isabel de Castella, que levava poder especial do Principe.

E mandou El-Rei com elle o Bispo de Evora D. Affonso, filho do marquez de Valença e primo com-irmão da Infanta D. Breatiz, homem de muita auctoridade, e o Bispo de Coimbra D. Jorge d'Almeida, e o conde de Monsanto, e o conde de Cantanhede, os

quaes muito acompanhados de muitos fidalgos e cavalleiros chegaram á cidade de Elvas o dia que a Princesa chegou a Badajoz. Todos com grande riqueza e perfeição de corregimentos de suas pessoas, casas e servidores.

E segunda feira, a vinte e dois dias de Novembro, a Princesa partiu da cidade de Badajoz acompanhada do Cardeal e todos os senhores que com elle vinham, e com a gente da cidade e suas danças. E no mesmo dia sahio o duque com todos os senhores que com elle iam da cidade de Elvas, grandemente acompanhado da nobre gente que com elle vinha, e mais com toda a gente da cidade e outra muito comarcã que ahi veio, e dentro em Castella se foi para a Princesa que o recebeu com grande honra e muito amor, por ir em nome do Principe e ser primo com-irmão da Rainha D. Isabel sua mãe, e assi fez muita honra ao Bispo d'Evora por ser parente seu tão achegado, e aos outros senhores, e assi vieram junto até á ribeira de Caya, que é o marco do reino.

E depois de o doutor Vasco Fernandes de Lucena, Chançarel da casa do civil ahi fazer uma pratica dirigida á Princesa em nome d'El-Rei e do reino, o Cardeal entregou a Princesa ao duque, com as ceremonias acostumadas, e depois de entregue elle e muitos senhores se despediram d'ella e se tornaram, e com ella vieram muitos até Elvas, onde a Princesa foi grandemente recebida com paleo de rico brocado e muitas festas, e foi aposentada no mosteiro de S. Domingos, e as salas, camaras, e camas, eram por mandado d'El-Rei armadas de ricos brocados, e alli foram feitos e dados á Princesa grandes presentes de cousas de comer.

E ao outro dia terça feira vinte e tres do mez, a Princesa com o duque e outros senhores todos foi

dormir a Estremoz, onde chegou já noite, e foi recebida com outra pratica, e grande triumpho de festas, com paléo de rico brocado, e assi de grandes presentes.

E nos lugares onde chegava, assi de caminho de baixo de palco ia primeiro fazer oração á egreja principal, e d'ahi a seus aposentamentos.

E pelas torres e muros, e lugares mais altos da cidade e villas havia muitas bandeiras de suas côres e armas, e muitos tiros de fogo, que em chegando todos juntamente tiravam, e muitas festas e folias de homens e moças muito bem vestidas, e as ruas armadas de tapeçarias, enramadas e espadanas.

E aqui em Estremoz foi a Princesa decer á egreja de Santa Maria, junto do castello, onde o Bispo de Vizeu D. Fernão Gonçalves de Miranda a recebeu com solemne procissão, e d'ahi se foi a pé com infindas tochas a seu aposentamento que era ahi perto, concertado em tudo com grande riqueza e perfeição.

CAPITULO CXXII

De como El-Rei e o Principe foram vêr a Princesa a Estremoz, e como foram ahi recebidos

PORQUE El-Rei desejava muito de vêr a Princesa a quiz ir vêr a Estremoz aforrado com o Principe e alguns principaes do reino a elle mais accitos, o mesmo dia que ella ahi chegasse. E foram todos vestidos de caminho, e para o tempo os mais ricos, mais galantes e escolheitos que podiam ser, com muitos brocados, tellas e chapados e ricos forros, e singular pedraria, e em estremo ataviados.

Chegaram a Estremoz á hora que a Princeza entra-

va, e se foram decer a casa do duque, com quem aquella noite pousaram. E logo a Princesa soube como elles ahi eram e a queriam ir vêr, e com grande alvoroço, prazer, e alegria não pôde comer, e de pressa se levantou da mesa e logo se vestio, e assi suas damas, e mandou concertar suas casas como cumpria. E El-Rei e o Principe com esses que com elles vinham se foram para ella, e a Princesa os veio esperar em pé no topo de uma escada, e em El-Rei chegando acima ella se pôs em joelhos para lhe beijar as mãos, e El-Rei com muito amor, mui alegre, com muita cortesia lhas não quiz dar, e com as mãos a levantou e deu lugar ao Principe, e ambos com os joelhos em terra se abraçaram, e El-Rei posto á mão esquerda da Princesa, e o Principe á direita, se foram assentar em um estrado ricamente concertado, e El-Rei tendo a Princesa pela mão, com muito prazer e alegria lhe disse com muita discrição algumas palavras de quanta gloria e contentamento tinha em vêr cousa tanto estimada e que seus olhos tanto desejaram vêr, e de quão satisfeito e alegre era com sua vista.

E a Princesa lhe respondeu com palavras de muita prudencia, honestidade e discrição, de que El-Rei ficou muito contente por vêr que respondiam com a fama que d'ella já tinha sabida.

E acabadas estas falas El-Rei houve por bem que além do solemne recebimento que em Sevilha se fizera por procuração do Principe, elle em pessoa a tornasse ahi a receber por sua mulher como logo recebeu, por palavras de presente como manda a Santa Madre Egreja de Roma, nas mãos de D. Jorge da Costa, Arcebispo de Braga. E acabado houve ahi muitas danças e festas, e depois de acabadas El-Rei e o Principe se despediram d'ella e recolheram a casa do

duque, onde aquella noite foram muito bem banque-teados, agasalhados e servidos.

E ao outro dia pela manhã cedo El-Rei e o Principe se foram diante a Evora, e a Princesa com o duque e os Bispos de Evora e de Coimbra, e os condes de Monsanto e Cantanhede, e Rodrigo de Ilhoa, embaixador, se foram ao mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro, onde já chegaram de noite, e a egreja e aposentamentos estava tudo concertado em muito grande perfeição.

E logo á quinta-feira seguinte El Rei e a Rainha e o Principe, com toda a côrte e muito grande triunfo foram ao mosteiro de Nossa Senhora, e depois que a Rainha com grande contentamento, prazer e alegria vio a Princesa, que ainda a não vira, se vieram todos á egreja do dito mosteiro, onde pelo Arcebispo de Braga lhe foram feitas as benções pela Santa Madre Egreja ordenadas, e o Arcebispo disse missa solemne, e acabada, a Princesa se despedio d'elles e se recolheo a seu aposentamento, e El-Rei e a Rainha e o Principe se tornaram com grande estado real á cidade.

E a sexta-feira e ao sabado esteve a Princesa no dito mosteiro, onde d'El-Rei e do Principe por suas pessoas foi sempre visitada. E segundo fama antes d'ella entrar na cidade, alli nas casas do mosteiro onde pousava, teve o Principe ajuntamento com ella, o que de muitos foi estranhado por ser em casa de Nossa Senhora, e de tanta devoção.

E affirmou-se por mui certo que naquella noite cahio da parede da egreja uma ameia junto da camara d'onde jouveram, a qual ameia até hoje não foi concertada, e está assi por memoria que os frades d'isso fizeram.

CAPITULO CXXIII

Da entrada da Princesa em Evora, e do real recebimento que lhe foi feito

Ao domingo vinte e sete dias de Novembro, do dito anno de mil e quatrocentos e noventa, que era o dia ordenado para a entrada da Princesa em Evora, El-Rei, depois de comer, cavalgou acompanhado de todos os grandes e Prelados e nobre fidalguia, e toda sua côrte, e a melhor vestida, e mais rica gente que até então nestes reinos se vio, e sem o Principe se foi ao dito mosteiro com grandissimo estado, e muito grande estrondo de festa.

Diante d'elle vestidos de ricas sedas, e muito bem encavalgados muitos trombetas bastardas, e muitos atambôres, muitas charamellas e sacabuxas, muitos porteiros de maça, muitos reis d'armas, arautos e passavantes, e o porteiro-mór, e quatro mestres salas, e o veador e os veadores da fazenda, e o mordomo-mór, e todos uns entre outros nesta ordem, e muitos cavallos á destra ricamente arraiados, e derredor d'El-Rei muitos moços d'estribeira vestidos de brocado.

E El-Rei ia vestido á franceza, com uma opa roçagante de rica tella d'ouro, forrada d'arminhos, e em cima uma rica e grande cadeia de pedraria, e um pelote de brocado, forrado de ricas martas com muitos golpes, e nelles ricos firmaes de pedraria e ricas perlas, e uma rica adaga d'ouro em uma rica cinta e um chapeo branco com um penacho branco, e em cima de um mui formoso ginete ruço pombo, a brida com riquissima guarnição, e detrás d'elle seus pajes ricamente vestidos, e muitos senhores e nobre gente.

E do mosteiro até á cidade havia muitos entremeses da gente do povo, e dos judeus e mouros, e o caminho muito concertado e limpo, tudo em perfeição, e cheio de gente com muitas folias de foliães e moços muito bem vestidos.

Chegou El-Rei ao mosteiro, e a Princesa que já estava prestes sahio logo vestida com muita riqueza e grande galantaria, e assi todas suas damas. Ella em uma mula mui ricamente arraiada, e as damas em mulas com ricas guarnições, e diante d'ella muitas trombetas e atabales, charamelas e sacabuxas, muitos porteiros de maça, e reis d'armas d'El-Rei e da Rainha de Castella, vestidos de ricas sedas e bem encavalgados, e seus mestres salas, veador e mordomo-mór ricamente vestidos. E o estrondo de todas as trombetas e atambores, ministris altos d'El-Rei, da Princesa e do duque e muitos senhores que os levavam era cousa espantosa.

E em a Princesa saindo, El-Rei se foi a ella, e com muito grande cortesia se pôs á mão esquerda, e assi vieram caminho da cidade, e a Princesa ainda que a El-Rei não levava pela mão, porque era mui prudente e mui cortez, tirou a luva da mão daquella parte d'onde El-Rei ia, e sempre levou a mão descuberta, que logo se julgou por mulher de muito primor e de grande acatamento, e assi vieram.

O caminho era cheio de tanta e tão nobre e rica gente, qual se nunca vio, e á ponte d'Enxarama estavam juntos de uma parte e da outra, sahindo d'ella setenta fidalgos juntos todos, de ricas opas de brocados e tellas d'ouro, com ricos forros, grandes e ricos collares e cadeias d'ouro, e as bestas ricamente guarnecidas, de que se os castelhanos espantaram, principalmente das invenções e galantaria.

Chegaram á porta d'Avis, onde eram muito

bem feitos grandes arcos triunfaes e nelles fadas que fadavam a Princesa, cada uma de sua cousa. E entre as portas d'Avis era feito o paraíso muito grande, muito alto, ricamente ordenado com todas as ordens do ceo, com muito ouro e muita riqueza concertado, cousa de muito custo, e havia nelle singulares cantores, cousa muito para folgar de vêr e ouvir. E estando El-Rei e a Princesa dentro, á porta da cidade se fez uma pratica á vinda e entrada da Princesa, e acabada os do paraíso com singulares estromentos que tangiam, e os cantores que cantavam suavemente, fizeram uma espantosa musica, e assi se fizeram outras muitas e mui concertadas representações, e alli á porta da cidade se deceram todos a pé, salvo El-Rei, a Princesa e suas damas, e com cada dama um fidalgo castelhano. E o duque e o senhor D. Jorge postos a pé, cada um de sua parte, levaram a Princesa pelas redeas da mula, e ás estribeiras iam condes e grandes senhores. E El-Rei atou o rico e honrado cordão da Garrotea ás redeas da mula da Princesa, e por sua honra a levou assi. E postos ambos debaixo de um grande paleo de rico brocado e bordado, que levavam os regedores principaes da cidade, entraram assi.

E as ruas da porta d'Avis até á Sé, e da Sé até os paços; e toda a praça eram de cima todas toldadas de panos finos de côres, postos sobre muitos mastros que de Lisboa e outros portos de mar foram trazidos, todos forrados dos mesmos panos, com infinitas bandeiras, e as ruas todas armadas de panos de seda, e ricas tapeçarias. E pelas janellas e portas postas muitas joias, e muitos ramos de louro e lorangeira, e o chão todo d'aquella hora espadanado, e muitos perfumes ás portas, e na praça e em outros lugares houve muitos cadafalsos de muitos e mui naturaes entre-

meses e representações, tudo com muita riqueza, concerto e grandissima perfeição. E assi com este tão grande triumpho e ordem chegaram á Sé, onde foram recebidos com muito solemne procissão, e depois de fazerem oração, e a Princesa beijar o santo lenho da vera Cruz que lhe foi offerecido, tornaram a cavalgar, e na mesma ordem primeira chegaram aos paços já de noite, com infinitas tochas que levavam todolos moços fidalgos, e assi moços da camara vestidos de ricas sedas e brocados.

E decidos El-Rei levou logo a Princesa a seu aposentamento, e na sala estava já a Rainha e o Principe, e muitas senhoras honradas, donas e damas, tudo em tanta ordem e tão ricamente armado de ricos brocados, e concertado, que mais não podia ser, e naquella noite antes da ceia, e depois, houve grandes festas e danças em que todas as pessoas reaes dançaram, e assi outros muitos com muito prazer e alegria.

E neste dia houve dozentos senhores homens vestidos á francesa de opas roçagantes, as cento e vinte de ricos brocados e tellas d'ouro chapados e todas ricamente forradas, e as oitenta eram de ricas sedas forradas de brocados, e ricos forros com muitos canotilhos e borlados.

E assi houve outros muitos vestidos de tabardos, capuzes abertos de ricas sedas e brocados, e ricos forros, e invenções á gineta com muito ricos arreios, e todos com muitos moços d'esporas, e pages vestidos de sedas e brocados, e as bestas com riquissimas guarnições e jaezes, e elles com infinitos collares e grandes cadeias d'ouro, ricos cintos e espadas, e adagas, e muitos firmães d'ouro de martello, e outras tantas policias que creio que em Hespanha nunca outro tal dia se viu, nem ouvi que em outra parte nenhuma o vissem.

CAPITULO CXXIV

Do primeiro banquete de ceia que El-Rei deu na sala da madeira

Logo á terça feira á noite houve banquete de ceia na sala da madeira, em que El-Rei e a Rainha, e o Principe e a Princeza comeram, e com elles o duque e o senhor D. Jorge, e Rodrigo de Ilhoa, embaixador, todos em uma grande mesa, com muito grandes dorceis de brocado, que tomavam toda a sala atravez, e na primeira mesa da mão direita comia o marquez de Villa Real com as senhoras donas e damas, e na primeira da mão esquerda o Arcebispo de Braga, e o Bispo d'Evora, e Bispos, e condes, e pessoas principaes do conselho, que eram muitos de uma parte e da outra, assim homens como mulheres.

E a mesa d'El-Rei com todos os officiaes vestidos de brocados, e servida por moços fidalgos que serviam de tochas e bacios, ricamente vestidos. E as outras mesas todas com trinchantes e officiaes vestidos de ricas sedas e brocados e mui galantes, e assim os moços da camara ordenados a cada mesa, todos vestidos de velludo preto. No qual banquete houve infinitas e diversas iguarias e manjares, e singular concerto e abastança, e muitas e assinadas cerimoniaes. E quando levavam á mesa d'El-Rei as iguarias principaes e fruta primeira e derradeira, e de beber a elle e á Rainha, e ao Principe e Princeza, iam sempre diante dois e dois muitos porteiros de maça, reis de armas, arautos e passavantes, os porteiros môres, quatro mestres salas, o veador, e os veadores da fazenda, e detráz de todos o Mordomo-mór, e todos

iam com os barretes na mão até o estrado, onde faziam suas grandes medidas, e os veadores da fazenda iam com os barretes na cabeça até o meio da sala, e do meio por diante os levavam na mão, e o Mordomo-mór ia sempre coberto até o fazer da medida, que juntamente fazia e tirava o barrete. E era tamanha cerimonia que durava muito cada vez que iam á mesa.

E o estrondo das trombetas, atambores, charame-las e sacabuxas, e de todos os ministros era tamanho que se não ouviam, e isto se fazia cada vez que El-Rei, a Rainha, o Principe e a Princesa bebiam, e vinham as primeiras iguarias á mesa; e a copeira era cousa espantosa de vêr.

E logo á entrada da mesa veio uma grande carreta dourada, e traziam-na dois grandes bois assados inteiros, com os cornos e mãos e pés dourados, e o carro vinha cheio de muitos carneiros assados inteiros com os cornos dourados, e vinha tudo posto num cadafalso tão baixo com rodetas por fundo d'elle, que não se viam, que os bois pareciam vivos e que andavam.

E diante vinha um moço fidalgo com uma agulhada na mão picando os bois, que parecia que andavam e levavam a carreta, e vinha vestido como carreteiro com um pelote e um guabão de veludo branco forrado de brocado, e assi a carapuça, que de longe parecia proprio carreteiro, e assi foi offerecer os bois e carneiros á Princesa, e feito o serviço os tornou a virar com sua agulhada por toda a sala até sahir fóra, e deixou tudo ao povo, que com grande grita e prazer foram espedaçados, e levava cada um quanto mais podia.

E assi vieram juntamente a todas as mesas muitos pavões assados com os rabos inteiros, e os pescoços

e cabeça com toda sua pena, que pareceram muito bem por serem muitos, e outras muitas sortes de aves e caças, manjares e frutas, tudo em muito grande abundança e muita perfeição.

E houve ali uma muito grande representação de um Rei de Guiné, em que vinham tres gigantes espantosos, que pareciam vivos, de mais de quarenta palmos cada um, com ricos vestidos todos pintados d'ouro, que parecia cousa muito rica, e com elles uma mui grande e rica mourisca retorta, em que vinham duzentos homens tintos de negro, muito grandes bailadores, todos cheios de grossas manilhas pelos braços e pernas, douradas, que cuidavam que eram d'ouro, e cheios de cascaveis dourados, e muito bem concertados, cousa mui bem feita e de muito custo por serem tantos, e em que se gastou muita seda e ouro, e faziam tamanho ruido com os muitos cascaveis que traziam, que se não ouvia com elles, e assi houve outras representações, e depois da ceia muitas danças e outras muitas festas que quasi toda a noite duraram, cousa certo para vêr.

CAPITULO CXXV

De outro banquete que El-Rei deu na sala da madeira

MUITAS e grandes festas se fizeram todos os dias e noites até domingo, cinco dias de Dezembro, em que houve outro segundo banquete na dita sala da madeira, de muitas mais invenções, abastança e gentileza, e de muito mais policias, e muito melhor servido que o primeiro.

E era cousa formosa para vêr as mesas como esta-

vam ordenadas, que em cada uma havia tres grandes bacios de iguarias cobertos, e em cima dos dois dos cabos estavam tendas de damasco branco e roxo, que eram as côres da Princesa; as tendas eram borladas e muito galantes, com muitas bandeirinhas douradas, e eram grandes de dez covados cada uma. E na iguaria do meio estava um castello de feição de tribulo, feito de madeira sotil, e pano de tafetá dourado, com tantos chapiteos e bandeiras, tudo dourado, que era muito formosa cousa, e de muito custo.

E em entrando na sala estavam as mesas tão formosas e tão guerreiras, que eram muito para folgar de vêr, e cousa nova, que ainda se não vira, e as tendas eram por todas trinta, e os castellos quatorze. E El-Rei e Rainha, e o Principe e a Princesa vieram, e tanto que se assentaram á mesa, e com elles o duque e o senhor D. Jorge, e Rodrigo de Ilhoa como d'antes, e assi ás outras mesas as mesmas pessoas que no outro banquete vieram.

Tanto que todos foram assentados, os moços da camara que tinham carrego das mesas tiraram as tendas e as tomavam para si, e os castellos por serem tamanhos que não cabiam debaixo das mesas os davam a pessoas que os pediam para mosteiros e egrejas, em que estiveram muito tempo pendurados e parecia muito bem.

Começaram a comer, e por a infinidade das iguarias, manjares, conservas, frutas, que foi como consoadá, durou muito grande espaço. E acabado houve muitos e ricos momos e mui singulares entremeses, cada vez com mais riqueza, gentileza, e melhores invenções, que duraram até acerca da manhã. Cousa que se se houvesse de escrever meudamente como foi, pareceria fabula de Amadis ou Esplandiam.

E d'estes dois banquetes foi veador e ordenador

Fernão Lourenço, feitor da casa da Mina, que foi nisso muito polido e abastado.

E na sala da madeira n'estes dois banquetes, e assinos outros dias dos momos qualquer homem que ahi vinha rebuçado com touca, era logo pelos mestres salas e porteiros-móres mui bem agasalhado, onde bem via tudo. Isto tinha El-Rei mandado, porque eram ahi muitos grandes senhores de Castella desconhecidos a vêr as festas, os quaes todos foram muito bem agasalhados.

E toda a gente da côrte e da cidade que estava em pé entre as grades, que era muita, todos comiam do que se tirava das mesas, que era em tanta abundança, que muito mais era o que sobejava que o que se comia, e por isso não havia pessoa que deitasse mão de cousa alguma, nem fizesse máo ensino, e tambem pelos muitos officiaes que nisso traziam tento, e pelo castigo que sabiam que haviam de haver se o fizessem, e mais sobejando tudo a todos; que certo foi em tanta abastança e tanta perfeição, tanta honra, tanto estado, quanto no mundo podia ser.

E neste tempo até o Natal, em que os justadores se ensaiavam e aparelhavam as cousas para a justa, houve na praça da cidade e no Terreiro dos Paços muitas vezes muitos touros com muitos galantes a elles, e ricos jogos de canas, e muitos momos e serãos, musicas e festas sem nunca cessarem. E assi houve justas de muito bons justadores detrás de S. Domingos, junto ao muro, a que El-Rei e o Principe foram.

E os paços eram todos armados de ricos brocados e veludos cramesins, e ricas tapeçarias com riquissimas camas, tudo em muita perfeição.

CAPITULO CXXVI

De como se ordenaram as justas reaes e se poz a teia na praça, e da fortaleza da madeira

Ea segunda-feira primeiro dia das oitavas se poz a teia na praça, que era por cima toldada de finos panos, sobre grandes mastros, e com infinitas bandeiras reaes. E a teia era cuberta de panos finos verdes e roxos, que eram as côres d'El-Rei, toda de uma parte e da outra cheia de pelicanos dourados, e bordados na teia, que parecia muito bem. E no cabo da teia se pozeram em mastros muito altos bandeiras muito grandes e muito ricas das armas de Portugal e Castella juntamente, que eram as da Princesa.

E foi feita uma fortaleza e tavola de madeira com grande novidade para o caso, no cabo da rua dos Mercadores, pregada na praça como fortaleza de guerra, com suas torres e cubellos com muitas infindas bandeiras, e com um facho cuberto de brocado posto mui alto para se derribar á entrada e vinda dos aventureiros, e com um sino com que repicavam como em frontaria de contrairos. E a fortaleza tomava o vão da rua, e as casas onde ora é a camara, e as outras da outra parte; e tudo era ricamente armado com ricas camas para os mantedores e officiaes d'El-Rei que esses dias ahi estiveram com ella, todos banqueteados em muita perfeição e muitas festas e prazeres dentro. E a fortaleza era de fóra toda cheia de muitas e claras lanternas muito bem feitas para isso, e eram tantas que acesas de noite parecia de fóra que a fortaleza ardia em fogo, e era cousa muito formosa, afóra as luminarias da praça, que eram sem conto.

CAPITULO CXXVII

Dos ricos momos que El-Rei fez na sala da madeira para desafiar a justa

E logo a terça feira seguinte houve na sala da madeira muito excellentes e singulares momos reaes, tantos, tão ricos e galantes, com tanta novidade e differenças de entremeses, que creio que nunca outros taes foram vistos. Entre os quaes El-Rei entrou primeiro para desafiar a justa que havia de manter com invenção e nome do cavalleiro do Cirne, e veio com tanta riqueza e galantaria quanta no mundo podia ser..

Entrou pelas portas da sala com nove bateis grandes, em cada um seu mantedor, e os bateis mettidos em ondas do mar feitas de pano de linho e pintadas de maneira que parecia agua; com grande estrondo de artelharia que tirava, e trombetas, atabales, e menistris altos que tangiam, e com muitas gritas e alvoroços de muitos apitos de mestres, contramestres e marinheiros, vestidos de brocados e sedas com trajos d'allemaes, e os bateis cheios de tochas, e muitas vellas douradas acesas com toldos de brocado, e muitas e ricas bandeiras.

E assi vinha uma não á vela, cousa espantosa, com muitos homens dentro, e muitas bombardas, sem ninguem vêr o arteficio como andava, que era cousa maravilhosa. O toldo e toldos das gaveas de brocado, e as vellas de tafetá branco e roxo, a cordoada d'ouro e seda, e as ancoras douradas. E assi a não como bateis com muitas vellas de cera douradas todas acesas, e as bandeiras e estandartes eram das armas d'El-Rei.

e da Princesa todas de damasco, e douradas; e vinham diante do batel d'El-Rei, que era o primeiro, sobre as ondas um muito grande e formoso cirne, com as penas brancas e douradas, e após elle na proa do batel vinha o seu cavalleiro, em pé, armado de ricas armas e guiado d'elle, e em nome d'El-Rei sahio com sua falla, e em joelhos deu á Princesa um breve conforme a sua tenção, que era quere-la servir nas festas do seu casamento, e sobre conclusão de amores desafiou para justas d'armas com oito mantedores a todos os que o contraíro quizessem combater. E por rei d'armas trombetas e officiaes para isso ordenados, se publicou em alta voz o breve e desafio com as condições das justas e grados d'ellas, assi para o que mais galante viesse á teia, como para quem melhor justasse.

E acabado, os bateis botaram pranchas fóra, e sahio El-Rei com seus riquissimos momos, e a não e bateis que enchiam toda a sala se sahiram com grandes gritos e estrondo de artilheria, trombetas, ataballes, charamelas e sacabuxas, que parecia que a sala tremia e queria cahir em terra.

El-Rei dançou com a Princesa, e os seus mantedores com damas que tomaram; e logo veio o duque com fidalges de sua casa com outros riquissimos momos.

E veio outro entremês muito grande em que vinham muitos momos metidos em uma fortalza entre uma rocha e mata de muitas verdes arvores, e dois grandes salvagens á porta com os quaes um homem d'armas pelejou e desbaratou, e cortou umas cadeias e cadeados que tinham cerradas as portas do castello, que logo foram abertas, e por uma ponte levadiça sahiram muitos e mui ricos momos, e em se abrindo as portas sahiram de dentro tantas perdizes vivas e outras aves, que toda a sala foi posta em revolta e cheia

d'aves que andavam voando por ella até que as tomavam.

E sahido este grande e custoso entremês, veio outro em que vinham vinte fidalgos todos em trajo de peregrinos com bordões dourados nas mãos, e grandes ramaes de contas douradas ao pescoço, e seus chapéos com muitas imagens, todos com manteos que os cobriam até o joelho, de brocados, e por cima com remendos de veludo e setim, e dado seu breve deitaram os manteos, bordões, contas e chapéos no chão, e ficaram ricamente vestidos todos de rica chaparia, e os manteos e todo o mais tomavam moços da camara e reposteiros e chocarreiros quem mais podia, e valiam muito, que cada manteo tinha muitos covados de brocado. E assi vieram outros muitos e ricos momos, que não digo, com singulares entremeses, riquezas, galantaria, e muitos com palavras e invenções d'ardileza aceitavam o desafio com as mesmas condições, e dançaram todos até ante-manhã, e foi tamanha festa que se não fôra vista de muitos que ao presente são vivos, eu a não ousara escrever.

E a quarta-feira o Principe e a Princesa com muita pompa e grande estado se foram aposentar no meio da praça, e tambem a Rainha que andava mal sentida, para d'ahi verem as justas. E á tarde partiu El-Rei de seus paços, e foi tomar a teia com tanta realze e tantas novidades e cerimonias de grandeza, como nunca já se vio tomar.

El-Rei com seus mantedores foi decer á fortaleza já de noite, onde todos cearam com elle em mesas junto da sua, e todos dormiam no castello e comiam com elle, e dentro tinham suas armas e muitos cavallos sempre selados, e elles armados a giros, para que em vindo o aventureiro tanto que o facho fosse derribado sahissesem com muita diligencia sem detença al-

guma, e assim se fazia e fez emquanto as justas duraram.

CAPITULO CXXVIII

De como El-Rei deu sua mostra, e do grande estado e riqueza e invenções que trazia

EA quinta-feira depois de comer fez El-Rei sua mostra com seus oitenta mantedores, e após elle a fizeram todos os aventureiros, que passaram de cincoenta. Nos quaes todos em cavallos, arneses, paramentos, cimeiras, letras e lanças, moços d'esporas e todalas outras cousas de justa houve tanta riqueza, galantaria, invenções, tudo em tanta perfeição que muitos justadores velhos, e de muitas partes que ahi eram, que já viram outras muitas justas reaes, se maravillharam muito d'estas e diziam que nunca tal cuidaram de vêr.

Sahiu El-Rei da fortaleza com seus oito mantedores, os quaes eram o Prior de S. João de Castella, Valençolla, e D. Diogo d'Almeida, João de Sousa, Ayres da Silva, camareiro-mór, D. João de Meneses, Monseor de Veopargas, francês, Alvaro da Cunha, estribeiro-mór, e Ruy Barreto, com grandissimo estado e estrondo, tudo em tanta realeza, que se não pôde dizer tão inteiramente como foi.

Sahiram primeiramente grande soma de trombetas bastardas, vestidos de ricas sedas das côres d'El-Rei, e muito bem encavalgados. E após elles vinham dois grandes e altos cadafalsos com rodas por dentro, que homens faziam andar, sem ver-se como andavam, os quaes eram ricamente pintados d'ouro, e muito bem feitos e ordenados, com muitas e ricas bandeiras, to-

dos cheios d'atabaleiros com os atabales pelas bordas dos cadafalsos da parte de fóra, que faziam tamanho ruido por serem tantos, que senão ouvia ninguem, e os atabaleiros vinham todos sem figuras de homens. O carro primeiro eram todos feitos de feição de bogios, tão naturaes que ninguem os teve por homens, e o outro em figuras de leões reaes, com as felpas douradas muito naturaes, e com os atabales todos dourados, que parecia muito bem. E detrás dos cadafalsos vinham muitas charamelas e sacabuxas ricamente vestidos.

Após elles vinha um gigante muito grande e espantoso, armado de todas armas douradas, com um escudo em uma mão, e em a outra uma grande facha, tão natural, que parecia vivo, e passava de trinta palmos de alto. E vinha em cima de uma muito grande azemola, que para isso se buscou, vestida em pelles de ursos, e tão natural, que cuidavam que era urso, com uma sella e guarnição de estranha maneira, e de redor do gigante muitos homens d'armas a pé com alabardas douradas nas mãos, que pareciam muito bem.

E então vinham muitos porteiros de maça, muitos officiaes, todos ricamente vestidos e encavalgados, e após elles o porteiro-mór, e depois quatro mestres salas, e atrás o mordomo-mór, todos com opas roçangates de ricos brocados e tellas d'ouro com ricos forros, e após elle vinham muitos cavallos a destro com riquissimos paramentos e mui singulares armas, e os moços d'estribeira que os levavam todos vestidos de brocado. E diante d'El-Rei vinha um seu page, que se chamava D. Jorge de Castro, moço muito formoso, e gentil homem, armado e todò cheio d'ouro e pedraria com uma grinalda de pedraria na cabeça, e diante um penacho branco de garça, e vinha em cima

de um muito grande e formoso cavallo com muito grandes paramentos de tella d'ouro e forrados de muito ricas martas zeurinas, e os paramentos eram tamanhos que para o cavallo poder andar os levavam levantados do chão e afastados doze moços d'estribeira vestidos de brocado de pello, que faziam um gram terreiro, e era formosa cousa para vêr.

E então vinha El-Rei armado de riquissimas armas com corôa real no elmo, e sua cimeira rica e galante, em tanta maneira quanto no mundo podia ser, com mui riquissima pedraria e perlas, e o cavallo muito formoso, e em extremo rico, com tantos canotilhos e chaparia, que o brocado rico e ricas tellas, era o de que se fazia menos conta, e derredor d'El-Rei quarenta moços d'estribeira muito bem dispostos vestidos todos de brocado de pelo.

E após El-Rei vinham os mantedores mui ricamente ataviados com riquissimos paramentos de brocados e tellas ricas, sedas, bordados entretalhados, e com muitos moços d'esporas vestidos de sedas, um e um detrás d'El-Rei, que d'esta maneira fez sua mostra, e deu uma volta á praça com este grande triumpho, que verdadeiramente foi cousa muito para desejar vêr e reccar de escrever.

E tanto que El-Rei foi recolhido ao castello com seus mantedores, veio logo o duque com sete aventureiros fidalgos de sua casa, com grande soma de trombetas, atambores, charamelas e sacabuxas, e entremeses diante, com muita riqueza e galantaria, e após elle os outros aventureiros, todos com tão ricos e galantes paramentos e entremeses, e invenções, tantos brocados e tellas, tanta chaparia e bordados, entretalhos, e tanta riqueza, que me parece que dia de tamanha e tão galante festa nunca foi visto outro tal.

E neste dia houve ahi começo da justa, e não foi

mais por logo anoitecer, ainda que pela grande claridade do castello e as muitas e grandes luminarias da praça, que toda a noite ardiam, a teia e a praça era tudo tão claro que podiam justar como na metade do dia. E com este dia de quinta feira justaram quatro dias continuos até o domingo, nos quaes dias nevou muito, e fizeram grandes frios, porém a neve não fazia nojo á teia por ser a praça toldada.

E a justa foi muito bem justada, e deram-se nella muitos e grandes encontros sem haver perigo algum, e a cimeira d'El-Rei e dos seus mantedores, e suas letras escreverei aqui, e assi das dos aventureiros que me lembrarem.

E que a alguns isto pareça sobejo, outros haverá que folgarão de o ouvir, que quem escreve não pôde contentar a todos e não fará pouco se de poucos fôr tachado, que todos querem emmendar, e mui poucos escrever. E para se isto evitar não devia de haver outra pena senão aos grossadores meter-lhes papel e tinta nas mãos e faze-los por força escrever, e seria mui bom freio para os desbocados, que sem saber o que dizem grossam o que não entendem. E as cimeiras e letras são estas:

El-Rei levava por cimeira uns liames de não pela rainha D. Lianor sua mulher, cheios de pedraria, e dizia a letra :

Estes liam de maneira
Que jámais pôde quebrar
Quem co'elles navegar.

O Prior de S. João de Castella, Valençolla, que fôra grande senhor e andava cá desterrado, trazia Alexandre em cima dos grifos, e dizia :

No es menor mi pensamiento
Mas ha quebrado tristura
Las alas de mi ventura.

D. Diogo d'Almeida, que depois foi prior do Crato, levava a boca do inferno com almas dentro, e dizia :

Acordaos de mis passiones
Animas descansareis
De quantas penas teneis.

João de Sousa trazia uma besta fera, e dizia :

Aquesta guarda sus armas
Mas a mi que amor enciende
Nunca d'ellas me defiende.

Ayres da Silva, camareiro-mór, trazia o cã cer-veiro, e dizia :

Guarda tu, mas no tan cierto
Como yo siempre guarde
La fé del bien que cobre.

Monseor de Veopargas, francês, trazia uma cabeça de cabra, e dizia :

Quien me tocare naquesta
Yo le rompere la testa.

D. João de Meneses trazia um ichô com um homem metido nelle até á cinta, e dizia :

Es tan dulce mi prision
Que deve para matar-me,
No prender-me, mas soltar-me.

Alvaro da Cunha, estribeiro-mór trazia uma harpa sem cordas, e dizia :

Quanto mas oye alegria
Quien no alcança ventura
Tanto mas siente tristura.

Ruy Barreto levava um branco pinchado, e dizia :

Mas quiero morir tras el
Sus peligros esperando
Que la muerte recelando.

Aventureiros

O duque D. Manoel, irmão da Rainha, trazia sete justadores seus com os sete Planetas.

O duque levava o deus Saturno, e dizia :

El consejo que é tomado
Deste muy antigo dios
Es dexar a mi por vós.

D. João Manoel levava o sol, e dizia :

Sobre todos resplandece
Mi dolor
Porque es el que es mayor.

Pedro Homem, trazia Venus, e dizia :

Si esta gracia y hermosura
Puede darla
De vós tiene de tomarla...

Garcia Affonso de Mello trazia a Lua, e dizia:

Ante la luz de su lumbrẽ
De vuestra gran claridad
Es la desta escuridad,

Lourenço de Brito trazia Mercurio, e dizia :

No ay saber ni descrecion
Al que os mira
Porque viendo-os se le tira.

João Lopez de Sequeira levava Mars, e dizia :

La vitoria que de aqueste
E' recebido
Es ver-me de vós vencido. .

Antonio de Brito levava Jupiter, e dizia :

Aqueste suele dar vida
Al que mas servir se halla
Y vos al vuestro quitarla.

Outres aventureiros que vieram per si

D. Fernando de Menezes, que depois foi marquez
de Villa Real, trazia um forol, e dizia :

En el mar de mi desseo
Viendo su lumbrẽ segui
A ella, e dexe a mi.

Pedraires, castelhano, trazia uma serpente, e dizia :

La vida pierde dormiendo
El que muerde este animal
E yo callando mi mal.

D. Anrique Anriquez, senhor das Alcaçovas, trazia uma torre com um sino, e dizia :

Este suena mi servicio
Ser con vós
Tan cierto como con Dios.

O conde d'Abrantes D. João d'Almeida trazia uma hidra de sete cabeças, e dizia :

Quando sanan de un dolor
Los que como yo padecen
Siete del se le recrecen.

O capitão dos ginetes Fernão Martins Mascarenhas trazia uma atalaia, e dizia :

Ha descubierto mi vida
Desde aquí
Gran descanso para mi,

D. Rodrigo de Meneses, guarda-mór do Principe, trazia umas limas, e dizia :

Estas sueltan las prisiones
De que muchos han salido
Y a mi han mas prendido,

D. Martinho, veador da fazenda, que depois foi conde de Villa Nova, levava uma mão com uns mal me que-
res, e dizia :

Cien mil destas desfoje
Mas fue mi ventura tal
que sempre quedo en el mal.

Jorge da Silveira levava umas fateixas, e dizia :

Van buscando mis servicios
El galardon que cayo
Donde nunca parecia.

D. Diogo Pereira, que depois foi conde da Feira, levava o Anjo S. Miguel com as balanças, e dizia :

Si a mi gran querer e fé
Galardon tiene defesa
Tu lo pesa.

D. Rodrigo de Monsanto levava a torre de Baby-
lonia, e dizia :

Es tan baxa mi ventura
Y tan alto el edificio
Que no basta mi servicio

D. Diogo Lobo, barão d'Alvito, levava um leão
rompente, e dizia :

Con sus fuerças e mi fé
Todos mis males dobré.

D. Pedro de Sousa, que depois foi conde do Prado, trazia um matador, e dizia :

Vuestra vida desbarata
Mas do queste roba y mata.

Francisco da Silveira, Conde-l-mór trazia umas luas cheias e vazias, e dizia :

Las mingoadas son mis bienes
Y por ser mi dicha tal
Las llenas son de mi mal.

Diogo da Silveira trazia um madronheiro com madronhos, e dizia :

Neste remedio de vida
Tengo la mia perdida.

Pedro d'Abreu trazia uma aguea, e dizia :

Não te espantes do que faça
Sigue-me bem e verás
E eu te matarei a caça
E tu a depenarás.

Nuno Fernandes d'Atayde levava uns ramos de fetos, e dizia :

En el comienço de aquestos
Comencé
Y en ellos acabé.

Garcia de Sousa trazia uns compassos, e dizia :

No puede ser compassada
La fé que os tengo dada,

João Ramirez d'Arelhano, castelhano, trazia uma celada e dizia :

Es descanso de mil mal
Ser em aquesta celada
Toda mi vida gastada.

Diogo de Mendoça levava umas ancoras, e dizia :

Que venga toda fortuna
Jamás sueltan vez ninguna.

E ao domingo por noite se desfizeram e acabaram as justas, e El-Rei e a Rainha, o Principe e Princesa se foram para os paços com grande triumpho, e aquella noite houve muito grandes festas.

E pelos juizes das justas, que eram Rodrigo d'Ilhoa, Ruy de Sousa, e o Regedor Fernão da Silveira se julgaram e publicaram a El-Rei ambos os preços, os quaes preços eram ao mais galante um anel de um muito rico diamante, e a quem melhor justasse um grande collar d'ouro muito esmaltado. A qual sentença foi mui justa, porque além d'El-Rei vir á teia mais galante que todos, por ser aquella a primeira vez que justara quebrou com muita desenvoltura as primeiras quatro lanças que para ganhar o grão eram ordenadas. Mas El-Rei tomou para si sómente a honra, e o proveito dos preços deu a outrem, o collar deu a um Mossem, alegre fidalgo valenciano que ahi andava, grande justador, e o anel deu a Diogo da Silveira.

E após estas justas eram outras tão ricas ordenadas na praça e na sala da madeira, mas por rebate de peste que na cidade houve, pelo damno que o muito ajuntamento das justas fazia, se deixaram de fazer.

E aos muitos estrangeiros que a este casamento e festas vieram, fez El-Rei muitas e grandes mercês, e com grandes honras os despedio, e a todos segundo suas calidades, com grande nobreza deu mui grandes dadivas, com que todos partiram mui alegres e muito contentes d'El-Rei, das festas, e de toda sua côrte.

E vieram a Evora muitos senhores de Castela desconhecidos a vêr as festas, em que entrou um irmão do almirante, tio d'El-Rei, e pessoa mui principal, que El-Rei desejou de vêr, e soube um dia como estava em casa da Princesa escondidamente, e de supito foi dar de noite com elle, e o desembuçou, e abraçou com muita honra e agasalhado, e rogou muito que descubertamente viesse ao paço, e elle disse que si, e ao outro dia pela manhã cedo lhe mandou El-Rei dez mil cruzados para um vestido, e elle era já ido, que se foi a mesma noite, parecendo-lhe que El-Rei havia de fazer o que fez.

CAPITULO CXXIX

De como El-Rei sahio da cidade a primeira vez depois das festas

COM receio do antrelunho que havia de vir, El-Rei se sahio da cidade e se foi com poucos á herdade da Fonte Cuberta, e o Principe e Princesa ao mosteiro de Nossa Senhora do Espinheiro,

e a Rainha por estar doente ficou na cidade mui guardada.

E El-Rei sendo fóra achou-se tão mal e de tão fortes accidentes, que cuidou que era peste ou peçonha, e só sem o Principe nem a Princesa se tornou á cidade bspora dos Reis, e logo com brevidade houve saude, e foi fóra das maginações que teve por então. E porque depois da morte do Principe d'ahi a poucos dias El-Rei tornou logo a adoecer do mal de que ao diante morreu, e houve suspeitas que foi de peçonha, ficou uma geral presumpção que nesta Fonte Cuberta lhe fôra dada em agua que bebeu, a qual presumpção e suspeita se confirmou em muitos com as mortes de Fernão de Lima, seu copeiro-mór, e de Estevão de Sequeira, copeiro, e de Affonso Fidalgo, homem da copa, que inchados e solutos como El-Rei, antes d'elle poucos dias todos tres falleceram. E mais por uma mulher religiosa de santa vida foi El-Rei avisado que se guardasse de peçonha que lhe ordenavam dar, e El-Rei não lhe deu credito, e depois que se sentio mal, e que ia para pior, mandou chamar a mesma mulher, e querendo saber d'ella o que lhe tinha dito, ella com muita tristeza lhe disse, que pois na primeira lhe não dera fé, que já então não aproveitava mais que para ser certo que já tinha recebida a mesma peçonha, pelo qual El-Rei secretamente lhe mandou fazer mercê, e encomendou-lhe muito que o não dissesse a pessoa alguma.

E aos dez dias de Janeiro de mil e quatrocentos e noventa e um, El-Rei e a Rainha, com o Principe e Princesa se foi a Vianna d'Alvito, no qual dia o conde de Marialva D. Francisco Coutinho entrou em Evora, vindo então ás festas que passaram com muita gente, e muitas azemolas de ricos reposteiros de seda, muitas trombetas e atabales e ricos concertos de casa, e

á tornada d'El-Rei a Evora manteve depois na cidade no Terreiro dos Paços com muita despesa umas muito honradas e ricas justas com preços, em que justaram muitos fidalgos honrados, e foi muito boa festa, em que ganhou muita honra. E El-Rei o favoreceu muito nisso, e agardeceu seu bom serviço.

CAPITULO CXXX

De como El-Rei se tornou a Evora, e d'ahi se foi a Santarem

ANTES do Entrudo se tornou de Viana El-Rei com toda sua côrte á cidade, onde esteve a coesma e a Pascoa, e oitavas, com mômms, festas, e grandes prazeres, e passada a festa se partiram todos logo no mez de Maio para Santarem, e foram por Montemór-o-Novo, onde houve festas e recebimento honrado, e d'ahi foram correndo montes reaes, e pelo campo com ricas tendas armadas e enramadas com muita grandeza e abastança para arriaes. E pelos montes e arvores de noite ardiam sempre muitos fogareiros, e assi com muito prazer chegaram a Coruche o Pintecoste, onde estavam ordenadas muitas festas, que não fizeram por ahi dizerem a El-Rei que a marquezia de Villa Real era fallida, de que mostrou sentimento e se encerrou por ella; e de Coruche foram a Almeirim, onde todos repousaram com muito prazer e grandes desenfadamentos alguns dias. E El-Rei em tanto mandou fazer o aposentamento da côrte em Santarem e aperceber as cousas para o recebimento do Principe e Princesa, que El-Rei quiz que se fizesse em grande perfeição.

CAPITULO CXXXI

De como o Principe e a Princesa entraram em Santarem

Aos quatorze dias do mez de Junho, em que o Principe e Princesa entraram em Santarem primeiro que El-Rei e a Rainha, o Principe e a Princesa depois de ouvirem missa em Almeirim, acompanhados de grandes senhores e nobre gente, foram jantar ao casal de Lopo Palha, que é junto do Tejo acima de Santarem, onde sohia estar uma lezira de grandes arvoredos, que o Tejo depois levou.

E ahi foram armadas muitas e ricas tendas em que se todos agasalharam, e foram banqueteados com grande abastança e perfeição. E depois de repousarem embarcaram ahi, e houve um singular recebimento d'albetoças, barcas e bateis, e outros muitos navios que para isso ahi foram vindos, toldados em grande perfeição. E o Principe e a Princeza com suas damas e muitos senhores embarcaram em uma grande alivadoira, toda toldada de brocado com muitas bandeiras de seda e alcatifada, e muitas almofadas de brocado, e bateis que a levavam á toa, com os remeiros todos vestidos de libré das côres da Princesa, e os bateis muito embandeirados e pintados todos, e os remos mui enramados, e nelles muitas folias de homens e mulheres muito bem vestidos das côres da Princesa, e muitos entremeses e festas. E em o Principe embarcando sahio o conde de Abrantes de uma ponta, onde estava escondido, com grande somma de barcas e bateis muito embandeiradas e enramadas, e todas com muitas bombardas que tiraram, e com mui-

tas trombetas e atambores, e grandes gritas, que pareceo muito bem. E com estes bateis e barcas, e outros muitos, era o rio cuberto d'elles, todos com folias, prazeres, e entremeses, e muitas trombetas bastardas, muitos atambores, muitas charamellas e sacabuxas, muitas infindas bombardas, que foi muito alegre festa por ser no Tejo, e ao sahir d'agoa estava feito um grande cadafalso ricamente toldado, armado e alcatifado, com degrãos metidos n'agoa por onde todos sahiam sem tocar n'agoa. No qual estavam os Regedores da villa, e ao sahir d'agoa foi feita uma pratica em nome da villa, e acabada o Principe e a Princesa se poseram debaixo de um paleo de rico brocado que os Regedores levavam. E com grande estrondo de trombetas e atabales, charamellas e sacabuxas, e muitos tiros de fogo do rio e outros muitos que estavam no muro e torres d'Alcaçova, começaram de andar.

Os muros e toda a villa era caiada, e toda enramada, e muitas infindas bandeiras, e as ruas espadanadas, e muita e rica tapeçaria, as janellas com signaes de muita alegria, que então todos tinham.

Foram assi pela Ribeira e calçada decer a Santa Maria de Marvilla, e depois de fazerem orações, tornaram a cavalgar e se foram aos paços.

E ao outro dia entrou El-Rei e a Rainha sem paleo, porque já na villa foram com elle recebidos. E nestes primeiros dias houve muitas festas, e pelos officiaes da villa e os judeus e mouros d'ella se deram á Princesa grandes presentes de vacas, carneiros, galinhas e capões, e muitas caças, tudo levado em grandes carros até o paço com muitas festas e prazeres de alegria, e assi houve logo muitos touros com muitos galantes a elles.

E depois d'El-Rei e a Rainha, o Principe e a Prin-

cesa estarem em Santarem, todo o mais do tempo se gastava em festas, prazeres, e alegrias, havendo muitos serões de sala, e assi danças ás mesas, e muitos touros com muitos galantes a elles ricamente ataviados.

E dia de S. João houve singulares e muito ricas canas reaes, em que jugou El-Rei e o Principe, e todos os senhores que na côrte estavam, e muitos fidalgos, que passaram de duzentos de cãvallo com riquissimos arreios e atavios, todos vestidos de brocados e de ricas sedas, muitos borlados, entretalhos e canotilhos, com muita galantaria e mui gentis invenções.

El-Rei com grande estado real e o Principe, sahiram pela manhã cedo com a Rainha e Princesa, e todas as damas com muita riqueza vestidas e concertadas, e foram ao campo de Alvisquer na Ribeira de Santarem, a colher ramos verdes, e em uma horta tinham umas grandes casas feitas de rama muito concertadas e embandeiradas, em que havia muitas mesas para El-Rei e a Rainha e Principe, e para todos, em que depois das canas jogadas se deu um muito bom almoço, e tanto que as ramas e muitas capellas d'hervas cheirosas que ahi tinham foram tomadas, El-Rei com todos se foi ao campo, e indo por elle lhe sahio o duque D. Manuel, irmão da Rainha, de uma cilada com doze fidalgos de sua casa, todos vestidos de uma maneira de brocados e ricas sedas, e muito galantes á mourisca, com suas lanças nas mãos com bandeiras, e as adargas abraçadas, com grande grita como mouros.

E os corredores d'El-Rei que diante eram como iam descobrir terra, vieram todos fugindo e bradando alto: mouros, mouros, e El-Rei com todos partiu logo para elles, e houve uma galante escaramuça, que pa-

receo muito bem, e por ser cousa que se não sabia, senão El-Rei.

E o duque com muito prazer quiz beijar as mãos a El-Rei e á Rainha, e ao Principe e Princeza, e não lh'as quizeram dar, e de todos foi recebido com grandissima honra, que vinha então da sua villa de Thomar ás mesmas canas.

Concertou logo El-Rei e repartio a gente, e suas bandeiras, e alferes, El-Rei e o Principe de uma parte, e da outra o duque e muitos senhores e principaes fidalgos repartidos, e começaram logo de jogar, as quaes canas foram em extremó ricas e muito bem jogadas, e caindo nellas muitos homens grandes quedas, e entre tantos não houve nenhum desastre nem perigo algum.

CAPITULO CXXXII

De como foi a triste morte do Principe

Nestas e outras festas andaram sempre até segunda-feira onze dias de Julho, em que El-Rei e o Principe se passaram a Almeirim a correr montes, e tornaram no mesmo dia. E o Principe depois de recolhido a casa da Princesa, ao outro dia terça-feira lá se vestio em sua casa e com ella ouviu missa, e comeu e repousou a sesta.

E na mesma terça-feira doze dias de Julho do dito anno de mil e quatrocentos e noventa e um, á tarde, El-Rei quiz ir nadar ao Tejo, como muitas vezes fazia nos verãos, apartado com alguns accitos a elle, e tinha na guarda-roupa apparelho para isso de bragas e ceroulas e pannos de cubrir e enxugar, que todas cousas de homens folgava de fazer, e mandou

recado ao Principe se queria ir com elle, como sempre tambem ia e nadava, e elle lhe mandou dizer que se achava cansado dos montes do dia passado. E quando El-Rei deceo parecendo-lhe que o Principe estava mal sentido perguntou por elle á porta da Princesa, e o Principe lhe veio fallar á porta assi como estava na sesta.

Foi-se El-Rei e do terreiro de fóra olhou para as janellas da Princesa e vio o Principe e ella estar ambos a uma janella assentados; tirou-lhe o barrete, e elles se levantaram, e lhe fizeram grandes medidas, e El-Rei partiu para o Tejo.

O Principe vendo que El-Rei o viera vêr á porta e depois lhe falou á janella, por cima de lhe mandar dizer e dizer que estava cansado, pareceu-lhe bem ir com elle, e vestiu-se depressa, e mandou por uma mula, e vindo já vestido, a mula não era vinda; achou ahi um seu ginete muito formoso, fouteiro, em que então cavalgara o seu estribeiro-mór, e por alcançar El-Rei cavalgou nelle, e se foi de pressa com poucos que com elle eram, e foi cousa para notar de mysterio, que sendo em tempo de tamanhas festas e tantos brocados e sedas, o Principe sahio vestido com um pelote e tabardo aberto de pano preto tofado, e gibão de setim preto, e o cavallo com uns cordões e topeteira e nominas de seda preta, que não me lembra que outras taes visse, e um caparação de veludo preto, que verdadeiramente a differença do que antes vestia, e então vestio, e como achou o cavallo ataviado, foram mui claros signaes da grande desventura que lhe ordenada estava. Alcançou El-Rei, e foi com elle até o Tejo, e costumado de nadar sempre quando El-Rei nadava, então o não quiz fazer, e começou de passear pelo campo, e lançar o ginete por ser de singular redea e muito ligeiro, e cometeo a D. João de

Menezes, o que morreo em Azamor, primeiro capitão que nelle houve, homem de muito merecimento e de muito boas calidades, que corressem ambos uma carreira, de que D. João se escusou por ser já noite.

Deceo-se então o Principe para cavalgar na mula que mandara trazer, e em sobindo nella lhe quebrou o loro do estribo, por onde tornou a cavalgar no cavallo, e apertou então com D. João que todavia corressem. E D. João pela muita vontade que para isso lhe viu o fez, e o tomou pela mão, e correndo assi ambos á carreira, na força do correr o cavallo do Principe cahio, e o levou debaixo de si, onde logo em proviso ficou como morto, sem fala, e sem sentidos. E D. João vendo tamanho desastre e tão grande desventura, como chegaram ao Principe muitos senhores e fidalgos, desapareceo, e se foi com muita tristeza, e esteve annos sem vir á côrte, até que por mandado d'El-Rei veio.

Tomaram logo o Principe nos braços e meteram-no na primeira casa que acharam, que era de um pobre pescador ahi n'Alfange, e tanto que a triste e desastrada nova deram a El-Rei, veio logo a grande pressa. E quando assi achou um só filho que tinha, que criara com tanto amor, tanto receio, tanto contentamento, por ser o mais singular Principe que no mundo se sabia, em que se El-Rei revia, e queria tão grande bem que um só dia não podia estar sem o vêr, nem tinha outro descanso se não sua muito estimada vista e conversação, ficou em tão grande extremo triste e desconsolado, que senão póde dizer nem cuidar, dizendo sobre o filho tantas lastimas e palavras de tanta dôr e tristeza, que o não podia ouvir ninguem sem muitas e tristes lagrimas.

Foi logo dada a lastimosa e desastrada nova á Rainha sua mãe, e á Princesa sua mulher, as quaes assi

como a deram sahiram como desatinadas a pé, e em mulas alheias que acharam, e o senhor D. Jorge filho d'El-Rei com ellas, com mui pouca companhia foram como fôra de sens sentidos até chegarem á pobre e triste casa onde'o Principe jazia. O qual acharam como morto, que com quantas palavras d'amor, d'amargura, e desconsolação lhe ambas disseram a nenhuma não acudio, nem mostrou algum sentimento. De que as tristes mãe e mulher ficaram tão cortadas e trespassadas com tão grandissima tristeza, que ellas sentiam a dôr, e dôres que elle já não sentia.

El-Rei por cima de tanta tristeza fez logo ajuntar os fisicos todos, e com muita segurança esteve com elles ordenando-lhe quantos remedios sabiam, e com estes primeiramente buscou os de Deos, mandando logo por todos los mosteiros e casas virtuosas fazer devotas procissões e muitas e continas devoções, e muito grandes prometimentos que se então prometeram, em que entrou D. Pedro da Silva, commendador-mór d'Avis, que prometeo de ir a Jerusalem, o que fez logo, e outros a outras muitas romarias. E estando todos assi esperando na misericordia de Deos, que por ser queda tornaria a seu acordo, passaram aquella noite toda em tristes lagrimas e soluços e continas orações.

Todalas pessoas nobres, e a outra gente toda era ahi junta com tantas e doridas lagrimas e lamentações, que mais não poderam ser sendo o Principe filho de cada um, pedindo todos a Deos sua vida e saude como as suas proprias vidas. E por todos se fez logo uma muito grande e mui devota procissão com toda a clerezia, reliquias e cruces, e todos descalços, e alguns nus, andaram por todos los mosteiros e egrejas, onde todos em joelhos com muitas lagrimas e grandissimos gritos bradavam: Senhor Deos, misericordia!

Cousa que fazia tremor, espanto, e grandissima tristeza.

El-Rei, a Rainha e Princesa estiveram sempre com o Principe até o outro dia, quarta-feira uma hora da noite, que El-Rei foi enformado e certificado de todos fisicos, que o Principe morria, e acabaria logo de se finir, a qual nova El-Rei deu á Rainha e Princesa, que estavam pegadas com elle, beijando e tendo-lhes as mãos, e ellas a receberam com tão grandissima dôr, que se não póde escrever.

El-Rei chegou ao Principe e beijou-o na face, e para sempre lhe deitou sua benção; e tomou a Rainha e a Princesa pelas mãos, que as não podia desapegar d'elle, e com ellas se sahio fóra da casa, e deixou o filho em poder do confessor e d'outros fisicos d'alma, e á porta virou El-Rei atraz, e disse aos que na casa estavam:

«Ahi vos fica o Principe meu filho», sem poder dizer mais palavra.

E com isto se levantou entre todos um muito grande e muito triste e desaventurado pranto, dando todos em si muitas bofetadas, depenando muitas e mui honradas barbas e cabelos, e as mulheres desfazendo com suas unhas e mãos a formosura de seus rostos, que lhe corriam em sangue. Cousa tão espantosa e triste, que se não vio nem cuidou.

A este tempo chegou o duque seu tio, que de Thomar acudio á trista nova, o qual em estremo ao Principe amava, porque sempre se criaram ambos em uma mesa e uma cama, e fazia tamanho pranto com tão grande sentimento e tristeza, que com quanto elle ficava então por herdeiro d'estes reinos, deixara naquella hora outra maior sucessão pela vida e saude do Principe. E logo El-Rei se foi d'alli a pé, e a Rainha e Princesa comomortas, levadas e atravessadas

em mulas ás casas de Vasco Palha, que são na mesma Ribeira. E acabando todos de se recolher veio a El-Rei recado, e a muito mortal nova que elle já esperava, que o Principe seu filho depois da derradeira união lhe sahira a alma do corpo.

Morreo em idade de dezaseis annos e vinte dias, parecendo no corpo, na barba, no saber, siso, e socego homem de vinte e cinco annos. Foi casado sete mezes e vinte e dois dias. E sendo criado com tanto amor e prazer, tanto estado e grandeza, tanta estima e estremecimentos, e tanta gloria mundana, que todos desejavam de o trazer sobre suas cabeças, o viram em um instante debaixo dos pés de uma besta. E o que naquella dia e os outros todos estava em camaras reaes, armadas de ricos brocados e alcatifadas, não teve nem lhe poderam então achar outra camara senão uma triste casa de um pobre pescador, e aquelle que entre os Principes do mundo, e os homens de toda Hespanha era havido por mais gentil homem, naquella hora foi desfigurado, e sua mui grande formosura em breve tornada em terra, e os seus tão alegres e graciosos olhos com que todos recebiam tanto contentamente e alegria, naquella hora foram quebrados e para sempre sem vista perante El-Rei seu pai, a triste Rainha sua mãe, e a desconfortada Princesa sua mulher; e a sua doce boca de que tão doces, brandas e gostosas palavras sahiam, e de que muitos recebiam favor e contentamento, neste momento ficou para nunca mais falar, e as suas formosas e reaes mãos de tantos cada dia beijadas pelas grandes e muitas mercês que fazia, como em tão pouco espaço foram tornadas em pó. E as orelhas tão acostumadas a ouvir singulares e doces musicas, e praticas de prazer, como se tornaram surdas sem ouvir as grandes lastimas d'El-Rei e a Rainha e Prin-

cesa, e os muito grandes gritos e desesperados prantos que todos por elle faziam. E os narizes criados em tantos cheiros, tanto ambar e almiscre, tantas pastilhas, caçoilas e pivetes, e tantas aguas cheirosas, estoques, beijois e outros muitos perfumes, como foram acabar no cheiro das sujas redes das espinhas e escamas da casa de um pescador. E os seus singulares cabellos que tanto ajudavam sua gentileza, que foi d'elles, onde estão? E o que todos tinham por verdadeira esperança e paz, socego e amparo, em um nada foi desesperado de saude, e todos desemparrados d'elle. E aquelle excellente Principe por quem tão grandes e reaes festas se fizeram, que outras taes não se viram, e que pelo seu todos andavam alegres vestidos de brocados e ricas sedas, em quão breve tempo tornou os brocados em burel, e as sedas em almafega e vaso, e os prazeres e alegria em muito grandes e tristes prantos, não sómente em Portugal, mas ainda em toda Hespanha. E a sua muito branda e doce conversação, tão grande conforto d'El-Rei seu pai, da Rainha sua mãe, e da Princesa sua mulher, e tanta esperança dos que o serviam e conversavam em campo, foi desconversavel, e para sempre apartado da conversação de todos, e aquelle tão real casamento, tantos annos desejado, tantas vezes cometido, com tanto gosto e prazer de toda Hespanha acabado, como foi em sete mezes por tão desastrado caso apartado para sempre; e o que era verdadeiro, natural e primeiro Cedro d'estes reinos, e o segundo de Castella, em quão poucas horas perdeu tamanhas heranças, e seu pai com tanta tristeza, nojo, desconsolação, herdou d'elle o grande dote que com tanto prazer e alegria lhe tinha dado havia tão pouco tempo, cousas bem para lembrarem, e os Reis e grandes Principes terem sempre na memoria.

Oh! Senhor Deos eternal, quão incompreensíveis são teus segredos! O que podesse saber teus juízos, e que pecados podia ter uma tão angelica creatura, e de tão pouca idade, para tão supito sem confissão nem communhão tão desastrada morte morrer!

Se disseramos que pelos do pai, sua vida foi sempre tão virtuosa, de tantas perfeições, e tão amigo de teu serviço, que era para dar vida a muitos filhos e filhas, quanto mais a um só, e tal como este; se era por pecados do povo, nenhuns lhe sabíamos publicos. Tu senhor que o fizeste sabes a causa porque, e porque nós sem ti não podemos saber nada, teu nome seja para sempre louvado.

El-Rei estando muito mais anojado do que se pôde dizer nem cuidar por perda de tal filho, em que perdeu toda sua consolação e prazer, se doia em grande maneira, e sentia sem comparação a grande dôr e magoas da Rainha e Princesa, e porque a dolorida e lastimosa nova do Príncipe ser já morto, poderia ser que sabendo-a d'outrem, seria risco de suas vidas, lhe quiz dar primeira que ninguém. E com muita segurança e socego e os olhos bem enxutos das continuas lagrimas que chorava, com seu muito grande esforço e prudencia se foi primeiro a casa da Princesa, que achou deitada como morta no chão, e depois de a fazer levantar, com palavras de pai verdadeiro, e de Rei tão virtuoso, lhe quiz dar os confortos de que elle mais que ninguém tinha necessidade, attribuindo tudo em dar graças e louvores a Nosso Senhor, pois elle d'isso fôra servido.

E deixando a Princesa se foi logo á Rainha, e lhe deu a mortal nova, pedindo-lhe muito pelo seu amor, que houvesse paciencia e conformasse sua vontade com a de Deos, que pois elle fôra servido de lhe assi levar seu filho, fosse seu nome louvado. Isto tão in-

teiro e tão disssimulado, por confortar a Rainha, como se elle não fôra o principal na tristeza, e na dôr e sentimento, nem o pai que naquella hora perdera o mais excellente filho que no mundo se sabia, e d'elle muito mais amado do que nunca filho foi de pae.

A Rainha como muito virtuosa que era, pelo grandissimo amor que a El-Rei tinha, vendo que na perda do filho não havia já remedio, o quiz buscar para a vida d'El-Rei, de que tanto receio tinha como elle da sua. E com muita seguridade, não sómente tomou os confortos d'El-Rei, mas inda como mulher mui inteira o queria confortar, com seu rosto mui seguro, e seus olhos mui enxutos, e suas palavras mui temperadas, de que El-Rei ficou algum tanto aliviado. E era tamanho o bem que se queriam, que por confortar um ao outro, como estavam juntos não havia ahí chorar, e como eram apartados as lagrimos e palavras de lastima eram tantas que não havia quem os podesse vêr sem chorar muito com elles.

Foi logo o corpo do Principe depois das exequias feitas concertado e metido em um ataude, e pelo marquez de Vila Real e outros senhores e honrados fidalgos levado com muita dôr e tristeza ao mosteiro da Batalha, e foi sopultado na casa do capitulo junto d'El-Rei D. Affonso seu avô, onde ainda agora jaz.

El-Rei por tamanha perda, tamanho nojo e sentimento se trosquiou. E elle e a Rainha se vestiram de muito baixo panno negro. E a Princesa trosquiou os seus prezados cabelos, e se vestio d'almafega, e a cabeça cuberta de negro vaso. E na côrte e em todo o reino não ficou senhor nem pessoa principal, nem homem conhecido que se não trosquiasse. E todos foram vestidos d'argaos de burel e almafega, e muitos homens cingidos com baraços, e seus gibões e pelotes abotoados com atacas de couro sem parecer fita nem

seda. E a gente pobre que não tinha com que comprar burel, que valia a trezentos réis a vara, muitos tempos andou com os vestidos virados do avesso, que pelo grande amor que todos tinham ao mallogrado Príncipe e a El-Rei seu pai, e á Rainha sua mãe, e pela muita dôr e grandissima tristeza que nelles viam, e o caso ser de tamanha desventura, fôï a mais sentida morte, e os maiores prantos geraes na côrte e por todo o reino, quaes nunca foram vistos de homens e mulheres, velhos e moços e meninos, que em todos havia tanto sentimento, que era cousa de espanto. E porque se não achava tanto burel, os lavradores e gente baixa vendiam as cubertas de suas camas a preço de panos finos, e os homens se vestiam de sacos e cubertas de bestas.

Veio logo a esta desventura a senhora duqueza de Bragança D. Isabel, irmã da Rainha, que com suas tristezas e nojos passados, e suas mui honestas e prudentes palavras trabalhava confortar a Rainha e Princesa, a quem muito aproveitou sua vinda e conversação.

Estiveram assi quinze dias nas casas de Vasco Palha, e d'ahi uma noite escura, sem tocha nem claridade, se mudaram ás casas de D. Maria de Vilhena, mulher que foi de Fernão Telles, onde estiveram muitos dias encerrados, que por suas grandes tristezas ninguém ousava de os confortar, e logo alli foram visitados de todos senhores e cidades do reino.

E El-Rei D. Fernando, e a Rainha D. Isabel de Castella, que então estavam sobre Granada, tanto que a nova souberam os mandaram visitar por D. Anrique Anriquez, tio d'El-Rei, e seu mordomo-mór, pessoa mui principal, que logo ahi veio cuberto de grande dô, e todos os seus com signaes de muita tristeza, e assi os mandaram visitar todos os grandes senhores

de Castella, onde em todo o reino se tomou grande dô e se fizeram pela alma do Principe muito solemnes saimentos.

El-Rei foi mui requerido de todos os grandes de seu conselho, e por religiosos que deixasse tamanhos encerramentos pela perda de sua saude e vida, que d'elles lhe podia recrecer. O qual El-Rei quiz conceder, e sahindo um dia pela manhã a ouvir missa fóra cuberto de muito grande dô, e quando se vio sem o Principe seu filho que sempre trazia junto de si, não se pôde ter que lhe não sahisses as lagrimas, e como foi visto levantou-se tamanho choro e pranto em todos, que era piedosa e mui triste cousa para vêr; e como isto foi ouvido em casa da Rainha e Princesa, começaram de novo outro tão grande, tão dorido e desconsolado pranto, com tantos e tão grandes gritos, que parecia que os paços se vinham a terra, e foi necessario a El-Rei decer-se para ir confortar a Rainha e a Princesa, sem ter quem o confortasse a elle.

CAPITULO CXXXIII

Da mudança do Senhor D. Jorge

EL-REI depois da morte do Principe deu logo cargo do Senhor D. Jorge seu filho a D. João d'Almeida, conde de Abrantes, e por tirar paixão á Rainha sua mulher com a vista do senhor D. Jorge, lembrando-lhe a morte do Principe seu filho, houve El-Rei por bem que por então não viesse a sua casa, e em caso que o El-Rei fizesse com fundamento honesto e virtuoso, a Rainha houve d'isso desprazer, e tanto que depois que El-Rei lhe requereo, e muito

apertadamente lhe pedio que o tornasse a recolher a sua casa, foi nisso tão dura e tão contraria, que recebendo por isso d'El-Rei muitos desfavores nunca em vida d'El-Rei o quiz vêr nem recolher. O que El-Rei com muito desejo procurava com alguma imaginação e desejo que depois mostrou, de vêr se poderia legitimar e habilitar ao dito senhor D. Jorge seu filho para sua sucessão, que ao duque directamente pertencia. O qual pela muita lealdade e amor, e mui grande obediencia que como proprio filho a El-Rei tinha, fosse de crêr que consentiria nisso, e em qualquer outra cousa que fosse da vontade d'El-Rei, a Rainha sua irmã com muita bondade, virtude e consciencia, sosteve sempre a honra do duque, a qual se affirma ser d'El-Rei muitas vezes para isso requerida, e por não consentir soffrer muitas paixões, desfavores e esquivanças que com muita paciencia, dissimulação e prudencia soffria, sem nunca querer nisso outorgar. O que pareceo ser por misterio divino, pois ella foi causa do duque seu irmão ser depois Rei tão poderoso e tão prosperado, e deixar tão singulares filhos como deixou, e El-Rei seu marido fazer com tanta verdade, virtude e bondade, tão justo testamento, e morrer tão santamente, como ao diante em sua morte se dirá.

CAPITULO CXXXIV

Do saimento do Príncipe

Aos vinte e cinco dias d'Agosto, El-Rei e o duque e todos los Prelados e senhores, senhoras e donas, e honrados fidalgos de todo o reino que para isso foram chamados, partiram para o mosteiro

da Batalha a se fazer o saimento do Principe, e assi outra muita e honrada gente, e desejando muito a Rainha e Princesa irem ao dito saimento, El-Rei houve por bem não irem, por o perigo que lhe d'ahi podia vir, e em seu lugar foram a senhora duquesa de Bragança, irmã da Rainha, e a senhora D. Felipa, irmã da Infanta D. Breatiz, com muitas condessas e donas principaes do reino.

E de Castella vieram ao saimento por mandado d'El-Rei e da Rainha o Bispo de Cordova e o Prior de Nossa Senhora de Agoa Delupe. O qual saimento se fez com a maior perfeição e abastança, e com mais lagrimas e prantos que nunca até então foi visto.

Chegou El-Rei bespora de S. Bertolameu á ermida de S. Jorge, d'onde o mosteiro da batalha parece, onde o comçaram logo de receber não com paleos de brocado, nem com festas e entremezes de prazer, como tão poucos dias havia que passaram com tanta realeza, mas com outras invenções ao revés de muito grande tristeza, grande dôr e sentimento, porque logo vio o mosteiro todo cuberto de infinitas e grandes bandeiras negras, e na ermida estava uma grande e negra bandeira alta com a cruz e martyrios de Nosso Senhor Jesu Christo, e d'alli até o mosteiro era o caminho de uma parte e da outra cheio de muitas e grandes bandeiras negras sem armas nem devisea alguma, que eram muitas sem conto, e por todalas arvores que ao longo do caminho estavam tantas bandeiras, que ficavam negras e não verdes, que faziam tanta tristeza, que não havia pessoa que se podesse ter as lagrimas. E assi chegou ao mosteiro, o qual estava todo de alto abaixo armado de panos negros, e os esteios tambem, e pelo alto todo ao redor e pela nave do meio de uma parte e da outra eram feitos andaimos de madeira cubertos de dô em que ardiam

tochas sem conto, e os homens que as andavam espevitando com lobas e capelos que lhe cubriam os rostos, e a eça era no cruzeiro no meio d'elle muito grande, muito alta de muitos degraos, cuberta de panos de d6, e em cima d'ella alto no ar um sobreceio de veludo preto muito grande, todo pelas bordas cheio d'armas reaes e de Principes parentes do Principe, muito bem pintadas d'ouro e prata, e do meio do sobreceio estava pendurada uma grande bandeira de seda das armas do Principe com ouro e prata, e debaixo d'ella em o mais alto da eça uma tumba de veludo preto com uma cruz de setim branco, e por derredor da eça grades de p6o negras com muitas tochas acesas, e os homens que as espevitavam cubertos de d6 sem lhe parecer os rostos, e assi todas as outras cousas necessarias em grande cumprimento e abundancia, com muita perfeiç6o quanta podia ser, e era cousa t6o triste s66 a vista que quebrava os coraç6es, quanto mais a causa porque se fazia de todos era em extremo sentida.

E logo aquella tarde com grandes e espantosos prantos e doridas lamentaç6es d'El-Rei e do duque, e de todos do reino que ahi eram, e grandes gritos e carpidos das senhoras e honradas mulheres, se disseram as vesporas, e ao outro dia missa solemne, e outras infinitas missas, e assi uma pregaç6o que fez um grande letrado e singular pr6gador, que se chamava mestre Jo6o o Farto, da ordem de S. Francisco, em que alegou tantas e taes raz6es para choro e tristeza, que muitos homens de muita auctoridade, muito saber, muito siso, aquella hora parecia que o n6o tinham, vendo-lhes muito cruamente dar na eça tamanhas cabeçadas, que parecia que quebravam as cabeças, depenando todos suas barbas e cabellos, dando em si muitas bofetadas, assi homens como mulheres,

velhos e moços, cousa tão espantosa e de tanta dôr e tristeza, que não se vio outra tal; e durou tanto que os não podiam fazer calar, porque a dôr e sentimento era em todos em geral grande sem comparação, por quão amado e bemquisto o Principe de todos era.

E á offerta da missa maior offereceram por parte d'El-Rei e da Rainha e Princesa, e do duque pela alma do Principe muitas e mui ricas cousas d'ouro e de prata, e ornamentos de brocado e tellas d'ouro para a capela, cousa de muito grande valia, que hoje em dia estão no mosteiro, peças de muito grande preço. E verdadeiramente estas duas cousas se podem affirmar: que nunca se viram tão grandes festas, nem tamanho nojo.

CAPITULO CXXXV

De como a Princesa partio para Castella

E acabado assi este solemne e triste saimento, El-Rei vindo por casas santas e devotas fazendo muitas e mui grandes esmolos pela alma do Principe, se tornou a Santarem, onde logo determinou a ida da Princesa para Castella, para que D. Henrique, tio d'El-Rei, e o Bispo de Cordova eram ahi vindos, porque por condição do contracto do casamento ella o podia fazer.

E com muita dôr e sentimento da morte do Principe que alli foi renovada, e com muito grande saudade de uma parte e da outra, a Princesa se despedio da Rainha com muitas lagrimas e grandes soluços, no mez de Setembro. E El-Rei foi com ella, e assi toda a côrte, todos cubertos de burel sem parecer homem de preto, salvo El-Rei e alguns Bispos e

clerigos. E a Princesa cuberta de almafega e vaso, metida em umas andas cubertas de burel, e as azemolas que as levavam da mesma libré, que era bem desviada das com que ella entrou em Portugal havia tão poucos mezes.

E a tristeza era em todos tamanha que não havia outra pratica nem passatempo senão suspiros e lagrimas, que verdadeiramente vêr o dia de sua entrada em Evora, e este de sua sahida de Santarem, em tão pouco tempo tamanha differença, foi cousa de muito espanto, e para nunca esquecer.

Chegaram assi á villa de Abrantes, onde a Princesa esteve tres dias provendo algumas cousas suas que ficavam em Portugal, e de Abrantes partio El-Rei com ella caminho da Ponte de Sôr, e d'ahi a duas legoas com muitas lagrimas e poucas palavras, se despediram ambos. E El-Rei se tornou, e apartou do caminho só por um soveral, e foi assi ao longo do caminho sem companhia alguma, e todos ficavam muito tristes pela grandissima tristeza que nelle conheciam.

A Princesa acompanhada de muitos senhores e fidalgos portuguezes foi dormir a Avis, e d'ahi a Olivença, e no estremo dos reinos pelo Arcebispo de Braga com uma breve e prudente fala, e ao tempo bem conforme que hi fez, entregou a Princesa ao mestre de Santiago e a outros senhores de Castella que ahi esperavam por ella. E os portuguezes se tornaram, salvo D. João de Meneses, governador que fôra da casa do Principe, que com muitos e honrados fidalgos por mandado d'El-Rei sempre a servio e acompanhou até chegar onde estava El-Rei seu pai e a Rainha sua mãe, que com muito grande tristeza e sentimento a receberam.

CAPITULO CXXXVI

Partida d'El-Rei e da Rainha para Lisboa, depois da morte do Principe

Como a Princesa foi partida de Santarem, logo a Rainha se partio para o mosteiro das Virtudes, e d'ahi para Alenquer, onde El-Rei veio ter com ella, e ambos se foram ao mosteiro de Varatojo, onde por devoção estiveram alguns dias, e d'ahi foram ao lugar de Colares junto de Cintra, d'onde El-Rei mandou fazer o aposentamento da côrte em Lisboa para se ir lá. E no mez d'Outubro se vieram á cidade para nella tirarem o burel, que ainda todos traziam. E sem recebimento algum, pela mouraria foram decer e fazer oração ao mosteiro de Nossa Senhora da Graça, e ás portas da cidade junto com Santo André, por onde entraram, estavam todos los regedores e officiaes d'ella, e os fidalgos e cidadãos todos a pé vestidos de burel, e com as cabeças e rostos cubertos, e por um lhe foi feita uma breve falla de confortos e offerecimentos, cuja resposta de uma parte e da outra foram muitas lagrimas e soluços sem alguma outra palavra.

E acabadas as orações no mosteiro se foram decer aos paços d'Alcaçova, e acabados d'aposentar a Rainha foi logo vêr a camara onde parira o Principe, e indo já cortada e trespassada da dôr disse:

«Filho, aqui nesta casa onde vós nacestes com tanto prazer e contentamento meu, aqui seria muita razão que eu morresse e acabasse tão triste e escusada vida, pois fui tão desaventurada e desditosa Rainha, que perdi o nome de vossa mãe com que eu era tão bem-

aventurada, e ainda não abastou perder-vos a vós, mas da maneira com que vos perdi; e sem de vós nem de mim ficar filho com que alguma hora me podesse confortar».

E com isto cahio no chão como morta.

Foram-no dizer a El-Rei, que andando tão cheio de paixões e tristezas acudio logo á pressa com remedios e confortos com que a tornou a seus sentidos, e lhe pediu muito que se consolasse.

GAPITULO CXXXVII

De como El-Rei deu os mestrados de Santiago e d'Avis ao senhor D. Jorge seu filho

LOGO depois da morte do Principe, El-Rei suplicou ao Papa Innocenio pela governança e ministrança dos mestrados de Santiago e d'Avis para o senhor D. Jorge seu filho. E estando El Rei em Lisboa lhe vieram as letras de ambos despachados, e logo lhe foi dada obediencia pelos commendadores e cavalleiros das ditas ordens no mosteiro de S. Domingos, a doze dias d'Abril de mil quatrocentos e noventa e dois, onde aquelle dia ouvio missa d'estado.

E deu-lhe El-Rei por aio e governador de sua casa D. Diogo d'Almeida, que d'ahi a poucos dias foi Prior do Crato por fallecimento do Prior D. Vasco d'Atayde. O qual D. Diogo foi homem mui principal, e foi mui valente cavalleiro e muito grande cortesão, e de muitas e boas qualidades, e muito aceito a El-Rei.

CAPITULO CXXXVIII

Do que El-Rei respondeu a certos senhores que o confortavam pela morte do Principe seu filho

ESTANDO El-Rei assi anojado, depois de passarem alguns dias em que já entravam com elle certos senhores e pessoas principaes do conselho, o estavam confortando e buscando modos e maneiras para o consolar, e elle respondeu :

«Eu verdadeiramente por cima de tanta tristeza, tanto nojo e desconsolação, dou muitas graças a Deos, pois elle foi servido de me assi levar meu filho, que elle só sabe o que faz, e nós não podemos saber nem alcançar seus secretos e escondidos juizos: e vos certefico que de uma cousa só estou em alguma maneira confortado, que é parecer-me que Nosso Senhor Jesu Christo se lembra da gente d'estes reinos, porque meu filho não era para ser Rei d'elles; no que mostrou tamanho amor a seus povos». E dizia El-Rei isto porque o Principe era muito cheio de branduras, e prezava-se muito de sua gentileza, e vestia-se sempre de tabardos, e com martas ao pescoço forradas de setim e guarnecidas d'ouro, cousa mais de mulheres que de homens, e não queria trazer capas abertas, nem espada, de que El-Rei recebia muita paixão, e tambem de vêr as pessoas com que folgava, que não eram as que El-Rei desejava e queria, senão homens delicados e brandos, e com quanto o reprendia e amoes-tava, e com muito amor ensinava, não lhe podia tirar seu natural, que El-Rei havia que não era para a condição d'estes reinos. E claramente o Principe era mais inclinado ás cousas d'El-Rei D. Affonso seu avô

que ás d'El-Rei seu pae, e era mais brando e macio do que cumpria, que se isto não fôra, segundo o grande amor que lhe tinha, El-Rei morrera de nojo e paixão de sua morte. Mas este descontentamento e o grande amor que a seus naturaes tinha, lhe deu Deos por remedio de tamanha perda e desconsolção como a sua era.

CAPITULO CXXXIX

Da mercê que El-Rei fez aos filhos de D. Pedro d'Eça e aos de Vasco Martins de Mello

O Alcaide mór de Moura D. Pedro d'Eça, muito bom cavalleiro, e homem que El-Rei estimava, estando para morrer em Santarem, onde El-Rei estava, mandou pedir por mercê a Antão de Faria que o fosse vêr, e por elle mandou dizer a El-Rei que elle estava em passamento, e por tanto mandava a Sua Alteza as chaves da fortaleza de Moura, de que lhe tinha feita mercê; e El-Rei ouvindo o recado, pensando-lhe muito de assi estar, disse a Antão de Faria que logo lhe tornasse as chaves e lhe dissesse que aos taes cavalleiros como elle era, não acostumava tirar o seu a seus filhos, mas antes lhe fazer muitas mercês, que tomasse as chaves, e que a fortaleza e quanto d'elle tinha repartisse por seus filhos á sua vontade como cousa sua propria, e mandasse fazer os despachos, que logo foram feitos e assignados em sua vida, e lhe mandou dizer muitas palavras de conforto para tal tempo, de que D. Pedro foi muito consolado, e ficou mui satisfeito.

E quando se finou Vasco Martins de Mello, alcaide

mór do Castello de Vide, um fidalgo principal foi pedir a El-Rei que lhe fizesse mercê do dito castello, e El-Rei lhe respondeu:

«O que farei por amor de vós será guardar-vos segredo, e não saber pessoa alguma que me pediste issó, porque a um homem que tem cinco filhos que me servem já com a lança na mão, eu não ousaria de pedir o seu».

E logo sem requerimento deu o castello a Duarte de Mello, seu filho maior, e o que mais tinha repartio pelos outros filhos.

CAPITULO CXL

Do fundamento e principio do Esprital grande de Lisboa

N^o anno de mil e quatrocentos e noventa e dois, a quinze dias do mez de Maio, mandou El-Rei perante si fundar e começar os primeiros alicerces do Esprital grande de Lisboa, da invocação de Todos os Santos, na maneira em que ora está feito, o qual lugar era horta do mosteiro de S. Domingos. E nos primeiros alicerces El-Rei por sua mão por honra de tão santo, tão grande e piedoso edificio, lançou muitas moedas d'ouro, e esse dia andou todo ahi vendo como se começava, e comeo em casa do conde de Monsanto, que é pegada com a horta do dito Esprital.

E neste anno El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel de Castella tomaram por cerco a cidade de Granada aos mouros, que por ser cousa de honrada memoria se põe aqui.

CAPITULO CXLI

Do que El-Rei respondeu a um recado da Rainha de Castella

SENDO o Principe D. Affonso que Deos haja, casado com a Princesa D. Isabel, filha d'El-Rei D. Fernando e da Rainha D. Isabel de Castella, estando em muita paz e muita liança, e muito grande amizade, a Rainha D. Isabel mandou dizer a El-Rei que desejava muito de vêr a cidade de Lisboa, e vir a ella com vinte de mula sómente, se elle d'isso houvesse prazer, e El-Rei lhe respondeu que assi desejava elle muito entrar em Sevilha com cincoenta cavalos a destro diante d'elle.

CAPITULO CXLII

Do que El-Rei disse quando deu o officio de mordomo-mór a D. João de Meneses

DEPOIS da morte do Principe pouco tempo, se finou D. Pedro de Noronha, mordomo-mór d'El-Rei, homem de muita honra e grande autoridade, e pedindo-lhe o officio muitos senhores e pessoas aceitas a elle, El-Rei o deu a D. João de Meneses, que fôra governador da casa e terras do Principe seu filho, que depois foi conde de Tarouca e Prior do Crato, homem de muito merecimento, e cuidando alguns que por andarem mais metidos com El-

Rei desse o officio a outrem, lhe disseram um dia em pratica :

«Senhor, nunca cuidamos, nem nos pareceu, que Vossa Alteza desse este officio de mordomo-mór a D. João» ; e El-Rei lhe respondeu.

«Sabeis por que lho dei? dei-lho porque sempre me falla verdade, ainda que me nisso não falle á vontade, e verdadeiramente se os officios se dessem por taes aderencias, haveria ahi poucos agravados, e quiçá os Reis seriam melhor servidos».

CAPITULO CXLIII

De quando El-Rei defendeu as mulas

NESTE tempo, porque El-Rei provia as cousas antes d'haver necessidade d'ellas, e vendo que a liança de Castella com a morte do Principe ficava desatada, por cima da muita paz e amisade que tinham, defendeu que em todos seus reinos não houvesse mula de sella, nem besta que não fosse marcã ; não quiz que prelados nem outro nenhum clerigo podesse andar nellas, e porque muitos abbades e clerigos abastados d'Entre Douro e Minho, e de Traz-los-Montes mandaram requerimentos a El-Rei que lhe guardasse os privilegios da egreja, e que não lhes deffendessem mulas, senão que apellariam para o Papa e mandariam sobre isso a Roma; como lhe nisso tocaram disse que elle não queria entender na jordição da egreja: que as tivessem muito embora, que elle faria o que por sua jordição e poder podia fazer. E mandou logo apregoar em to-

dos seus reinos que qualquer ferrador ou homem que ferrasse mula de sela, que morresse por isso, e nunca com isto quiz dispensar com ninguém. Por onde os clérigos sem terem com que ir nem mandar ao Papa deixaram as mulas, e em vida d'El-Rei nunca as mais houve.

CAPITULO CXLIV

Do que El-Rei fez a D. Francisco d'Almeida

D Francisco d'Almeida, que depois foi o primeiro visor-rei da India, andou em Castella nas guerras de Granada, onde fez mui boas cousas e ganhou muita honra e fama de muito bom cavalleiro. E depois de Granada tomada se veio a estes reinos, e El-Rei pelo bom nome que trazia lhe fez muita honra e favor.

E um dia estando El-Rei em Alcochete comendo, pela manhã, para ir a monte, D. Francisco veio á mesa com vestidos de monte e touca posta, e El-Rei lhe perguntou se comera já; respondeu:

«Senhor não, deixei-o para depois do monte acabado, porque é ainda cedo.»

E El-Rei lhe disse:

«Muito trabalho será esse. Assentai-vos ahi, e comei comigo.»

E mandou-o assenter em uma cadeira á mesa, e comeo com elle só perante muitos grandes e nobres que hi estavam em pé, só por ser bom cavalleiro.

CAPITULO CXLV

Do que El-Rei respondeu a Ruy Gil e Francisco de Miranda

UM Diogo Gil Magro, cavalleiro da casa d'El-Rei, em Evora injuriou muito a Alvaro Mendes do Esporam, homem bem honrado e muito bom cavalleiro, e por lhe parecer que estaria bem guardado e seguro d'elle, se foi á fortaleza d'Arrayolos, onde estava com Pero Jusurte, senhor da Villa, com que tinha muita amizade, bem guardado e temido.

E no anno de 92, João Mendes de Vasconcellos, e Diogo Mendes seu irmão, filhos do dito Alvaro Mendes, por astucia do pae com muita gente de cavallo e de pé que ajuntou, entraram por manha ao dito castello um dia ante manhã, e quebraram as portas da casa do dito Diogo Gil, e o mataram, do que pesou a El-Rei, porque lhe tinha boa vontade, e queria bem a Ruy Gil seu irmão, e era descontente de Alvaro Mendes.

E por o feito ser tão crime, e El-Rei não ter boa vontade ao dito Alvaro Mendes, Ruy Gil, com Ayres da Silva, camareiro-mór, por valedor pedio a El-Rei que lhe fizesse mercê das fazendas de Alvaro Mendes e seus filhos, que por bem de suas ordenações perdiam por fazerem assumadas com gente do extremo e de Castella, e entrarem uma fortaleza e matarem seu irmão; e El-Rei lhes respondeu :

«Melhor faria eu de dar a elles as fazendas de Pero Jusarte, e de vosso irmão, que a vós as suas : as de Pero Jusarte por quão mal guardou a fortaleza, e a de vosso irmão por quão mal se soube guardar.»

E porque El-Rei sobre o caso mandava tirar grandes inquirições, devassas, e fazer muitas diligencias; e era certo que o barão de Alvito, Diogo de Mendonça, Diogo de Azambuja, Ayres de Miranda, e outros deram para isso gente e ajuda: Francisco de Miranda falou a El-Rei sobre isso pedindo-lhe por mercê que não quizesse devassar sobre tantos e honrados homens, e que olhasse Sua Alteza como homem e não como Rei, se outro tanto fizeram a seu pae o que elle sobre isso fizera, e El-Rei lhe respondeu:

«Francisco de Miranda fizera o que elles fizeram, e por isso me haverei com elles temperadamente.»

E logo sem outro mais requerimento mandou cessar as devassas e inquirições sem fallar nisso mais, porque fôra sobre vingança de injuria de pae.

CAPITULO CXLVI

Do que El-Rei fez sobre uma caravela da Mina que lhe tomaram os francezes

NESTE tempo estando El-Rei em Lisboa, lhe tomaram os francezes uma caravela da Mina com muito ouro, tendo paz com França.

Tanto que o soube teve sobre isso conselho com os principaes que na côrte estavam, e todos lhe aconselharam que mandasse sobre isso uma pessoa a El-Rei de França, e elle disse:—«A mi me parece o contrario do que parece a todos vós outros, porque não quero que a pessoa que lá mandar possa ser mal ouvida, ou trazida em dilações, do que mais

me pesaria que da perda do ouro», e alevantou-se do conselho sem dizer o que queria fazer.

Acertou estarem em Lisboa dez náos de França grandes, e de boas mercadorias; mandou-as tomar logo todas, e recolher com muito recado as mercadorias na alfandega, e tirar-lhe as vergas e governalhos e metter nellas homens que as guardassem, e lançar os francezes fóra d'ellas. E mandou logo a grande pressa com grandes provisões e poderes a Setuvel, e ao reino do Algarve, Vasco da Gama, fidalgo de sua casa, que depois foi conde da Vidigueira e almirante das Indias, homem de que elle confiava, e servia em armadas e cousas do mar, a fazer outro tanto a todalas que lá estivessem, o que fez com muita brevidade. E assi mandou outro tanto á cidade do Porto e a Aveiro. E os donos todos d'ellas se foram a El-Rei de França clamar e pedir que lhes fizesse tornar o seu. E El-Rei de França poz logo tal diligencia, e mandou fazer tanto nisso, que houve tudo á mão, e mandou a El-Rei sua caravella com todo seu ouro, e o das partes, sem fallecer uma dobra. E assi o houve sem nisso falar, mandando-lhe ainda El-Rei de França desculpas, e aos donos das náos mandou logo entregar tudo da maneira que lhe fôra tomado, sem fallecer cousa alguma.

CAPITULO CXLVII

Do que El-Rei fez quando a sua não grande partio para Levante

MANDOU El-Rei fazer uma não de mil toneis, a mais forte e melhor acabada, e a maior que nunca até então fôra vista, de tão grossa,

forte e basta liança, e tão grosso tavaado, que a artelharia a não podia passar, e tinha tantas bombardas grossas e outras artelharias, que foi muito fallado nella em muitas partes, estando esta não com outros navios que com ella iam para partir para Levante, onde a mandava mais ricamente concertada, e com melhor gente que nunca não foi, e Alvaro da Cunha seu estribeiro-mór, pessoa de que muito confiava, por capitão-môr.

E estando em Restello para se partirem, e El-Rei em Cintra para ir a Belem e d'ahi a vêr partir, lhe veio recado que na não adoeceram de peste cinco ou seis pessoas, do que muito pesou a El-Rei, e lhe aconselharam todos que não fosse a Belem por o perigo que era. Chamou então D. Diogo d'Almeida, Prior do Crato, e D. Diogo Lobo, barão de Alvito, pessoas de muito autoridade, e disse-lhes que lhe agradeceria muito chegarem a Belem, e de sua parte dizerem a Alvaro da Cunha, e aos fidalgos e cavalleiros que com elle iam, que lhe pesara muito dos rebates que na não houvera, pelos não ir vêr como desejava, por ser aconselhado que não fosse lá, e que Nosso Senhor os levasse e trouxesse como elle e elles desejavam.

O Prior e o barão pesando-lhes da ida o disseram ao camareiro-mór Ayres da Silva, que por licença d'ambos disse a El-Rei que lhe parecia cousa pouco necessaria mandar taes pessoas e tão chegadas a elle sem necessidade a lugar tão perigoso, e El-Rei lhe respondeu: «Ora pois que hão medo, não vão, que eu irei lá.»

E ao outro dia levantou-se muito cedo, e foi-se ouvir missa a Belem, e ahi lhe beijaram a mão Alvaro da Cunha, e todos os fidalgos e cavalleiros seus creados que na armada iam, e acabado os despediu, e se tornou a jantar a Cintra.

CAPITULO CXLVIII

Do que El-Rei disse ao barão sobre um cavalleiro que fôra de seu pae

UM cavalleiro da casa d'El-Rei, que se chamava Braz Affonso, homem honrado e de bom saber, que fôra criado do barão D. João da Silveira, pediu por mercê a El-Rei que lhe desse licença para comprar um officio, e El-Rei lhe disse que tinha nisso pejo. Apertou elle que pedia por mercê a Sua Alteza que olhasse sua pessoa e seus serviços, e sua qualidade, e a de quem lhe o officio vendia, e que veria claramente que aquelle e outro maior cabia nelle. E El-Rei lhe tornou que tinha a isso pejo.

Foi-se o Braz Affonso a D. Diogo Lobo, filho maior do barão, que depois foi barão, e muito agastado lhe contou o caso, e D. Diogo foi fallar a El-Rei agravando-se de Sua Alteza negar aquella licença, merecendo elle outra coisa maior, e lhe disse bem d'elle, e El-Rei lhe respondeu:

«D. Diogo, não deixei de o fazer por elle não ser para o officio, mas homem que foi criado de vosso pae, e vós não me fallaveis por elle; pareceu-me que seria por sua culpa, e por ser de máo conhecimento, e o ingrato não pôde ser bom homem; mas agora que me vós dizeis que o é, e me fallais por elle; sou contente de lhe dar licença, e assi o fizera da primeira se me vós nisso fallareis.

CAPITULO CXLIX

Do que El-Rei disse a João Fogaça sobre Egas Coelho

Um Egas Coelho que ora é capitão de uma das ilhas Terceiras, era moço da camara d'El-Rei já homem, e tinha morto um cavalleiro, de que era livre, e temia-se muito dos irmãos, e andava armado e guardado, sendo ainda moço da camara, e uma noite ceando El-Rei, João Fogaça, veador, andava merencoreo dos moços da camara, e a quantos entravam dava com uma cana e arrepelava, que era algum tanto aspero de condição no officio. Acertou de entrar o Egas Coelho com capa e espada e armado não em auto para servir, e João Fogaça como o vio se foi a elle, e lhe quizera dar com uma cana, e elle lhe disse:

«Senhor, não me deis que sou homem, e não venho agora para poder servir».

E o veador querendo-lhe todavia dar, alevantou a cana para isso, e elle apunhou a espada, e disse:

«Se me dais meterei esta espada em vós».

Foi grão rumor na sala, e João Fogaça não lhe deu, e foi rijo fazer queixume a El-Rei alto perante muitos que á mesa estavam.

El-Rei chamou logo o Egas Coelho, que estava já preso, e perguntou-lhe como fôra, e elle mostrou como vinha armado, e disse:

«Vossa Alteza sabe como ando temido, e porque, e vinha agora não para servir á mesa, e sendo tão homem como sou, e andando armado, o veador sem causa alguma que eu fizesse me queria dar com um

cana como a moço perante tanta gente, e por isso Senhor fiz o que fiz. Vossa Alteza me pôde castigar como quizer».

El-Rei lhe disse que fizera bem, e que por isso lhe não dava castigo algum, que se fosse embora, e disse a João Fogaça alto :

«Veador, não são esses os moços da camara que se hão de castigar com cana, e mais vindo da maneira que esse vem».

E não fez mais nada, antes teve em boa conta o Egas Coelho por olhar assi por sua honra.

CAPITULO CL

Do que El-Rei fez a Pero d'Alenquer, piloto

EL-REI por ter a Mina guardada, fez crêr em sua vida que navios redondos não podiam tornar da Mina por caso das grandes correntes, sómente navios latinos, e isto porque em nenhuma parte da christandade os ha senão as caravellas de Portugal e do Algarve, e os galeões de Roma que não são para navegar tão longe.

E um dia estando El-Rei á mesa praticando por que navios redondos não podiam vir da Mina, disse um Pero d'Alenquer muito grande piloto de Guiné, e que bem tinha descuberto, que elle traria da Mina qualquer náo por grande que fosse. E El-Rei lhe disse que não podia ser, pois já muitas vezes se experimentara, e que todas as que lá mandara não poderam vir. E o Pero d'Alenquer se affirmou que o faria e se obrigaria a isso. E El-Rei disse :

«A um vilão peço não ha cousa que lhe não pareça que fára, e em fim não faz nada».

E depois de comer o mandou chamar só, e lhe disse a causa porque aquillo lhe dissera, e que lhe perdoasse, porque cumpria assi a seu serviço, e que outra hora não dissesse tal, e o tivesse em grande segredo, e lhe fez mercê de que elle foi bem contente, e sempre em vida d'El-Rei se teve por muito certo que não podiam vir da Mina e d'essas partes de Guiné, e por isso teve sempre todo Guiné muito guardado.

CAPITULO CLI

Do que El-Rei fez a uns capitulos que lhe mandaram de Coimbra sobre um cavalleiro que lá mandou

HAVENDO em Coimbra grandes bandos entre o Bispo e o Prior de Santa Cruz, e a cidade toda revolta, mandou El-Rei lá um cavalleiro de sua casa, valente homem, e de quem confiava, com grandes poderes a pacificar os bandos.

Foi e prendeu muitos homens, e outros degradou da cidade, e emprazou para a côrte, e pôs nisso tanta força e diligencia, que pacificou tudo. E porque alguns homens ficaram scandalizados d'elle, mandaram a El-Rei uns grandes capitulos de cousas que lá fizeram-lhe queixume que dormira com mulheres. E quando achou que não era com casadas, nem com freiras, nem forcara nenhuma, mandou logo perante si queimar os capitulos. E disse, que touro capado não era bom para corro.

CAPITULO CLII

*Do que El-Rei disse ao Bispo de Tangere sobre D.
Diogo de Crasto*

D Diogo de Crasto, alcaide-mór do Sabugal, era muito valente cavalleiro, e homem que El-Rei por isso estimava e fazia muita honra. E porque era muito apaixonado, e solto em suas palavras quando tinha paixão, e El-Rei porque lhe queria bem receava soltasse alguma palavra de máo ensino, ou de pouco acatamento perante elle, por onde fosse necessario castiga-lo, do que lhe pesaria, lhe mandou dizer por D. Diogo Ortiz, Bispo de Tangere e seu capellão mór, que elle folgava de lhe fazer mercê, e que sempre lha faria, que lhe rogava muito que quando alguma cousa lhe quizesse requerer fosse por outrem e não por si, por escusar paixões, de que lhe depois pesaria muito. Tanto cuidado tinha dos homens, que não abastava ensina-los, mas ainda os desviava dos caminhos em que podiam errar.

CAPITULO CLIII

*Do que El Rei disse a um homem que bebia vinho
mais do necessario*

UM homem honrado, que se não nomeia, folgava de beber vinho, e porque o El-Rei não bebia, havia-se por tacha, e todos em geral trabalha-

vam por seguir as obras e condição d'El-Rey. E este homem ás vezes lhe fazia o vinho damno, de que El-Rei tinha desprazer. E um dia o mandou chamar, e elle por não cheirar a vinho comeu folhas de louro, a que muito cheirava, e El-Rei lhe disse :

«Foão, debaixo d'esse louro a como val a canada»
De que o homem ficou envergonhado e trabalhou de se emmendar.

CAPITULO CLIV

Do que El-Rei D. Fernando e a Rainha D. Isabel de Castella, e El-Rei Carlos de França, e outros disseram por El Rei

Muitos grandes disseram a El-Rei D. Fernando de Castella que devia de castigar muito o seu chronista-mór, porque o vencimento e toda a honra da batalha de Touro dava ao Principe de Portugal, e que elle só sôra o vencedor. E tantas vezes lho disseram, e apertaram que o visse, que El-Rei mandou vir o chronista perante si, e lhe fez lêr o capitulo perante os que lho tinham estranhado. E depois de visto, como singular Principe que era, e mui esforçado Rei, disse ao chronista que estava muito bem escripto, e que não tirasse nem pozesse palavra, porque tudo aquillo e muito mais era verdade, que elle o vira muito bem por seus olhos, e que assi ficasse escripto, porque assi era verdadeiramente. Palavras certo de muito louvor para ambos, e ambos foram singulares Principes.

E a Rainha D. Isabel de Castella estando um dia uns grandes senhores com ella, cuidando que lhe

apraziam nisso lhe disseram mal d'El-Rei D. João. E ella como tão excellente e singular Princesa como era lhes respondeu:—«Provesse a Deos que taes fossem meus filhos como elle é».

E outra vez estando em quebra com El-Rei lhe disseram muitos senhores em um conselho, para que sofria tantas cousas a El-Rei de Portugal, que lhe fizesse guerra e lhe tomasse o reino. E ella lhes perguntou para vêr como se poderia fazer, que gente de cavallo haveria em Castella e em Portugal, sabendo-o ella mui bem. Disseram-lhe que em Castella haveria dezaseis mil de cavallo, e d'ahi para cima, e em Portugal a todo mais sete ou oito mil, e ella lhe respondeu:

«Que faremos nós a isto, que esses todos são filhos, e os nossos são vassallos!»

Isto dizia a Rainha porque sabia em quanto extremo El Rei era amado dos seus, e que todos haviam de morrer diante d'elle.

E quando lhe deram a nova de como El Rei era morto, disse: «Agora morreu o homem que eu em tanta estima o tinha».

E El-Rei Carlos de França fazendo a maior parte da christandade liga contra elle, quando lho disseram, disse que não dava nada por isso, que para desbaratar todos não havia mister mais que ser com El-Rei D. João de Portugal seu irmão, e que para tomar o mundo elles ambos abastavam; e este foi singular Principe.

O Cardeal de Portugal D. Jorge da Costa, querendo grande mal a El-Rei D. João, e muito grande bem a El-Rei D. Affonso cuja feitura era, quando lhe disseram como era morto El-Rei D. João, em Roma onde estava disse perante muitos: — «Agora morreu o melhor Rei do mundo, filho do melhor homem do mundo.

Foi El-Rei tal que seus imigos em vida, e depois de morto, não podiam deixar de dizer bem d'elle e louvarem suas obras. E Monseor Descalas, irmão da Rainha de Inglaterra, homem mui principal, veio a vêr Portugal e Castella, e a guerra de Granada, e tornou por Lisboa, onde El-Rei lhe fez muita honra e mercê, e deu mui honrada embarcação em que foi. E lá em Inglaterra fallando nas cousas de cá, lhe perguntou El-Rei qual era a cousa que melhor lhe parecera. E elle respondeu que vir'a uma de que vinha mui satisfeito, a qual era vêr um homem que mandava todos e ninguem mandava a elle; e isto dizia elle por El Rei D. João, o qual foi sempre tanto contra sua condição ser mandado, que disse um dia, que por menos mal haveria a um Rei ser puto ou herege, que eram as piores partes que podia ter, que ser mandado.

E o Prior do Crato, D. Diogo d'Almeida, pessoa mui principal e mui aceito a elle, estando El-Rei um dia em uma pratica com outros não falando com elle, o prior atravessou-se e falou, e elle lhe respondeu:

«Isso será querer mostrar que tendes comigo valia».

E outro dia estando El-Rei assignando encostado sobre a mesa, o Prior se chegou por detrás muito a El-Rei com o barrete na cabeça, e El-Rei quando o vio tão perto, disse alto:

«Chegae-vos para lá mais, que o Rei não tem avesso nem direito.»

Tudo isto a fim de não parecer a alguem que o podia governar, e assi viveo sempre absolutamente senhor até á hora de sua morte.

CAPITULO CLV

e como se descubrio o reino de Manicongo, e de como El-Rei e a Rainha foram feitos christãos

No anno de mil e quatrocentos e noventa e dois, estando El-Rei na cidade de Lisboa, lhe veio recado como El-Rei de Manicongo, muito ande Rei e senhor em Guiné, e muito além da na, era feito christão; e de como se fez e seu reino terra se descubrio, foi na maneira seguinte:

No anno de mil e quatrocentos e oitenta e cinco, sejando El-Rei o descubrimento da Índia e Guiné, e o Infante D. Anrique seu tio primeiro que nenhum incipe da Christandade começou, mandou no dito no sua frota á dita costa, armada e provida para uito tempo como cumpria, e por capitão mór d'ella mandou Diogo Cão, cavalleiro de sua casa, que tra vez já lá fôra por seu descubridor. O qual indo la dita costa com assaz perigo e trabalho, foi ter m a dita armada ao rio de Manicongo, que é uns s grandes que no mundo se sabe d'agua doce, que de largo duas legoas, e de alto em toda a boca e uito dentro setenta braças, e dizem que entra pelo tão trezentas legoas, e que traz tanta força que lo mar faz corrente ao longo da costa cincoenta leas, o qual rio e terra de Congo é de Portugal mil setecentas legoas, onde por ser tão longe da outra ra de Guiné já descuberta não se poderam entender com a gente da terra, e levando muitas lingoas nhuma entendia, não sabia aquella linguagem. O al capitão por assegurar a gente da terra e lhe te-

rem boa vontade, determinou de mandar ao Rei da terra que estava longe pelo sertão, um presente, o qual lhe logo mandou por certos christãos, de muitas cousas, desvariadas umas das outras, e lhe mandou dizer como a dita armada era d'El-Rei de Portugal, que com todo o mundo tinha paz e amisade. E por lhe dizerem quão grande Rei elle era, desejando de a ter com elle, e muita prestança e trato, o mandava buscar, e dizendo-lhe logo o proveito e honra que aos seus e a sua terra d'ahi lhe poderiam vir. Os quaes christãos com o presente chegaram ao Rei, e foram d'elle recebidos com muita honra, muito prazer e alegria, e espanto, e muito bem agasalhados, e folgou tanto de os vêr e perguntar-lhe por as cousas de cá, que os não podia despedir de si e deixa-los tornar á frota, e pela muita tardança sua pareceu ao capitão que devian de ser captivos ou mortos, e vendo que os negros na terra se fiavam d'elle, e entravam já nos navios, determinou não esperar os christãos que mandara, e partiu-se com alguns d'aquelles negros, e assi o fez. Porque os que primeiro se fiaram e vieram á frota acolhe-os dentro, e não os deixou mais sair a terra, e se veio com elles para Portugal, não nos trazendo como captivos, mas com fundamento que depois de aprenderem a lingoa e costumes nossos, e a tenção d'El-Rei, tornariam a Manicongo, e por elles se poderia bem saber tudo o que cumprisse de uma parte e da outra, porque lhe pareceu que d'outra maneira não podia ser, e antes que o dito capitão do porto partisse, o certificou assi ás gentes da terra, e prometeu que antes de passarem tantas luas, que é o modo em que elles contam os tempos, com ajuda de Deos tornaria aquelles que levava alli d'onde os tomara, vivos e sãos com muita honra e riqueza, e com isto seguiu todo aquelle tempo as vidas dos chris-

tãos que tinha mandado ao Rei, o qual tomou por isso sentimento, havendo tudo por mentira, e determinando que passado o tempo se os seus não viessem mandar matar os christãos que lá ficaram. E com quanto d'antes folgava muito com elles, depois não nos quiz mais vêr.

E os negros vindo a estes reinos, com quanto foram trazidos sem ordenança d'El Rei, elle folgou muito com elles, principalmente porque entre elles actraram de vir homens fidalgos e principaes da casado Rei, e de muito bom saber. Os quaes mandou bgo-vestir de finos panos e sedas, e trata-los muito bem, honra-los e favorece-los, e mandou a todos que assi o fizessem, e elles sempre no mar foram do capitão honradamente tratados, e depois de serem muy bem informados da virtuosa tenção e vontade d'El-Rei, que era serem christãos, e assi depois de terem vistas muitas cousas principaes d'estes reinos e maneira de nossa Fé, El Rei houve por bem que os tornassem a sua terra, e mandou logo armar sua fota para o dito descubrimento, e nella mandou os ditos negros despedidos com muita honra e grandes mercês das cousas d'estes reinos que lhe a elles melhor parecia.

E assi enviou por elles ao dito Rei do Congo sua embaixada com um presente rico de muitas e boas cousas, e lhe mandou offerecer sua amizade, e descobrir sua vontade, que era desejar sua salvação, convidando-o com razões e amoestações para a Fé de Jesu Christo Nosso Senhor, encomendando-lhe que deixasse os idolos e feitiçarias que tinha e adoravam em seu reino, dando-lhe para isso muitas e boas razões que elle podesse entender, e dito de maneira que elle se não scandalizasse pela erronia e idolatria em que vivia, que nisso teve El-Rei muito resguardo e temperança para com brandura o provocar.

CAPITULO CLVI

De como os negros chegaram a sua terra

CHEGOU a frota com os negros a terra de Manicongo, e o dito Rei com toda sua côrte, que é bem grande, houve grande prazer e contentamento com a vista dos seus fidalgos, que já davam por mortos ou captivos, sem esperança de os mais vêr. E vendo-os em trajos tão honrados tornados com tanta paz e saude, era em todos o prazer e alegria tanta, como se todos resuscitaram da morte á vida, e com a nova de sua tornada, que foi para todos de grande espanto e se espalhou por muitas partes, vinha tanta gente á côrte que se não podia estimar, porque os negros que vieram eram homens nobres e muito conhecidos.

E El-Rei de Congo com a embaixada e presente se havia por tão bemaventurado que se não conhecia, e mandava chamar aos grandes senhores seus vassallos para lhe dar parte de tanta gloria, fazendo a aquelles seus fidalgos que mui a meude em publico com altas vozes dissessem as virtudes, bondades e grandezas d'El-Rei de Portugal e dos seus reinos, e da honra e humanidade com que os tratara, e as muitas e mui grandes mercês com que os despedira, e assi o presente que lhe mandara, e a todos rogava muito que por amor d'elle se alegrassem com tanta honra sua. E que por honra d'El-Rei de Portugal fizessem muitas festas e prazeres.

E as palavras e amoestações para a Fé de Nosso Senhor Jesu Christo recebeu com tanta efficacia, que parecia que Deos as espiritara nelle, que com o muito

desejo que já tinha de sua salvação não dava lugar que o embaixador e frota de Portugal se partisse, pelo muito contentamento que levava em falar com os christãos. E depois de com muita graça e fervor mostrar desejo de querer ser christão, despedio o capitão e navios. E nelles mandou a El-Rei por seu embaixador Caçuta, que primeiro a estes reinos viera, homem mui principal, e a elle mui aceito, que depois de ser christão houve nome D. João da Silva, homem de bom natural e mui bom christão, amigo de Deos; e trouxe a El-Rei um presente de muitos dentes d'elefantes, e cousas de marfim lavradas, e muitos pannos de palma bem tecidos, e com finas côres.

E o principal de sua embaixada era beijar-lhe as mãos pelo cuidado que tivera de lhe honrar em sua vida o corpo, e lhe procurar a salvação para sua alma. E que elle em sua vontade havia El Rei por tão bemaventurado e de tanto coração e saber, que elle havia por boa ventura sua reger-se por suas leis e sobre sua Fé se salvar, porque aquella e não outra havia de ser a verdadeira, pois Deus nella o criara. E que não podia ser que o Criador criaria cousa tão grande, tão boa e tão perfeita como elle era para o condemnar, e que por tanto cria o que lhe dizia, e desejava de vontade de o fazer, pelo qual lhe pedia muito por mercê, e pelo nome de Deos, que aquillo para que o convidara, que era receber a agoa do santo baptismo, não lhe tardasse mais. E que para isto, pois seus reinos eram tão apartados uns dos outros, que em pessoas se não podiam vêr, lhe pedia muito por mercê que lhe mandasse logo frades e clerigos, e todas as cousas necessarias para elle, e os de seus reinos receberem agua de baptismo. E assi lhe mandasse pedreiros e carpinteiros para lhe fazerem egrejas e casas de oração como as d'estes reinos, e tambem lhe

mandasse lavradores para lhe mansarem bois, e lhe ensinarem a aproveitar a terra, e assi algumas mulheres para lhe ensinarem as do seu reino a amassar pão, porque levaria muito contentamento por amor d'elle, que as cousas do seu reino se parecessem com as de Portugal.

E assi enviou dizer a El-Rei outras cousas como homem mui prudente, e para começo de christandade mui necessarias, entre as quaes foi, que elle lhe pedia por mercê que certos moços pequenos de seu reino que lhe mandava, lhos mandasse logo fazer christãos, e ensinar a lêr e escrever, e aprenderem muito bem as cousas de nossa Fé, para que estes em tornando em seu reino por saberem ambas as lingoas e costumes que saberiam, poderiam a Deos e a elle muito servir, e aproveitar a todos de seu reino. Com a qual embaixada o dito embaixador chegou a El-Rei estando em Beja, no começo do anno de quatrocentos e oitenta e nove.

E com os requerimentos e tenção do Rei do Manicongo El Rei ficou tão ledo e tão contente de si, dando tantos louvores a Deos por cousa de tanto seu serviço como esta era, quanto um muito catholico Principe como elle podia fazer. E recebeu o embaixador com muita honra e gasalhado, e logo por suas vontades, elle e os de sua companhia com muita solemnidade foram christãos, e El-Rei e a Rainha foram padrinhos, e assi alguns senhores.

E depois de feitos christãos quiz El-Rei que estivessem nestes reinos até o fim do anno de quatrocentos e noventa, para que neste tempo soubessem bem a lingoagem e aprendessem os artigos da Fé, e os mandamentos divinos, e todo o mais que para serem christãos cumpria.

E sendo já prestes a frota para ir ao dito reino de

Congo, El-Rei mandou por seu embaixador ao dito Rei de Manicongo, Gonçalo de Sousa, fidalgo de sua casa, e capitão-mór da frota, que em ajuda do dito Rei tambem enviava, e com elle o dito D. João da Silva, embaixador, e em sua companhia muitos frades da Ordem de S. Francisco, e alguns d'elles bons letrados e de boa vida. E com elles mandou muitos e ricos ornamentos e cruces, castiçaes e galhetas, campainhas e sinos, e orgãos, e muitos livros, e todas as outras cousas necessarias para egrejas, tudo em muita perfeição.

E da maneira que se havia de ter com fazerem o Rei christão, e os de seu reino, teve sobre isso conselho, e do que se determinou com theologos levaram os frades mui clara instrucção.

E ordenado o presente para El-Rei, e os navios prestes, partiram de Lisboa segunda feira dezanove dias de Dezembro de mil e quatrocentos e noventa, e sendo junto com as ilhas do Cabo Verde, o dito Gonçalo de Sousa capitão mór, morreu de peste, porque á sua partida morriam d'isso em Lisboa, e assi falleceu após elle o dito D. João da Silva, e outro negro christão, com as quaes mortes os da armada foram mui anojados, e ficou por capitão mór da dita armada Ruy de Sousa, primo com-irmão do dito Gonçalo de Sousa, e seguindo sua viagem aportaram ao rio do Padrão no reino do Congo, por onde haviam de ir onde El-Rei estava.

E chegaram a este rio aos vinte e nove dias de Março de mil e quatrocentos e noventa e um, e era ahi senhor um tio d'El-Rei, que se chamava Monisonho, homem de cincoenta annos, e muito grande senhor, e de muito bom saber, e estava duas legoas do porto, onde lhe foi recado da frota, e pedido que o mandasse dizer a El-Rei.

E o dito Monisonho com mostranças de muito prazer e acatamento d'El-Rei de Portugal, sabendo como o D. João da Silva era morto, e christão, disse que morrera bemaventurado, pois morrera christão, e em serviço de taes dois Reis, e que por amor e reverencia de tão virtuoso e poderoso Rei como era El-Rei de Portugal, elle queria logo fazer tantas festas como se El-Rei seu senhor fosse presente, e para isso ajuntou muita gente, e a mais honrada, homens e mulheres, e a seu modo fez as maiores festas que entre elles havia.

E querendo-se os christãos que lhe levaram o recado vir, disse que não se agastassem que elle queria levar o recado ao capitão, e vêr o que nenhum de sua linhagem vira, e sobretudo queria ser christão, porque o Rei em que Deus posera tanta virtude e grandeza de coração, como em o Rei de Portugal, elle queria adorar quem elle adorasse, e crêr em quem elle cresse, e depois de com isto despedir os mensageiros christãos, partiu para o porto onde estavam os navios, acompanhado de tres mil archeiros e muitos tangeres, e muitos carregados com mantimentos, porque entre elles não ha bestas, e o capitão o sahio a receber fóra dos navios, acompanhado de boa gente bem armada com muitas espingardas, bestas e bombardas, e Monisonho o recebeu com muito prazer e grande gasalhado, e lhe mandou dar muita abastança de mantimentos, e mandou apregoar que todala gente ao outro dia fosse ahi junta para festejar El-Rei de Portugal, a qual veio muita infinda, e pediu ao capitão que o quizesse fazer christão, isto com tanta vontade e devoção que lhe disseram que si, e logo ordenaram casa de madeira muito bem concertada para isso, e tudo prestes, elle fez uma falla aos seus, em que lhes disse que no mundo não havia homens bemaven-

turados nem sabedores, senão os brancos, e que na perfeição de suas cousas o viram; por crêrem no Deus verdadeiro lhe dava suas cousas perfeitas e de verdade, pelo qual lhes fazia saber que elle se queria tornar christão, e que lhe não dava que por isso lhe quizessem mal, e todos lhe louvavam sua vontade, e pediram que tambem os fizesse christãos, que elles o queriam ser com elle. E elle lhe respondeu que lhe aprazia, porém que seria depois de o ser El-Rei seu senhor, que por não saber se o haveria por mal, não queria agora que o fosse mais que elle e um seu filho, e elles lh'o tiveram muito em mercê, com grão prazer e alvoroço.

E dia de Paschoa de Resurreição, tres dias d'Abril do anno de noventa e um, o dito Monisonho com grande devoção e tudo ricamente concertado, foi feito christão, elle e um seu filho. E elle quiz haver nome D. Manoel, por amor do duque, dizendo que pois era duque como elle, e parente mui achegado a El Rei, queria ter o seu nome. E ao filho chamaram D. Antonio. E acabado o officio os frades com muita devoção e lagrimas o levaram com procissão a sua casa, onde foi com tanta devoção e alegria, que disse aos seus que nunca em sua vida tivera tal prazer e contentamento como então.

E logo o dito D. Manoel mandou dar conta de tudo a El-Rei, e como elle e seu filho sómente eram feitos christãos, e El-Rei lhe respondeu logo por um grande senhor, primo com-irmão do Principe, agardecendo-lhe muito a honra e gasalhado que fizera aos christãos d'El-Rei seu irmão e amigo, e que fo'gava muito elle ser christão como elle o esperava ser, e que por o assi fazer que elle o estimava por grande e assignado serviço, lhe fazia por isso mercê de trinta legoas de terra ao longo da costa do mar, e dez le-

goas por o sertão, com todos os vassallos e rendas d'ella. Encomendando-lhe muito a frota e os christãos, e que tudo lhes dessem de graça, em tanta abundância como se fossem seus filhos.

E o dito dia de Paschoa se fizeram muitas festas, e á tarde o dito D. Manoel se apartou com os frades, e lhes pediu que lhe ensinassem o caminho de sua salvação; os quaes folgaram muito de sua confirmação e fé, e lhe disseram sobre isso todo o necessario, o que elle tomou como homem de muita prudencia e muita fé, e logo mandou por todos os idolos de sua terra, e perante os frades os mandou todos queimar e derribar, e desfazer todas as casas e altares em que estavam. E lhe disseram os frades missa cantada com órgãos, e ricos ornamentos que levavam para o Rei, e em grande maneira folgou de a ouvir, e esteve a ella com muita devoção, e sempre pedia aos frades que lhe ensinassem as cousas que era obrigado fazer para poder merecer salvação de sua alma, e este dia em que primeiro ouviu missa, por honra d'ella mandou que em sua terra para sempre se guardasse por dia santo, e outras cousas fez e disse como homem que nascera christão, o que certo parecia ser mais por milagre de Nosso Senhor Deus, que por outra nenhuma razão.

FIM DO SEGUNDO VOLUME





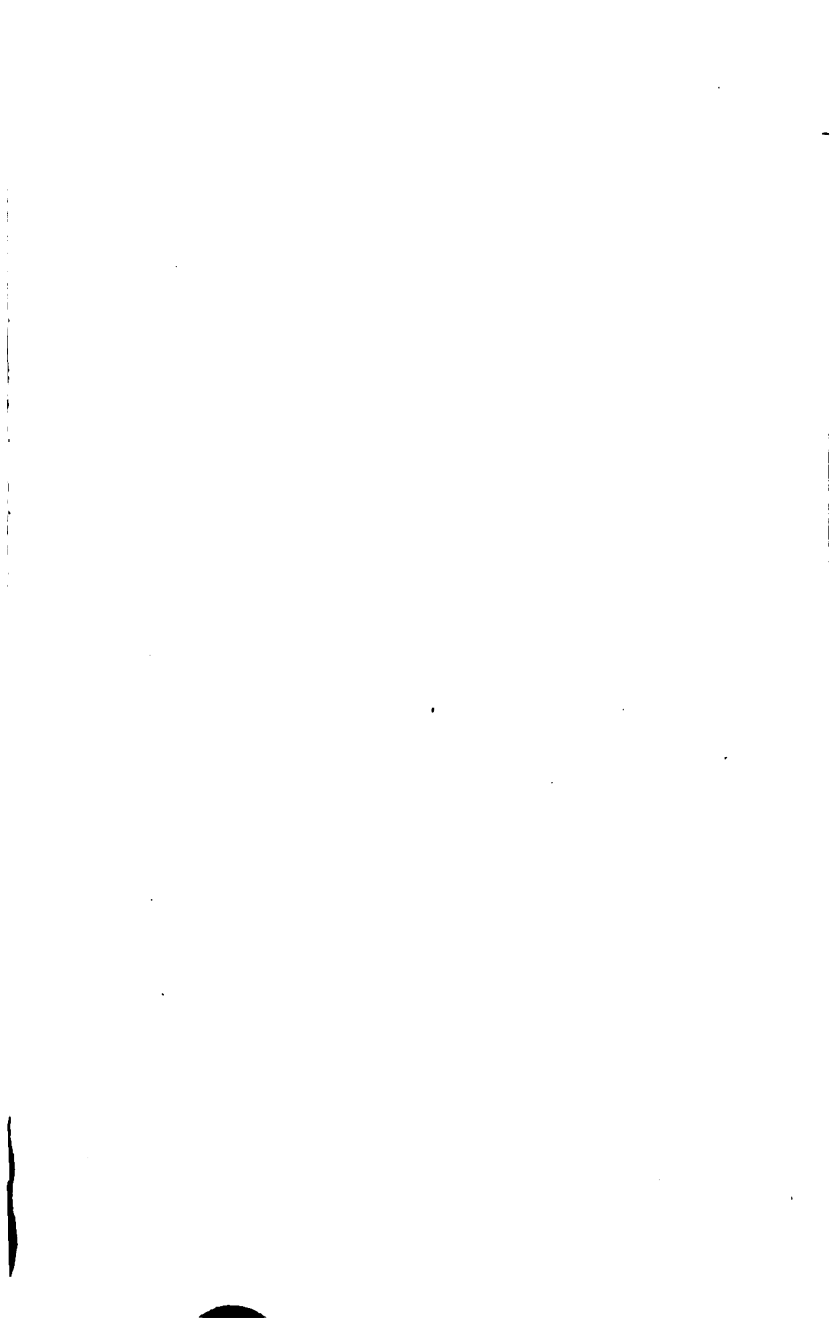
OBRAS PUBLICADAS

I — HISTORIA DO CERCO DE DIU, por <i>Lopo de Sousa Coutinho</i> , 1 volume.....	400
II — HISTORIA DO CERCO DE MAZAGÃO, por <i>Agostinho Gavy de Mendonça</i> , 1 volume	400
III — ETHIOPIA ORIENTAL, por <i>Fr. João dos Santos</i> , 2 grossos volumes.....	1\$500
IV — O INFANTE D. PEDRO, chronica inédita por <i>Gaspar Dias de Landim</i> , 3 volumes.....	700
V — CHRONICA D'EL-REI D. PEDRO I, (O CRU OU JUSTICEIRO) por <i>Fernão Lopes</i> , 1 volume.....	400
VI — CHRONICA D'EL-REI D. FERNANDO, por <i>Fernão Lopes</i> , 3 volumes	1\$200
VII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Fernão Lopes</i> , 7 volumes.....	2\$800
VIII — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO I, por <i>Gomes Fannes d'Azurara</i> , VOL. I, II E III (VIII, IX E X).....	1\$200
IX — DOIS CAPITÃES DA ÍNDIA, por <i>Luciano Cordeiro</i> , 1 volume.....	400
X — ARTE DA CAÇA DE ALTENARIA, por <i>Diogo Fernandes Ferreira</i> , 2 volumes.....	800
XI — APOLOGOS DIALOGAES, por <i>D. Francisco Manuel de Mello</i> , 3 volumes.....	1\$200
XII — CHRONICA D'EL-REI D. DUARTE, por <i>Ruy de Pina</i> , 1 volume.....	400
XIII — CHRONICA D'EL-REI D. AFFONSO V, por <i>Ruy de Pina</i> , 3 volumes.....	1\$200
XIV — CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO II, por <i>Garcia de Resende</i> , vol. I e II.....	800

EM PUBLICAÇÃO

CHRONICA D'EL-REI D. JOÃO II, por *Garcia de Resende*, vol. III

BF



DEC 16 1959



